

A FILHA *proibida* DA MÁFIA

MARI SALES

A FILHA *proibida* DA MÁFIA

MARI SALES

1ª. Edição

2024

Copyright © Mari Sales

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangíveis ou intangíveis – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Dedicatória
Sinopse
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29

Capítulo 30
Epílogo
Agradecimento
Sobre a Autora
Outras Obras

Dedicatória

Para todas que tiveram uma fase rebelde na adolescência e transgrediram as regras dos pais, movidas pelo desejo de liberdade.

Sinopse

O advogado Giuliano Camargo entregou seu coração para a mulher errada. Intenso e dedicado, ele foi traído e ficou cego pelo desejo de vingança. Os planos mudaram quando uma jovem curiosa se tornou sua obsessão.

A herdeira do homem mais poderoso da cidade, Emanuelle De Leon, estava fazendo dezoito anos. Como presente, seu pai ordenou que todos os garotos de sua idade não se aproximassem, porque nenhum era digno. Contrariada, Manu fingiu ser uma dançarina em um clube e se entregou para um homem mais velho.

Era para ter sido apenas um ato rebelde, mas Emanuelle acabou se apaixonando pelo inimigo do seu pai, sem saber.

De Leon odiava a família Camargo, aquele romance estava fadado ao fracasso, mas Giuliano enfrentaria até o mais temido dos homens para ter uma segunda chance no amor.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

Assine a minha Newsletter: http://bit.ly/37mPJGd



Prólogo

Giuliano

O orgulho ferido de um homem poderia transformá-lo de muitas maneiras. No meu caso, levou-me para o fundo do poço. O que me surpreendeu foi descobrir uma nova forma de sentir prazer, ao humilhar aquela que me desgraçou.

Eu era maduro o suficiente para compreender que parte do que me aconteceu era minha responsabilidade. Deixei-me ser usado e enganado, a mulher que achei ser a perfeita parceira nada mais era que uma depravada sem escrúpulos.

Ainda não tinha simpatia por Theo Ferraz, o ex-amante dela, por mais que fôssemos iguais aos olhos de Madá. Uma vítima de sua manipulação e desejos sórdidos, ela era magnífica na cama, sedutora nas atitudes, mas sua alma era podre.

Depois que comecei a frequentar o Clube Anjo Perverso, entendi o quanto eu apreciava a sedução inescrupulosa e o proibido. A traição tinha um sabor amargo, mas não deixava de excitar e transformar um cavalheiro em amante perverso.

Fiquei conhecido por ser o parceiro ideal para mulheres casadas, homens que se excitavam ao ver a esposa com outro me chamavam para executar o fetiche. Eu fazia questão de que tudo acontecesse no salão principal do clube, aos olhos julgadores de todos e de Madalena Barcelos.

De um jeito sádico, eu apreciava as chamas que brilhavam nos olhos dela ao me ver tomar uma mulher que não fosse ela. A cada ida ao Clube, localizado em Lumaria, a cidade que eu nem deveria mais pisar por conta do meu sobrenome Camargo e a rivalidade com o mafioso local, eu me fartava de satisfação e vingança.

Madá não conseguia se controlar. Depois do espetáculo que eu dava, ela corria atrás de mim, implorando por atenção e mais uma chance de revivermos a paixão que existia entre nós. Ela teve tudo do bom e do melhor, eu estava disposto a dar o mundo para que ela fosse minha esposa e gerasse meus filhos.

Com trinta e oito anos, tinha aceitado que formar uma família não era para mim. Então, viveria intensamente em meio à luxúria, viagens e um ótimo trabalho.

Aquela mulher fez com que eu enterrasse meus sonhos. Para puni-la, retribuiria o favor. Assim que descobri que Madá tinha se transformado em acompanhante de luxo no Clube Anjo Perverso, decidi me arriscar, para que eu pudesse ter a satisfação de vê-la tão humilhada quanto eu.

Depois que ela implorava por atenção, ordenava que se ajoelhasse e gozava em sua boca. Aquele era o ato obsceno que tinha sido dado apenas em nossa ruptura, esfregando na minha cara que eu não era bom de cama. Apenas meu pau lhe seria grato, enquanto eu mesmo queria a sua destruição.

Um hábito era formado em vinte e um dias. Para quem estava naquele ritmo há meses, eu diria que tinha se tornado parte da minha essência. Despudor e sacanagem, o sexo que sempre considerei sendo parte de um relacionamento amoroso se transformou em arma de destruição.

Então, depois de uma noite intensa e com muitos orgasmos com desconhecidas, eu voltava para casa em Carmantil, cidade próxima, onde eu tentava reconstruir a minha vida. Depois que Leonel De Leon expulsou todos os que possuíam alguma relação com a família Camargo de Lumaria, o risco não era apenas a minha vingança, mas despertar a ira de um mafioso inescrupuloso.

Em uma daquelas noites obscuras, no estacionamento do Clube, reconheci um primo de segundo grau. Eu tinha me afastado de todos, até de meu irmão, então, era muito estranho a presença daquele parente em um local tão perigoso. Pelo visto, eu não era o único que estava assumindo altos riscos, não poderia julgar. De Leon destruiu muitos Camargos.

O melhor que eu fazia era ir embora sem cumprimentá-lo, mas João Victor Camargo me viu, dispensou a pessoa que estava ao seu lado que não foi possível reconhecer, para vir até mim.

— Sabia que você era tão corrupto quanto nossos tios. — Ele estendeu a mão para me cumprimentar e eu o fiz, com desgosto.

— Gostar de sexo não interfere em como eu lido com os negócios.

— Mas está em Lumaria.

— Você também.

— Pois é. — Ele sorriu com malícia, eu tinha pouco contato com aquele lado da família, justamente por serem prepotentes demais. Para eles, todo mundo tinha um defeito ou poderia falhar, eu tentava fazer diferente daqueles que foram destruídos por causa da soberba. — Está indo embora?

— Sim. Eu nunca te vi na parte de dentro do clube.

— Porque meus negócios acontecem do lado de fora. As putas ficam no quarto. — Ele me analisou dos pés à cabeça e cruzou os braços. — Tem certeza de que só está aqui pelas bocetas? Há muitas outras por todo o país.

— Até mais, João. — Destravei o carro e abri a porta, dispensando-o.

— Tome cuidado, Giuliano. — Ele segurou na maçaneta do lado de fora enquanto eu me acomodava no banco. — Há olhos de De Leon em todos os lugares.

— Sou apenas um advogado tendo um bom tempo em um Clube para adultos. Nunca fiz parte dessa guerra.

— Você disse certo, guerra. Aqui é território inimigo, nós não brincamos em serviço. Quando os tiros começarem a ser disparados, de que lado você estará?

— A única batalha que existe é com meus próprios demônios. Essa luta é de vocês. — Puxei a porta e ele a soltou, para que eu pudesse fechá-la.

Respirei fundo, liguei o som do carro e dei partida, tentando me acalmar. Sabia que algo estava acontecendo ou iria acontecer. O mais prudente seria nunca mais me aproximar de Lumaria e deixar que o restante dos Camargos se afundasse em suas disputas de ego. Eu não precisava dos detalhes sobre o extermínio que De Leon fez da minha família, para me colocar bem longe para sobreviver.

Mas eu não era mais o homem correto e cavalheiro de antes de conhecer Madá. Além de imprudente e revoltado, a sede de vingança era maior do que meu juízo. Quanto mais perigoso, mais tesão eu sentia. Cada mulher casada que eu tomava na frente do marido, sob o olhar atento da minha ex, me estimulava ainda mais para frequentar o clube.

“Não posso te ver nos olhos

Meu próprio pequeno parasita

Nós pegamos em chamas

Apenas buscando a paz”

Phantom Head – Parasite

Pensar com o meu pau e meu coração não era a melhor combinação. O ódio nos cegava e, em vez de dar as rédeas das minhas atitudes para meu cérebro, eu ignorava todos os alertas e me afundava ainda mais no buraco que eu tinha feito moradia.

Quando menos esperei, algo novo e surpreendente aconteceu. Não achei que aquela garota curiosa pudesse ser algo mais do que uma peça da minha vingança de orgulho ferido. Então, ela se transformou em muito mais do que eu pudesse dar conta. Minha obsessão!

A jovem inocente despertou algo muito maior do que minha ex traidora fez. Por aquela virgem proibida, eu estava disposto, inclusive, a pagar com a minha vida.



Capítulo 1

Emanuelle

Do que adiantava ser filha do homem mais poderoso da cidade se eu não poderia fazer nada?

Meu pai, o incrível Leonel De Leon, ameaçou todos os meus amigos do colégio e a cidade inteira para que não se aproximassem de mim. Achei que era brincadeira de Júnior, até que descobri muito mais do que esperava.

Tentava ser a melhor filha. Minha necessidade por agradar ia além do bom senso, mas eu não me importava, desde que meus pais estivessem felizes comigo. Melhor aluna, responsável, educada e comportada, não havia nada que me desabonasse, meu comportamento sempre foi exemplar.

Mamãe sempre me olhou com saudade, sabia que a filha que perdeu sempre esteve em suas lembranças e isso me destruía por dentro. Queria que ela pensasse apenas em mim, não naquela que estava enterrada e nunca mais poderia voltar.

Fiquei indignada com a ordem do meu pai e decidi confrontar sua autoridade. Tinha sido a primeira e única vez que o encarei com ódio, por causa do seu jeito protetor excessivo. Seu olhar era inabalável, ele achava que ninguém da minha idade era digno de encostar um dedo em mim. *Todos são moleques punheteiros*, ele disse.

Eu tinha dezoito anos e queria viver um pouco com imprudência, pelo menos uma vez

na vida. Minhas amigas transavam, iam em bares e se embebedavam, enquanto eu ficava em casa, participava de festas com minha família e sorria para desconhecidos que trabalhavam com meus pais.

Minha raiva tinha sido tão grande, que explodi em ofensas e joguei na cara dos meus pais o quanto eu me esforçava demais para ser perfeita a seus olhos. Eu só queria um beijo na boca, ter meu coração partido ou chegar em casa com o sol nascendo. Se eu não poderia fazer nada daquilo, que me colocassem dentro de uma jaula real, porque aquela de ouro estava me matando.

Foi, então, que a revelação que mudaria a minha vida saiu dos lábios do homem que sempre achei que fosse meu pai. Se não fosse por ele, eu teria morrido junto com seus inimigos da família Camargo. Eu não era filha de Leonel e Sara, mas um espólio de guerra.

Não sabia o que pensar, apenas chorar.

Depois de uma semana escondida em meu quarto, comendo besteiras e curtindo meus últimos dias de férias antes de começar a faculdade de Direito, eu saí. Vesti a roupa mais estravagante que eu tinha no guarda-roupa, peguei um dos carros esportivos do meu pai e fui para o Bar Rústico, local frequentado pelos meus amigos de colégio.

Aproveitei que o casal perfeito da cidade – meus pais adotivos – estava em seu dia especial e eu fiquei sozinha na residência para cometer o ato de rebeldia. O segurança que me seguia não iria fazer nada, nem mesmo os funcionários tinham o direito de dialogar comigo ou me tocarem.

Eu queria me vingar, mas o meu lado submisso que ansiava por agradar guerreava dentro de mim. Nem a música que tocava no carro me acalmou, eu estava dominada pelo caos.

“Nas profundezas da meia-noite

Você tropeçou na toca do coelho de um adulto

Ninguém está à vista

A cidade é sua, ninguém para julgar seus problemas

O coelho está voando

Você não quer persegui-lo por esse caminho

Não é mais educado

Inibições derrubam o controle”

6XT7 – Pierce

Estacionei o carro e observei o movimento do bar. O idiota do segurança parou ao meu lado e me encarou desesperado, eu precisava fazer com que ele não estragasse meu momento, dedurando minha localização para meus pais.

Saí do carro e fui em direção ao brutamonte, que ficou de pé do lado da porta do seu veículo.

— Senhorita.

— Você ligou para o meu pai? — Cruzei os braços e empinei o nariz, mostrando a minha autoridade sobre aquele funcionário.

— Tentei, mas ele não me atendeu. Você precisa voltar para casa.

— Não. Você vai ficar calado e me deixar curtir a noite.

— Seu pai vai me matar — seu tom tornava aquela frase tão real, que me fez ri.

— Depois, sou eu a exagerada. Vai levar uma bronca, eu assumo a responsabilidade. — Soltei o ar com força e dei um passo para trás, ele estendeu o braço para me impedir de ir mais longe. — Me solta!

— É sério, senhorita Emanuelle. Tenho família, eu não quero morrer por causa da sua desobediência.

— Fala do meu pai como se fosse um criminoso sem coração.

— Ele é o pior pesadelo de todos aqueles que atravessam o seu caminho ou deixam suas mulheres desprotegidas, sendo funcionário ou não.

— Eu não sou propriedade dele. — Neguei com a cabeça, chateada.

— Sei que vocês brigaram. Se quiser, eu levo uma garrafa de gim ou tequila para você tomar em casa, em segurança. Não entre no bar.

— Se meu pai te matar, porque você me deixou ter um bom momento, eu vou desaparecer dessa cidade para sempre. — Franzi a testa, bufando de raiva. — E... por mais que eu esteja brava com meu pai, ele não pode te machucar dessa forma. De Leon é irritante, mas ainda assim, justo e respeitoso, não...

— Quando o assunto é você e sua mãe, ele não pensa. Melhorou muito do que era antes, é mais empresário do que o mafioso cruel, mas o lado obscuro ainda existe e não quero ser aquele que o despertará. Por favor, senhorita, eu te ajudo no que precisar, estando em casa.

— Se realmente fosse verdade, você não estaria me tocando. — Eu não acreditava nas suas palavras e minha raiva chegou no limite, mudando minha forma de pensar com coerência para desequilibrada. — Ninguém vai me impedir de fazer o que quero hoje. Quem você quer ser? A pessoa que contribuiu com minha felicidade, me vigiando de longe enquanto eu curto uma noite no bar ou o segurança idiota que está estragando tudo? Eu só posso defender uma dessas versões.

Ele abriu e fechou a boca, em choque. Nem mesmo eu me reconhecia, a recatada e submissa estava no comando da situação. Ele afastou a mão e meu coração acelerou, eu nunca tinha usado da manipulação para benefício próprio, aquela atitude surgiu fortalecida na dor que eu estava sentindo. Eu queria fazer algo por mim, porque eu escolhi, não porque meu pai decidiu. Depois lidaria com as consequências, o “foda-se” estava ligado.

Como o segurança não disse mais nada, virei-me e segui até a porta do bar, dando cada passo com confiança e arrogância. Mostrei minha identidade para o homem da recepção, ele arregalou os olhos ao ver meu sobrenome e dei de ombros, porque naquele momento, ser uma De Leon não significava nada para mim.

Na próxima escapada de casa eu teria que providenciar algo falso, para que não me tratassem diferente.

— Desculpe por tudo, mas estamos ultrapassando um limite aqui. É sério, senhorita Emanuelle, vamos voltar. — O segurança se apressou a ficar do meu lado, entrando no bar e me protegendo com sua postura. — Por favor.

— Quero uma identidade falsa — exigi, o encarando. Seu olhar arregalado era engraçado, ele estava acostumado a lidar com a obediente, eu tinha mudado. — Arranje uma identidade falsa, para que ninguém saiba de quem sou filha, então, voltarei para casa.

— Mas... como... o quê?

— Esse é meu preço. Quer que eu obedeça? Ser mais um para mandar e desmandar na minha vida? Ótimo, farei tudo o que você desejar, mas tem um preço. Quero uma identidade sem meu sobrenome.

— Não é tão fácil assim. Além do mais, você é a filha de De Leon. Todos estão proibidos de tocá-la.

— Quer viver? — Cruzei os braços e ele fechou a cara. — Sua vida está correndo risco? Pois saiba que não irei te defender se não me obedecer. Dê seus pulos, rapaz, estou esperando.

Por mais que não fosse filha de sangue do poderoso empresário de Lumaria, tinha aprendido todos os seus truques. Céus, eu nunca levantei a voz para ninguém! Depois da briga com meu pai, era como se outra pessoa estivesse tomando conta das minhas atitudes.

Voltei a andar pelo salão do bar, confiante de que ninguém me tiraria de lá até que eu decidisse ir embora. Segui até o balcão, sentei-me em um banco alto com graciosidade e pedi uma bebida frutada.

O garçom me atendeu rapidamente, peguei o canudo que vinha no drinque, chupei e me senti poderosa quando não vi o segurança por perto. Se meu pai, realmente, o mataria por conta da minha atitude, talvez eu engolisse minha arrogância na próxima vez. Mas, enquanto eu me sentia no controle da situação, iria aproveitar.

— Ui! — uma mulher falou alto ao se jogar no banco ao meu lado. Um homem a acompanhava, passou a mão em seu corpo e ela sorriu, embriagada. — No carro, mocinho. Aqui não é o clube.

Tentei não encarar diretamente, tomei minha bebida e disfarcei enquanto a mulher fazia um pedido ao barman. O homem se esfregava atrás dela, pegando em seu corpo sem cuidado e despudorado. Um lado de mim julgava, aquela moça não se dava ao valor. Que promíscuo! Completamente sem noção se esfregar na frente de todos. Eles deveriam fazer aquilo em um quarto, não onde todos pudessem olhar.

Então, a parte recém-aflorada em mim sorriu ambiciosa. Meu ventre se contraiu e a interação indecente me excitou, despertando outros sentimentos obscuros que estavam dormentes. Por mais que eu soubesse como o sexo funcionava, nunca tinha feito, porque mamãe sempre me falou que precisava ser com alguém especial.

Essa pessoa nunca viria, porque Leonel De Leon proibiu todos de tentarem. Mudar de cidade seria uma opção, talvez transferir meu curso para outra universidade.

— Quer participar? — A mulher se aproximou de mim e me assustei. — Tão novinha, conheço muitos que pagariam uma fortuna apenas para ver sua boceta.

— Ah! — Recuei com o corpo, ela continuou se aproximando, sorrindo. O homem me encarava com desejo e o medo substituiu meu tesão. — Eu não quero, se afaste.

— Que pena, você poderia ter dois ou três orgasmos em uma noite. — Piscou um olho. — Além do dinheiro. Quem não precisa dele?

Não respondi, porque eu era uma dessas pessoas. Percebi que não sendo filha biológica

dos meus pais, eu não me sentia digna de ter nada. Queria chorar, mas a raiva tomou conta. Dezoito anos vivendo uma mentira, eles não tinham o direito de esconder aquela informação.

Era como se o vazio que existia em meu peito fosse ampliado duas vezes mais.

O casal se afastou, voltei a tomar minha bebida e a pensar. Passei uma semana refletindo escondida no meu quarto e não parecia ter sido o suficiente. Era momento de agir.

"Eu vou ficar tão profundamente dentro do seu cérebro

E te levar para algum lugar distante"

Kuraiinu, Hyurno, Social Repose & Will Stetson – VILLAIN

Embalei-me no ritmo da música, no movimento do bar e nas bebidas que perdi a conta de quantas tomei. Quando o segurança reapareceu, trazendo consigo o meu pedido ilícito, joguei-me em seus braços e deixei que fizesse o que quisesse comigo.



Capítulo 2

Emanuelle

Acordei com uma mão alisando meu cabelo. Abri os olhos e senti uma forte dor de cabeça por conta da claridade, ou era apenas a ressaca – a minha primeira – me cumprimentando.

— Oi, filha. — Mamãe beijou minha testa, como sempre fazia quando me despertava para ir à escola. — Fiquei feliz que deixou a porta do seu quatro destrancada, precisamos conversar.

— Pois é. — Virei-me, para que as costas lhe cumprimentassem. Aquela constatação retomou toda a dor e sofrimento que eu passei pela semana.

— Me perdoa, Manu. Eu nunca quis que tivesse chegado tão longe.

— Por que não me contou antes? Eu tinha o direito de saber de qual barriga eu nasci. — Com dor de cabeça, sentei-me e fiz uma careta. — É tão óbvio, que me sinto burra por não ter percebido antes. Por isso você prefere a filha que morreu. Faz todo sentido pensar apenas nela em vez da que está viva na sua frente.

— Não diga isso, você não é assim. — Ela respirou fundo e fechou os olhos, ela sempre teve muito equilíbrio emocional. — Passei por tantas provações até chegar no meu melhor momento, que incluí você. Ser sua mãe foi e continua sendo meu maior presente.

— Pois é, tudo é sobre você. Fui tratada como um bicho adestrado, agora eu vou tomar

conta da minha vida. Acostume-se com essa nova versão. — Saí da cama e ela se levantou, ficando em meu caminho.

— Eu não queria jogar na sua cara meus sacrifícios. Apenas mostrar que eu faria tudo novamente, para te proteger. Foi a minha segunda chance, Emanuelle. Você me escolheu.

— Licença. — Dei um passo para o lado, ela me acompanhou. Encarei-a com os olhos marejados e a testa pulsando. Por mais que estivesse minada com a raiva e indignação, era a minha mãe e eu a amava. — Por favor — supliquei.

Ela me puxou para um abraço e não resisti em retribuir. Engoli minhas lágrimas, eu não queria mais chorar, precisava me endurecer. Isso não me impediu de fungar e aproveitar aquele acalento, conversar com minha mãe sempre foi mais fácil do que com meu pai.

— Meu amor, nós precisamos conversar mais. Quero poder me explicar, sem a gritaria da última vez.

— Diga isso para De Leon. — Saí do seu casulo protetor e fui para o banheiro, ela me acompanhou.

A roupa do dia anterior ainda estava no meu corpo, o segurança não fez nada além de me levar para casa. Fiquei nua e entrei debaixo da ducha, minha mãe se sentou no vaso e olhou para o pano descartado no chão.

— Você saiu ontem, estava bonita. Às vezes, me esqueço o quanto você cresceu, que é uma mulher adulta. — Ergueu a blusa preta que ficava colada ao corpo e meu rosto corou. — Salienta seus seios.

— O pai já sabe?

— Sim. E pode ficar tranquila, Gomes ainda está vivo. — Ela me encarou e sorriu. — Eu não colocaria um homem qualquer para cuidar de você, ele é o mais leal. Assim que chegamos de madrugada, ele reportou a situação.

— E o poderoso De Leon não surtou?

— Sei acalmar a fera que existe nele. — Bufou, pegou a roupa do chão e colocou-a no cesto de roupa suja. — Achei que nunca iria lidar com o lado sanguinário dele novamente, estava tudo muito calmo para ser verdade.

— Quem são meus pais? Ele os matou? — Lavei minha cabeça e a ducha na testa aliviou a pressão que estava nela.

— Ah, filha, é uma longa história. Isso envolve contar como eu entrei na vida do seu pai. Ao mesmo tempo que ele foi meu carrasco, me deu uma segunda chance. Nossos mundos se mesclaram, ele me fez mergulhar em sua escuridão e eu o trouxe um pouco para a luz.

— Muito poético.

— Digno de um livro de romance. — Ela voltou a se sentar e olhou para o teto. — Não importa como foi sua história ou concepção, Emanuelle, mas o amor que eu e seu pai temos por você. Tentamos compensar o mal que te fizeram, além de te proteger.

— E me impedir de ter um namorado é amor? Para mim, é doentio. — Enxaguei meu cabelo e ensaboei meu corpo.

— Estou trabalhando isso com De Leon. A questão é que a história do seu pai faz com que ele ache que todos os homens são iguais. Nem ele se acha digno de você, filha. Talvez, nem

eu. Você é a melhor de nós e estamos estragando tudo na ânsia de acertar com perfeição.

Pressionei os lábios para não chorar e respirei fundo várias vezes até terminar o banho. Minha mãe estendeu a toalha quando saí, me enxuguei e fui até o closet, para vestir algo.

Meu lado compreensivo queria engolir a angústia, mas eu não conseguia ceder o controle para o equilíbrio. Sentia necessidade do caos, de estar em um bar, tomar todas e nem saber como fui levada para casa, como fiz na outra noite.

— Quer ir ao shopping comprar o material para a faculdade? Podemos almoçar juntas, escolher roupas ou ver um filme. — Ela olhou para os vestidos pendurados em cabides, escolhi o mais escuro deles.

— Já fiz isso.

— Filha, não sou sua inimiga. — Sara se virou para mim, eu continuei a me vestir, ignorando-a. — Se formos desenterrar o passado, irá trazer mais dor que esclarecimento. Por que não podemos seguir a partir do hoje?

— Porque vocês me fizeram viver uma mentira. — Encarei-a, chateada. — Já passou do tempo que os filhos adotivos eram mantidos em segredo. Falasse que eu era filha do coração e pronto, eu aprenderia a lidar um ano de cada vez.

— Eu falava, até o dia que você me perguntou se tinha diferença entre filha do coração e filha da barriga. Não soube como proceder. — Pegou a toalha e foi atrás de mim, enxugar o meu cabelo. Não me lembrava daquele acontecimento, mas senti a dor de ser tratada diferente. — Tentei curar a dor de ter dado à luz a um bebê sem vida. Não teve terapia o suficiente que me ajudasse a lidar com a adoção, porque eu te dei meu leite, Manu, acompanhei seu crescimento, te vi ser adolescente. Era como se você sempre fosse ela.

— Eu não sou aquela filha. Nunca serei. — Meus ombros relaxaram, de decepção por estar me abrindo para compreender seus sentimentos. — Mãe...

— Nem quero que seja, você é única e especial. — Ela me virou e segurou meu rosto, as lágrimas escorriam dos seus olhos. Foi impossível me controlar, também chorei. — Tentei lidar com meu conflito e não consegui. Decidi seguir com a omissão, sem pensar no quanto isso poderia ser importante para você. Acreditei que o amor era o suficiente para apagar o passado. Sinto muito por ser imperfeita. Além de mim, existe também seu pai e as escolhas dele. Tudo foi decidido em conjunto.

— Um jeito bonito de dizer que ele te impediu de falar a verdade para mim.

— Leonel De Leon tem medo de te perder.

— Nada o abala.

— Desde que você aprendeu a dirigir e se matriculou na faculdade, seu pai tem pesadelos. Estou tentando lidar com os dois, mas com você, Emanuelle, é mais fácil. Já tive dezoito anos, também ansiava pela minha independência e liberdade de escolhas. Levou-me para o fundo do poço, mas encontrei meu par perfeito nesse buraco.

— Eu posso seguir na mesma direção. Você teve sucesso, vai dar tudo certo comigo. Por que não me deixa escolher o que eu quero?

— Porque você deve fazer diferente, meu amor. — Beijou minha testa e suspirou resignada. — Trilhar o mesmo caminho é seguro, sabemos o que irá acontecer. Mas o confortável não te levará para o sucesso, apenas a frustração.

Abracei-a um pouco mais, para que minhas lágrimas parassem de cair. O problema era meu pai, seu ego e dominância. Eu sempre obedeci a tudo, sem questionar, mas não faria o mesmo a partir desse momento.

— Mãe, eu quero saber sobre a minha origem. Quero entender por que papai adotou justo a filha do inimigo. O que a família Camargo fez? Tem que tirar a ordem para que nenhum garoto se aproxime, pelo amor de Deus, eu nunca beijei na boca, mãe!

— Eu sei, meu amor. Eu te entendo. — Ela se afastou e tentou sorrir, mas as lágrimas em seu rosto deixavam-na com a expressão triste. — São muitas perguntas com respostas impactantes. Queria saber se posso ir te respondendo aos poucos.

— Só abre a boca e fale! — explodi e joguei os braços para o ar.

— Olha como você fala com sua mãe, mocinha — a voz grave e que botava medo em todos os funcionários ecoou pelo meu quarto. Virei-me para encarar meu pai, com seu jeito sisudo e testa franzida. Mesmo com os fios grisalhos surgindo e rugas ao redor dos olhos, ele ainda tinha um ar jovial. O que eu achava bonito, naquele momento, era mais um motivo para minha irritação. — Você é minha filha e foda-se qualquer história. Não há mais nada a dizer.

— Não é o que meu DNA diz. — Estiquei o braço, para apontar o dedo e o enfrentei. — Para de me tratar como um animal.

— Se continuar falando besteiras, vou te colocar de castigo novamente. Ficará sem faculdade, Emanuelle.

— Leonel! — Mamãe foi até ele pisando firme e indignada.

— Por que não me coloca uma coleira e me deixa presa na gaiola que tem no fundo de casa? Ah, claro, nem os animais querem ficar com você, outro leão morreu!

Vi fogo nos olhos do meu pai, eu tinha jogado baixo. Sara ficou na frente dele, apertou seu braço e o fez focar nela. O homem bufava, estava pronto para enfrentar um exército, mas eu sabia que ele nunca levantaria a mão para a mim.

— Se quer ser uma boa advogada, comece a pensar de forma racional, não com a emoção. — Minha mãe me olhou decepcionada e empurrou meu pai para a porta do meu quarto. — Vingança não é legítima defesa.

Marchando pelo quarto, como uma criança birrenta, joguei-me na cama e gritei contra o travesseiro. Céus, eu queria magoá-lo, ao mesmo tempo que a dor que causei me machucava ainda mais. Passei as mãos pelo colchão, senti um plástico duro e o puxei para que eu visse.

A identidade falsa! O que eu iria fazer com aquilo, não sabia, mas mudou o meu foco completamente.



Capítulo 3

Emanuelle

Depois de outra semana reclusa no meu quarto e falando o mínimo possível com meus pais, entrei na sala de jantar e me sentei em uma das cadeiras elegantes da mesa, para acompanhar minha família na refeição. Papai me olhava como um gavião e mamãe tentava apaziguar, com carinho no antebraço dele.

— Boa noite — cumprimentei, sem ânimo.

— Fico feliz que você nos acompanhe, filha. Tem lasanha, se não quiser comer a carne com legumes — Sara suavizou.

— Vou focar na proteína. — Estendi o braço e me servi, sem os encarar.

— Onde pensa que vai? — Leonel mudou o clima para tenso.

Sabia que iria deduzir minhas intenções, por conta da roupa que eu vestia. Mais recatada que da última vez, eu só queria sentir a liberdade de estar em um local, por mim. Na próxima semana eu começaria as aulas, tinha que aproveitar meus últimos dias sem compromisso.

— Filha, tem planos para depois do jantar? — Minha mãe escondeu a mão debaixo da mesa, provavelmente apertando a coxa do meu pai para o repreender. Sua pergunta era menos agressiva e, para ela, eu iria responder:

— Acho que vou até o Bar Rústico. A música é boa e...

— Você acha? — Meu pai inclinou a cabeça para o lado e mamãe suspirou, desistindo de intermediar. — Primeiro de tudo, você precisa pedir autorização para sair.

— Pai!

— Segundo, você está de castigo.

— O quê?

— Terceiro, vai tirar essa roupa, filha minha não usa isso.

— Passou de pai superprotetor para macho abusivo e tóxico? — Segurei nos talheres com força e o encarei, com a mesma fúria que ele me direcionava.

— Pelo amor de Deus, só vamos comer. — Sara estendeu a mão para me impedir de falar. — Seu pai está aprendendo e vou explicar, mais uma vez, que a filha dele também é uma mulher e quer ter suas próprias experiências de vida.

— Depois que ela for torturada por um dos meus inimigos, você vai conseguir a máquina do tempo e reverter a porra da situação? — Leonel se levantou, afastou a cadeira com rispidez e apontou o dedo para o chão. — É meu dever proteger minha família. Foda-se que me coloquem como o vilão, tóxico ou o caralho. Eu sou a porra do diabo vestido de terno e gravata nesse mundo. Enquanto eu estiver vivo, vocês também estarão. Bem!

Ele voltou a se sentar, respirou fundo como um touro sendo acalmado e voltou a comer. Olhei para a minha mãe, que tentava não revirar os olhos ao mesmo tempo que me implorava para não rebater.

Por mais que eu entendesse sua necessidade de me proteger, ele podava minhas asas com seu exagero. Eu queria voar, mesmo que isso me fizesse cair e machucar. Pelo menos, eu teria algo para me lembrar.

— Querido Leonel De Leon, nem todos os homens são como você.

— Exatamente por isso, eles são piores. Você não tem noção do que meus inimigos são capazes.

— Eles são seus, não meus.

— Mas te usarão, para me atingir. — Seu olhar intenso não me desarmou. — E quando eu precisar escolher entre você e sua mãe, vamos nós três para o inferno, independentemente do que acontecer.

— Pare, Leonel! — Minha mãe se exaltou. — Não existem mais ameaças, vivemos há dezoito anos em paz em Lumaria. Vamos conversar depois, Gomes ficará de olho nela, como da última vez. Ela ficará bem.

— Sara. — Ele engoliu em seco e a encarou, tenso.

— Eu sei, Leonel. — Inclinou-se para a frente e tocou seu rosto. — É apenas um bar, o dono é nosso aliado e tem um segurança na cola dela.

— Não preciso da sua autorização. De nenhum dos dois.

— Ótimo, assim você me economiza combustível. — Meu pai se levantou e largou os talheres no prato, fazendo barulho. — Sem cartão, sem carro, sem nada. Quer sair, você vai a pé!

— Vocês poderiam ser menos parecidos? — mamãe resmungou e colocou as mãos no rosto.

Meu pai saiu da sala de jantar, eu perdi o apetite e cruzei os braços, emburrada. Quando minha mãe ergueu a cabeça para me encarar, senti-me culpada. Ela se empenhava em trazer um pouco de paz entre nós dois, mas ficava difícil quando meu pai vinha com suas imposições excessivas.

— Prometi uma informação, certo? — Ela voltou a comer e eu fiquei piscando, confusa. — Seu pai foi mais do que apenas um empresário respeitado no passado, ele herdou um legado daqueles que o criaram. — Mastigou um pouco. — Ele nunca tocou em mulheres e crianças. Quando ele foi acertar as contas com uma das pessoas envolvidas com um crime no bairro protegido por De Leon, havia um quarto com mulheres e você. Eles tentaram fazer uma queima de arquivo, mas você estava viva, era a única sobrevivente daquele massacre. Leonel se afeiçoou de forma instantânea, porque você é como ele. Seu pai também foi adotado.

Sabia que meus avós paternos estavam mortos, mas nunca imaginei que eles também não seriam vinculados pelo sangue, com De Leon. Impactada, observei minha mãe comendo enquanto eu não conseguia digerir a informação rapidamente.

Assim que ela terminou a refeição, se levantou, beijou minha testa e murmurou próximo do meu ouvido:

— Permita que Gomes faça o trabalho dele, então você poderá ir aonde quiser. Não quebre minha confiança, só assim eu poderei fazer com que Leonel aprenda a lidar com essa nova situação.

Era tanto o meu alvará de soltura como uma ameaça velada, nós nunca seríamos mãe e filha com amor incondicional. Em vez de chorar, estufei o peito, comi dois pedaços de carne e saí da sala de jantar para a garagem, eu iria ter uma noite no Bar Rústico.

Deixando a culpa e qualquer sentimento ruim naquela mansão, fui até o carro do Gomes e me sentei no banco do passageiro. Ele se surpreendeu, acomodou-se atrás do volante e me encarou.

— Está tudo bem, senhorita?

— Sim. Vamos para o Bar Rústico. — Tirei a identidade do bolso e ergui. — Estou livre.

— Ficarei de olho em você.

— Não muito. — Fiz bico e estendi o braço para ligar o som do automóvel. — Sem a marca De Leon na minha testa, algum garoto poderá se aproximar. Eu quero que isso aconteça e você não fará nada para impedir.

— Todos na cidade sabem quem é você. — Ele deu partida e manobrou o carro.

— Não. Meu pai não seria tão babaca.

— Apenas aqueles que não temem pela própria vida se aproximariam de você. Se não for assim, será por mim. Eu sempre trabalhei para De Leon.

— Minha mãe autorizou. Você ficará bem longe de mim, entendeu? Quero dançar também, vi que tem pista de dança.

— Como quiser, senhorita Emanuelle.

“Me engane uma vez e eu vou te perdoar

Me engane de novo e é por minha conta

Me engane uma vez e eu vou te perdoar

Eu não consigo esquecer”

Dream Demon – Fool Me

Balancei a cabeça e os ombros no ritmo da música que tocava nos alto-falantes. A cada quadra que passávamos, eu me animava um pouco mais, era meu momento. Não levaria celular ou comunicação, já tinha um rastreador em forma de gente para fazer esse papel.

Chegamos no local, Gomes fez como eu pedi e ficou mais afastado de mim. Entrei com a identidade falsa, o homem da recepção me olhou de forma menos assustada e eu vibrei por dentro.

Fui até o bar, pedi a mesma bebida da outra vez e me virei, para observar o movimento. Encontrei o segurança apoiado com as costas do outro lado do salão, braços cruzados e olhar atento ao meu redor. Precisava perguntar um pouco mais sobre esses inimigos que meu pai tanto temia. Por mais que minha mãe tivesse confirmado que meu pai tinha um lado obscuro, bem mafioso, há dezoito anos vivíamos em paz, não precisava ser tão paranoico.

Arregalei meus olhos quando vi a mesma mulher da outra semana. Sozinha, ela se aproximou de um homem, depois de outro e parecia ter sido dispensada. Ela caminhou cambaleando na minha direção e também me reconheceu, franzindo o cenho de surpresa.

— Novinha, você aqui! — Ela se apoiou no banco ao meu lado, pegou o copo da minha mão e tomou tudo. — Muito doce, eu gosto do álcool queimando minha garganta.

— Olá, eu sou Manu. — Estendi a mão para a cumprimentar, não sabia explicar o que me motivou a ser educada com ela. A rebeldia estava no comando novamente.

— Madá. A dupla perfeita. — Ela se desequilibrou e eu a segurei.

Gargalhou e acabei rindo também, gostava da superficialidade que ela proporcionava. Busquei Gomes com o olhar, ele estava atento, mas não fez movimento para vir até mim, bem obediente.

Era a minha oportunidade de fazer uma amizade, por mais que a mulher fosse bem mais velha do que eu. Se os homens não poderiam se aproximar, que viessem todas elas.



Capítulo 4

Emanuelle

— Aceito mais uma dessas.

— Vou pedir para nós duas. — Chamei o barman e fiz o pedido. — Você vem sempre aqui, Madá?

Ela gargalhou mais uma vez e fiquei encabulada pela atenção que ela chamou para nós. Tocou minha perna e apertou, a saia que eu usava tinha se levantado e exposto meu joelho.

— Eu já experimentei e não curti. Gosto da pegada bruta e de pau, mas você até que é bonitinha.

— O quê? Não! — Tomei um gole da bebida que chegou e ela tentou fixar o olhar em mim. — Só queria puxar conversa, não estou te cantando.

— Mas eu toparia um ménage. Seus seios são bem durinhos, gostosos para chupar. — Ela sorriu com malícia e eu abri a boca, espantada. — Somos mulheres, adultas e podemos falar de tudo entre nós, certo?

— É...

— Percebo que você é a nerd da escola, suas amizades só falam de geometria e história. Acertei? — Ela piscou um olho e tomou um grande gole da bebida. — Quando descobrir o poder de um orgasmo, nunca mais vai pensar nessas merdas de estudar.

— Sexo não é tudo.

— Quando não se tem nada, Novinha, foder sem sentido é a única coisa que preenche o vazio. — Olhou para o teto. — Bem, considerando que o pau entra na boceta, então, faz sentido.

Fiz uma careta e imaginei maneiras de dispensar a mulher. Não estava curtindo aquela conversa e, por mais que tivesse liberdade de conversar sobre sexo com a minha mãe, eu preferia ler os depoimentos que encontrava na internet. Mal tinha beijado na boca, não queria pular etapas e ultrapassar o limite sendo promíscua.

— Algo aconteceu, eu devo ter falado merda. — Madá se virou no banco e mudou a postura estabanada para introvertida. — Você se parece muito com alguém que conheci. A desilusão faz isso com as pessoas, impedem que as oportunidades aconteçam.

— Está tudo bem, só queria curtir uma noite aqui no bar, mas meu pai é muito superprotetor.

— Os homens estão sempre querendo mandar na gente. Eu já tive dois aos meus pés, hoje sou eu que virei capacho.

— Oh! Você estava com alguém e tinha um amante?

— Sim. — Concordou com a cabeça e não sorriu. — Eu gostava do poder. Queria ser mimada e ter o melhor, estava cansada da humilhação. Minha mãe sofreu nas mãos do meu pai, eu também. Queria me vingar.

— O que aconteceu?

— Eu me perdi. Ou melhor, me encontrei. — Ela ergueu o copo e brindei com ela, mesmo sem entender. — Dominei, tive meus momentos de glória, mas hoje percebo que gosto mesmo é de ser humilhada. Quanto mais eu fico com outros homens, achando que estou traindo, melhor me sinto.

— Ah... nossa. — Tomei outro gole da minha bebida e reconheci que Madá não estava bem de saúde mental. Nenhuma mulher saudável e consciente desejaria algo tão ruim para si mesma. Retomei suas palavras e percebi que tudo estava relacionado com o pai abusivo, como eu via o meu naquele momento. — Então, você fica com os homens aqui no bar? E o seu marido sabe?

— A única coisa que tenho do meu homem é seu pau na minha boca. — Suspirou apaixonada, como se aquilo fosse grandioso, mas eu enxergava o tamanho da humilhação que era. — Ele era tão bonzinho e submisso, achei que eu conseguiria humilhá-lo um pouco mais, mas ele reverteu a situação e me fez rastejar por sua atenção.

— Meu Deus, você precisa se valorizar.

— Não. — Ela virou o rosto e sorriu de forma doentia. — Entre quatro paredes, quando falamos de sexo, quanto mais o homem te dominar, mais gostoso fica. Minha boceta pinga só de imaginar que algum dia ele colocará o pau dentro dela novamente.

Encolhi-me, envergonhada de imaginar a cena. Tentei não me excitar, mas estava difícil afastar a atração pelo proibido e o tabu. Será que mamãe era submissa também? Céus, eu não queria pensar naquilo!

— Você nunca transou, Novinha? — ela perguntou e virou o copo na boca.

— Eh...

— Paga mais um, por favor? — pediu, erguendo o vidro.

— Tudo bem. — Fiz sinal para o barman.

— Já quis ter outra identidade? Fazer o que quiser, sem pensar em ser julgada? — Madá apoiou os antebraços no balcão e me encarou. — Estou falando de prazer real, não a merda fantasiosa que vendem na televisão. Uma noite experimentando tudo o que você quiser. Ninguém saberá, apenas eu.

— Faço isso nos meus sonhos, é mais seguro.

— Mas não é a mesma coisa. — Ela pegou o copo de bebida com o barman e sorveu um gole. — Dominar e seduzir um homem, realizar todos os seus desejos. Apenas uma noite, depois nunca mais o verá.

— É o que você faz?

— Queria poder, mas eu já sou figurinha carimbada, marcada e usada. — Fez bico e me analisou. — Por que não quer experimentar?

— Prefiro começar devagar. — Encolhi-me, pensando no que meus pais falariam se descobrissem que estou com uma identidade falsa.

— Sabe essas vozes na sua cabeça? — Ela tocou minha testa e assustei-me. — São os homens querendo dominar a liberdade das mulheres. Eles podem trepar, ter prazer e serem os garanhões, terem amantes e serem perdoados. Nós somos massacradas até quando usamos a mão para nos masturbar.

— Eu...

— Vai continuar sendo refém do seu papai até quando? Olhe para mim, Manu, esse é o seu futuro, se continuar permitindo que eles mandem em você.

Não sabia explicar qual daquelas palavras tinha me tocado tão profundamente. Além de ter conseguido me convencer, eu queria experimentar, fazer mais do que ir a um bar.

— Bem, enquanto você age como um filhote em busca de um dono, eu preciso encontrar uma companhia para noite. Não quero dormir na rua novamente. — Ela pulou do banco e tomou sua bebida com um gole. — Tchau, Novinha.

— Espera. — Segurei seu braço e saí do meu banco também. Ela sorriu satisfeita, sabendo da minha intenção. — O que você quer dizer com ser outra pessoa por uma noite?

— Colocarei uma máscara no seu rosto, uma lingerie indecente e escolherei um homem para que você o faça de capacho.

— Mas... dançar para um desconhecido?

— Sentiu a adrenalina? O coração acelerado? — Aproximou sua boca da minha orelha. — Sua boceta está contraindo só de pensar que um homem te deseja, mas não pode te tocar? Ser outra pessoa, ter o controle pela noite toda, Novinha.

Era tão errado, mas tão irresistível. Caramba, eu nunca fui de pensar em sexo, mas naquele momento, meu corpo inteiro formigava para aceitar.

— Como... como faremos? — perguntei, assustada.

— Cuidarei de você, não se preocupe. Está de carro?

— Sim.

— Então vamos até o Clube Anjo Perverso. Eu te digo o caminho.

Ela envolveu seu braço no meu e fui em direção a Gomes. O segurança tentou não demonstrar asco ao me ver ao lado de Madá, mas estava nítido. Tomei as dores da mulher, percebendo que sua fala tinha muito sentido. Os homens queriam julgar, apenas eles poderiam ser o que quisessem.

— Vamos embora — ordenei.

— O que faz com ela?

— Eu já te vi no Clube, papai. — Madá tentou tocar o rosto dele, mas Gomes segurou em seu pulso. — Faça o gosto da sua filha.

— Ele não é meu pai. — Franzi a testa para a mulher, que arregalou os olhos em reconhecimento. — Qual o nome do lugar?

— Eu não vou te levar até o Anjo Proibido, senhorita Emanuelle. É um lugar...

— Onde homens e mulheres trepam, se divertem e voltam para casa como se nada tivesse acontecido. — Madá me puxou um passo para trás e se colocou poderosa ao meu lado. — Ela manda, você obedece.

— Tudo o que ela disse. Mas você não vai entrar comigo. — Senti minhas bochechas queimarem.

— Não. — Ele negou com a cabeça, nervoso. — Você...

— Vamos logo, ou irei sozinha. Eu mando aqui! — Apontei o dedo para o peito de Gomes. — Minha mãe irá te proteger, mas eu posso fazer o contrário e iniciar uma briga. Não me dê motivos.

O que estava acontecendo comigo, Deus? Aquela não era eu, sentia a visão ficar turva e percebi que, além da mágoa em meu peito, tinha o álcool potencializando meu lado rebelde.

Sendo um bom funcionário, Gomes nos acompanhou até o estacionamento, sentei-me atrás com Madá, que não parou de falar sobre o poder feminino e que os homens mereciam beijar o chão que andávamos.

Naquele momento, eu também concordava e queria conhecer um pouco mais do mundo desajustado que ela vivia.



Capítulo 5

Giuliano

Girei o copo com uísque em cima da mesa de madeira e encarei o gelo que havia dentro. Não costumava beber, eu pegava estrada quando saía do Clube Anjo Perverso. Seria catastrófico se eu fosse pego dirigindo alcoolizado, um advogado como eu não precisava da ficha manchada por algo tão imprudente.

Mas a minha mente estava perturbada. Depois de ter encontrado com João Victor Camargo no estacionamento, ele veio me encontrar em Carmantil e não largou do meu pé. Estava lidando com alguns processos de usucapião e ações possessórias ao redor de Lumaria. Sabia que estava beirando o limite imposto por De Leon aos meus familiares, mas por algum motivo, eu aceitei.

Dormia com dificuldade todas as noites, revivendo minha miséria com Madá e o terreno desconhecido com João Victor. Ele não comentava, mas era um dos poucos sobreviventes do massacre à família Camargo. Se uma traição me levou à vingança, imagine exterminar meus parentes? Só não tomava as dores, porque eu era distante, estava mais próximo da família materna do que da paterna.

Para mim, era apenas uma tragédia causada pela ganância e a corrupção. Mafiosos disputaram o poder de Lumaria e perderam. Leonel De Leon era o único e soberano, eu não iria incomodar a fera. Apenas gostava da adrenalina de estar em um local perigoso, realizando

fetiches e tabus.

Naquela noite, além da bebida, optei por ficar em um dos reservados. Apenas uma cortina me separava do salão principal. Havia bancos de ambos os lados e uma porta de vidro espelhada, homens e mulheres dançavam, se oferecendo para possíveis clientes.

Eu só ficava com as mulheres casadas, nenhuma solteira e sem complicações me interessava.

"É o paraíso, motoristas da meia-noite não dirigem um carro no mundo como

É o paraíso, adormecer nos braços de outro

É o paraíso, sentindo nada além de entorpecido

É o paraíso, e onde você está é velho

Anjos"

Pastelle, XENEN – Old Angels

Beberiquei minha bebida, olhei para o teto e soltei o ar, desejando que minha vida tivesse sido diferente. Com trinta e oito anos, eu me imaginava viajando com a família, pensando no presente que daria para a minha esposa e planejando a próxima gravidez.

Naquele momento, o que me atraía era o proibido, o pior dos atos entre um casal. A traição consensual tinha sua beleza perversa, a mulher experimentava paus melhores do que o do marido e ele vivia, constantemente, inseguro com sua masculinidade.

Eu era o agente que levava o caos para as famílias perfeitas, porque eu nunca teria a minha.

Assustei-me quando um corpo de costas se chocou com a porta de vidro ao meu lado. Irritava-me reconhecer Madá, sua lingerie e curvas. Ela se esfregou e rebolou até o chão, me fazendo desejá-la para muito mais que um boquete.

Eu não me permitiria, porque a maior satisfação estava na humilhação dela. Enquanto se oferecia para mim, meu pau acordava e desejava outra mulher, para que ela visse. O castigo era melhor do que a recompensa positiva.

Ela se virou, sorriu de forma sensual e esfregou os seios, ela sabia que eu estava naquele ambiente. Para quem dançava, aparecia apenas um espelho e a luz verde em cima, indicando que havia alguém disponível para o sexo.

Alguém afastou a cortina e entrou no meu reservado, era um dos casais que me convocavam para o ato impróprio. Aquele fetiche era tão perturbador para mim quanto para eles, mas não seria eu a julgar, desejava o caos ainda mais.

— Boa noite — o homem cumprimentou, uma mescla de ódio e desejo saltava de seus olhos. — Está disponível para a noite?

— Estou observando. — Tomei outro gole da minha bebida, encarando a mulher e despertando o ciúme do marido.

— Se quiser, podemos fazer aqui, na mesa. — Ela sugeriu e colocou a mão delicada na superfície. O marido bufou e ela sorriu, vitoriosa.

— Que seja na frente de todos, para que vejam o quanto você é perversa. — O homem

segurou na nuca dela, que gemeu em apreço aquela dominância.

Batidas no vidro soaram, tinha me esquecido de Madá. Minha ex acenou e bateu novamente, levantei-me e abri para que ela falasse o que desejava.

— Oi, gostoso. — Tentou colocar as mãos em mim, mas fechei a cara e segurei forte em seu pulso. — Sabe que amo seu jeito bruto.

— O que foi?

— Estive pensando em um momento perfeito de luxúria, algo que você nunca experimentou e decidi te oferecer um presente. — Madá encarou o casal do outro lado e fez um movimento de mão para os enxotar. — Adeus, seus putos.

— Fala isso, mas a boceta que ele come é a minha, não a sua. — A esposa, com quem eu não tinha vínculo, tentou demonstrar posse sobre mim.

Nenhuma mulher estaria naquela posição novamente, Madá e todas as outras seriam descartadas. Iria dar poder a uma delas, mas eu conseguiria lidar melhor com a minha ex do que a adúltera do desconhecido.

— Boa noite, senhores. — Apontei para a cortina. — Procurem outro parceiro, tenho um assunto para tratar.

— Mas...

— Nem seu amante te quer, vai ter de implorar para outro no salão. — O homem sorriu vitorioso para mim, ele gostava de humilhar tanto quanto eu, a relação doentia começava quando o bizarro se tornava uma maquiagem saudável.

Eu sabia o quanto estava desajustado, mas me permitia dar vida a esse lado apenas no clube.

Sozinhos, voltei a me sentar, Madá se inclinou na mesa, empinando sua bunda em um fio dental na minha cara. Em outros tempos, beijaria e lamberia todo o seu corpo. Eu venerava cada centímetro de pele que a cobria, de forma amável e carinhosa.

A desgraçada preferia os tapas, puxões de cabelo e meu lado bruto, beirando ao cruel. Não deveria alimentar o monstro que havia nela, mas a satisfação final me fazia continuar, porque dentro do meu peito também estava contaminado, doente.

— Não vai me perguntar o que é? — Madá provocou.

— Diga de uma vez ou volte para a vitrine. Arranje outro babaca para te foder e te humilhar, não estou no humor para suas gracinhas. — Tomei um gole da minha bebida, ela a tirou da minha mão e engoliu todo o resto do líquido.

— Minha bunda implora por seu tapa.

— Se continuar assim, será na sua cara.

— Sabe que gosto também. — Ela deslizou ao meu lado e sorriu de forma sombria. — Me faz de gato e sapato, me come com toda a sua força e me joga fora, Giu.

— Se foda sozinha, Madá.

— Então, me deixa tomar da sua porra. Me dê a humilhação que eu mereço.

Suas mãos foram para minha calça e, em vez de pará-la, fechei os olhos e a deixei me chupar. Meu pau estava implorando por atenção, cada vez que eu discutia com aquela mulher, eu

me excitava e queria mais.

Ambos precisávamos de tratamento profissional, algo dentro de nós tinha estragado por levar o sexo daquela forma punitiva.

Ao sentir o quente da sua saliva e a maciez da sua língua na minha ereção, gemi em apreço, enredando meus dedos em seu cabelo e a forçando a ir para cima e para baixo, no meu ritmo.

Ela engasgava e eu gemia mais alto, aquela boca me levava ao ápice.

Uma sensação diferente me fez abrir os olhos, não gostava de encarar a depravação que tinha me tornado. Um olhar inusitado, cheio de curiosidade me hipnotizou. Ela estava com o rosto coberto por uma máscara, a boca se abriu e ela arfou. Suas mãos foram para o vidro, como se fosse a primeira vez que tivesse visto um boquete.

Madá sugou mais forte, minhas mãos forçaram ainda mais em seu cabelo e meu tesão se elevou com aquele escrutínio. A desconhecia não vestia roupas sensuais como as dançarinas, parecia deslocada naquele ambiente.

Quando seu olhar encontrou o meu, não consegui sorrir, nem me impedir de gozar, tão forte e intenso como há muito não fazia. Tinha dor, satisfação e um desejo de saber um pouco mais daquela curiosa.

Assustada, ela desapareceu rapidamente e a conexão que mantivemos se desfez. Pisquei várias vezes antes de olhar para Madá e perceber que nada mais fazia sentido. Tudo estava errado, não era ela que eu queria chupando o meu pau, mas a curiosa fujona.

Minha ex tentou me beijar a boca, mas me levantei e ajeitei a roupa. Meu olhar não saiu do vidro, aguardando que a outra retornasse. Como um anjo salvador ou finalmente o carrasco que me levaria até o buraco mais fundo do poço, eu queria mais dela.



Capítulo 6

Emanuelle

Eu não estava sabendo lidar com as reações do meu corpo. Quente e frio, músculos se contraindo e relaxando, um ardor gostoso entre as pernas e pensamentos insanos. Tudo me remetia àquela noite louca, que Madá me levou para conhecer o lado mais perverso do ser humano.

Por que eu tinha gostado? Céus, não deveria estar desejando voltar ao lugar, muito menos planejar a minha ida ao Clube Anjo Perverso mais uma vez.

Precisava estar focada na faculdade e nos primeiros dias de aula, mas eu só conseguia pensar no homem sentindo prazer enquanto me encarava, como se eu fosse um ser celestial.

Se ele soubesse quem era o meu pai, com certeza teria medo do que fazia. Ninguém tocaria na filha de De Leon, mas não impediria de olhar.

Tentei disfarçar o quanto aquela noite tinha sido impactante para mim, mas mamãe era tão sagaz e estava disposta a apaziguar minha relação com papai, que foi impossível não compartilhar uma meia verdade.

Sentada no sofá no fim do dia, com o celular na mão enquanto pesquisava lingeries sensuais, ela me confrontou:

— Você pode falar tudo comigo, filha.

— Eu sei.

— Os funcionários o fazem muito melhor do que você.

— Não preciso contar, se Gomes já fez. — Tirei o olhar do celular apenas um segundo, para fazer uma careta para ela.

— Aquele não é um lugar para mocinhas inocentes como você.

— Sou filha do poderoso De Leon, acho que só por isso não mereço esse adjetivo.

— Os hormônios estão à flor da pele, você tem curiosidade de saber como é o sexo. Por que não começa com beijos?

— Porque um certo Leonel De Leon proibiu que todos os garotos se aproximassem de mim. — Bloqueei meu celular e a encarei chateada, perdendo o tesão de pesquisar itens sensuais na internet.

— Estou resolvendo isso. — Tentou não fazer uma careta.

— Devo esperar sentada e recatada em casa até que isso aconteça?

— Você estava indo bem se divertindo no Bar Rústico.

— O que posso dizer em minha defesa? Encontrei outro lugar para me divertir, sou maior de idade.

— Filha, você está pulando etapas. Verá pessoas usando o sexo como algo banal e não é.

— Não fui lá para fazer com qualquer um. Só olhei, mãe.

— Pode fazer com os vídeos da internet.

— Pornografia é sinônimo de violência, agressão e mil e uma coisas que estão envolvidas em apenas cinco minutos de filme. No clube, as pessoas estão lá porque querem.

— Mas...

— Sei que é bizarro, estranho, eu só fiquei curiosa. — Dei de ombros e olhei para baixo, lembrando-me da cena que presenciei. — Já me sinto estranha demais com essa proteção descabida do papai, não preciso do seu julgamento também.

— Que tal os livros hot? — Ela se arrastou para o meu lado e envolveu o braço no meu ombro. — Você tem razão sobre os filmes, mas como nesse lugar, os livros também são para pessoas livres, especialmente mulheres. Terá todas as cenas descritas e detalhadas, para matar a sua curiosidade.

— Aquele e-Reader que você me deu tem alguns livros desses, certo?

— Sim. — Ela beijou minha testa e suspirou. — Na ficção também é possível vivenciar o prazer, com segurança.

— Tudo bem, eu vou tentar. — Não era o que eu queria, mas faria por ela e sua tentativa de apaziguar a situação, sempre.

— Como foi o primeiro dia de faculdade?

— Nada. — Dei de ombros. — Peguei meus horários, conheci alguns professores e andei pelo campus. — Encarei-a, pronta para o confronto. — Quero poder ir sozinha, com o meu carro.

— Você ainda precisa de um segurança, filha. Seu pai...

— É só falar a verdade, que ele não é meu pai. Ninguém virá atrás de mim. — Afastei-me dela, chateada.

— Oh, Manu, se soubesse o quanto me machuca e a seu pai, quando diz isso.

— Mas é a verdade. — Respirei fundo e me senti um pouco mais livre para confessar o que realmente sentia. — Finalmente, a realidade, pés no chão. Dói, mas é solo firme, céu aberto e luzes acesas.

— Te demos tudo do bom e do melhor, um exame de DNA não irá findar um vínculo que construímos dia após dia.

— E você espera que eu retribua com obediência? Bem, eu fiz, por dezoito anos. Agora, eu quero ter um pouco de autonomia.

— Vamos brigar todas as vezes que entrarmos nesse assunto? — Colocou as mãos no rosto, resignada. — Caramba, Emanuelle, eu não queria chegar a esse ponto, mas farei, para o bem da minha família. Faremos terapia, os três juntos.

— O quê? — Levantei-me do sofá rindo, peguei o celular e debochei da minha mãe. — Papai vai se sentar em uma cadeira e falar dos problemas dele para uma psicóloga? Essa foi a piada do ano.

— Para você ver o quanto ele está disposto a resolver esse impasse com você. Precisa facilitar, Manu. Ele abre mão de algo, você faz o mesmo.

Olhei para a porta, meu pai apareceu e estufou o peito, pronto para o embate. Fiz o mesmo, eu não ficaria submissa, queria viver e sentir todo aquele rebuliço da noite no clube.

— Peça que ele tire essa ordem absurda da cidade. Me deixe andar com meu próprio carro, então, pensarei no assunto.

— Você não está em posição de exigir nada, Emanuelle. Todos nessa casa seguem os protocolos de segurança — o poderoso chefe de família se impôs.

— Eu não quero — rosnei para Leonel.

— Você pode querer morrer, ser abusada ou viver uma experiência de tortura, mas não eu. Irei te proteger, até de você mesma.

— Só se me trancar no quarto, porque eu irei viver a minha vida.

— Se for preciso, eu o farei.

— Leonel! — Mamãe intercedeu e foi para a frente dele, colocando as mãos em seu peito e chamando sua atenção. — Ela quer ir com o próprio carro para a faculdade.

— Não.

— Confiança é uma via de mão dupla.

— Eu não vou permitir que ela sofra, como aconteceu comigo. Sem abuso, sem agressão ou ameaças. A vida dela será perfeita!

— Sua vida não é a minha. Quero errar tudo o que não me permiti nesses anos preocupada em te agradar. — Desviei-me deles para sair da sala. — Eu não nasci grudada com vocês, nem do mesmo sangue somos.

— Você é minha filha sim! — meu pai esbravejouo, forte e com um tom de sofrimento,

que quase me fez chorar.

Queria replicar, que se fosse para sofrer com tantas represálias, que eu abdicava daquele título. Sem autonomia, uma marionete nas mãos daqueles que me amavam.

Aquele amor me causava dor. Preferia que não o sentissem por mim.

Disposta a me acalmar e planejar minha semana de faculdade, incluindo uma visita ao Clube Anjo Perverso, fui para o meu quarto e me tranquei nele. Peguei o fone de ouvido na cômoda de cabeceira, pluguei no celular e me deitei na cama, olhando para o teto e imaginando que eu poderia fazer um pouco mais do que olhar.

Ninguém me tocou ou me julgou naquele lugar, daquele lado do vidro, eu me sentia livre para deixar qualquer parte de mim transbordar. Como não tinha o número de Madá, voltaria para o Bar Rústico no mesmo dia da semana que a encontrei e seguiríamos para a perdição.

“Se é assim que termina

Você deixaria rolar?

Você poderia fazer isso de novo?

Se é assim que vai

Você poderia mantê-lo dentro?

Então ninguém sabe”

Cevilain – How It Ends

Meu ventre vibrou e estava tão animado quanto meu coração para ter uma nova aventura.



Capítulo 7

Emanuelle

Achar Madá no bar foi fácil. Aproximar-me dela, enquanto se esfregava, beijava e dançava com um homem aleatório, me deixou constrangida; eu não sabia como me portar.

Posicionei-me em um lugar que ela, eventualmente, iria me encarar. Gomes continuava me seguindo, não estava agindo de forma amigável e nem eu com ele. Fodam-se os homens que queriam me controlar, eu seria livre como Madá.

Desistindo de ser notada, entrei na pista de dança e me misturei com as pessoas ao redor. Como a música se conectou comigo, aproveitei o momento antes de encontrar-me com aquela que tinha o passe para o clube.

“Sua perfeição

Obsessão

Te separa

Mas o veneno

é inútil

Para o coração sem sangue”

KLEINOD – Poison

Fechei os olhos, ergui os braços e sorri, apesar da tensão em casa e das conversas que terminavam em briga, eu me sentia bem. Ansiedade transbordava para ir até aquele lugar e encarar o homem tendo prazer.

— Novinha! — Madá gritou no meu ouvido e pulei, assustada. Ela riu, estava embriagada, como todas as vezes que a vi. — Achei que nunca mais a veria, praticamente fugiu depois que comecei o serviço.

— Ah! — Desviei o olhar, envergonhada de comentar que tinha assistido tudo antes de desaparecer. — Tudo bem com você, Madá?

— Tudo ótimo, se você for comigo para o clube novamente.

— Sim, eu quero. — Peguei o celular e sorri. — Poderia me passar seu número? Assim ficaria mais fácil de te achar.

— Ah, claro. Mas vou precisar de dinheiro.

— O que disse? — Franzi a testa.

— Aquela vez foi uma amostra grátis. A entrada no clube é muito cara.

— Mas você disse que as pessoas pagam para nos ver dançar.

— Pois é, coisa que você não fez. — Ela colocou as mãos na cintura e me encarou da cabeça aos pés. — Pronta para rebolar até o chão, Novinha?

— Sim, comprei lingeries novas. — Mordi o lábio e o olhar dela brilhou. — Vou poder ficar com a máscara, certo?

— Com certeza, você será o presente perfeito da noite. — Ela me fez girar no lugar e meu coração acelerou. Caramba, eu estava fazendo e desejando aquele momento. — Você se passaria por virgem tranquilamente.

— Mas eu sou.

— Claro que sim. — Ela tirou o celular da minha mão e cadastrou seu número na agenda. — Mas você quer ir com calma, certo?

— Sim.

— Uma dança aqui, outra lá...

— Perfeito para mim. — Guardei o aparelho no bolso da saia jeans e esfreguei as mãos. — Vamos?

— Preciso terminar um serviço, terá que ser no banheiro. — Olhou ao redor e fez uma careta. — Seu segurança está aqui.

— Ele fará o que eu mandar. — Eu também me surpreendi com aquela fala. Madá bateu palmas e gritou, animada.

— Você está entendendo o conceito, Novinha. As mulheres mandam nessa porra! — Ela ergueu a palma e bati minha mão na dela, animada. — Me espere no bar e peça um copo de uísque, para tirar o sabor de porra velha da minha boca.

Antes que eu pudesse entender o que ela estava prestes a fazer, Madá se afastou, voltou para onde estava com um estranho e identifiquei os cabelos grisalhos daquele homem. Caramba,

ela iria chupar como fez com o outro desconhecido do clube.

Quem seria aquele, que me olhou com tanta admiração? O melhor que eu fazia era separar minha vida real da curiosidade sobre o sexo. Engraçado como meu pai se esforçou tanto para que eu não fosse corrompida, mas tudo veio até mim como uma enxurrada de anseio proibido.

Fui até o bar, fiz o pedido e tomei uma dose de tequila. Sem conseguir me acalmar, movimentei-me no embalo da música até que Madá voltou, com o rosto vermelho de um lado e o batom borrado.

Antes que eu pudesse perguntar o que aconteceu, ela tomou toda a bebida, pegou um guardanapo de papel no balcão e limpou os lábios. Forçou o sorriso para mim e retribuí, hesitante.

— Não se engane, eu gosto dessa merda.

— O uísque?

— Ser tratada como lixo.

Ela segurou no meu pulso e me puxou para fora do bar. Se eu a julgasse, me tornaria como meus pais. Cada um tinha o direito de fazer da vida o que bem entendesse, o que era bom para mim não precisava ser adequado para o outro, apenas respeitado.

Gomes logo nos alcançou no estacionamento e desbloqueou o carro, para que entrássemos no banco de trás.

— Você está bem? — perguntei para Madá, percebendo que aquela confissão era muito parecida com o que eu estava sentindo, por motivos diferentes. Queria algo fora do padrão, beirando ao doentio para punir meus pais, mas não queria chegar ir tão fundo do poço, como ela parecia estar.

— Claro. Um dia de cada vez. — Ela se acomodou no assento e sussurrei para o motorista o nosso próximo destino. Claro que ele resmungou algo em desacordo, mas não me desobedeceu.

— Ele te bateu?

— Todos o fazem. Eu peço. — Ela sorriu com perversão. — Você também o fará, em algum momento.

— Acho que é demais para mim.

— É sexo, Novinha. Quanto mais cedo descobrir que está no poder, que sua boceta comanda o mundo, menos sofrerá. Para o prazer não há limites.

— Você não é o melhor exemplo para falar desse assunto, Madalena — Gomes se intrometeu na conversa e Madá riu, divertida.

— Então, por que estou aqui, sentada ao lado dela e a levando para o Anjo Perverso? Ah, sim, porque você é apenas o segurança e ela paga suas contas, idiota.

— Eu vou...

— Aqui não! Eu já discuto todos os dias em casa, vocês não o farão no carro. — Estendi o braço e apertei o ombro de Gomes, minhas unhas tentaram romper o paletó que usava. — Pare! Você ouve e não se mete.

— Perfeita, sem defeitos! — Madá me aplaudiu e, de certa forma, eu me senti bem com sua aprovação. — Faça isso no clube, você terá uma fila de velhos babões querendo ser humilhados pela Novinha.

— Velhos, não. — Fiz uma careta.

— Apenas os melhores. — Fez uma cara sensual e mordeu o lábio inferior. — Os quarentões de hoje são mais gostosos do que os de antigamente. São decididos, têm pegada e sabem o que querem. Ninguém ditará regras para homens feitos, eles que comandam.

Uma ideia brilhou na minha mente e comecei a rir sozinha. Meu pai tinha proibido que todos os garotos da minha idade se aproximassem de mim. Nenhum era digno, todos moleques. Então, eu teria minhas experiências com os mais velhos, homens maduros e que não temessem ameaças esdrúxulas como aquela. Eles não teriam medo de enfrentar De Leon e eu poderia aproveitar o momento.

Perfeito!

Balancei meu corpo, Madá me acompanhou e cantei com a música do alto-falante. Aquele era o meu momento, estava no caminho certo, o Clube Anjo Perverso era o único lugar que eu poderia ser livre.

A realidade, por mais cruel, era sempre a melhor opção. Imaginei-me apenas com a lingerie, dançando e me divertindo enquanto era desejada por todos os homens que não faziam parte do círculo de relacionamento da família, com a idade do meu pai ou mais velho.

O proibido me deixou cada vez mais embriagada e quando chegamos ao clube, eu estava determinada a fazer um pouco mais do que na última vez.



Capítulo 8

Giuliano

A música estava errada, as pessoas ao meu redor não eram as adequadas. Em uma confraternização com outros advogados, eu tomava meu refrigerante e pensava na curiosa fujona do Clube Anjo Perverso.

Ela não saiu da minha cabeça e fingia que isso não era eu dando poder para uma desconhecida.

Por muitas vezes tentei ligar para Madá e saber daquela dançarina, mas evitei outra decepção. Eu não precisava de nenhuma das duas.

Então, para não pegar meu carro e dirigir até Lumaria, estava me torturando com velhos chatos, que falavam sobre doença e jogo de futebol. A única bola que eu gostava, era da minha batendo contra a boceta da mulher, com ela de quatro.

— Está quieto hoje, Doutor. — A secretária de um dos meus colegas apareceu ao meu lado. De pé, o mais afastado de todos naquele bar sertanejo, eu tentava sorrir e interagir.

— Muito trabalho, passei metade do meu dia no fórum. — Tomei outro gole do meu refrigerante e encarei a mulher.

Deveria ter a mesma idade que eu, provavelmente aceitaria uma proposta ousada de sexo casual, mas como advogado e por ter lidado com processos de assédio, apenas era educado.

— O senhor não é casado?

— Nem pretendo.

— Então, gosta de se divertir sem compromisso. — Ela mordeu o canto inferior do lábio e virou o copo, nitidamente se oferecendo.

— Sou reservado e hoje estou muito cansado.

— Não dá conta do recado? — desafiou, olhando-me dos pés à cabeça. Puta merda, meu ego estava pronto para esquecer a prudência e mostrar àquela atrevida que eu só queria dispensá-la de forma educada, não tinha nada estragado em mim.

— Talvez, o que eu gosto, não possa ser oferecido por apenas uma parceira. — Sorri sedutor, ela arregalou os olhos, fascinada. — Mas, como eu disse, hoje estou indisposto. Na verdade — estiquei o braço e conferi as horas, de forma teatral —, tenho outro compromisso. Até mais.

— Gosto como o senhor pensa, uma pena que está indo tão cedo.

Deixei o copo na superfície mais próxima, me despedi de alguns colegas e saí do bar, pisando levemente no chão, porque eu queria voar.

Meu destino tinha que ser minha casa. Uma boa noite de sono e pensar no trabalho, me ajudariam a manter o foco, era tudo o que eu precisava.

Entrei no meu automóvel, dei partida e liguei o som do carro. Como se eu estivesse hipnotizado, em vez de seguir para a minha residência, peguei a autoestrada e fui para o destino proibido.

“Olhe nos meus olhos

E me diga o que você vê

Um demônio disfarçado

Fingindo ser eu”

Chxrlotte – Don’t Save Me

Não precisava de muito para despertar o meu pior lado. Estava brincando com fogo e me rebaixando novamente. Mas, eu também poderia mostrar àquela dançarina, quem mandava. Apenas uma noite, uma única vez seria o suficiente para provar e me desapegar.

Conferi o combustível, teria que abastecer na volta, não perderia tempo na ida. Acelerei o máximo que consegui e cheguei ao local que me proporcionava a satisfação tóxica que eu buscava.

Reconheci o carro de João Victor Camargo, ele tinha desaparecido naquela semana, mas não me enganava. Estava planejando algo e querendo me incluir, eu não tinha nada a ver com o lado obscuro da família.

Saí do carro, ajeitei o terno e passei pela recepção, deixando meus pertences e registrando minha entrada. Coloquei a pulseira e fui para o salão principal, criando uma expectativa dentro de mim antes de ir para os reservados.

Todos conversavam naquela área. Roupas extravagantes e sorrisos falsos, alguns de máscaras, outros observando, o horário ainda não permitia grandes extravagâncias. Depois das

2hs da manhã, apenas os clientes com maior poder aquisitivo ficavam e a putaria rolava solta, sem limites.

Faltava pouco para aquele momento, a Curiosa Fujona já poderia ter sido escolhida, todavia, eu queria protelar e sentir meu estômago se revirar de antecipação.

Assim que me aproximei do balcão para pedir uma bebida, meu corpo virou e minhas pernas me conduziram para o reservado, o mesmo daquele dia. Puxei a cortina, soltei o ar aliviado por não estar ocupado – eu estava agindo descuidado – e parei em frente à porta de vidro.

Busquei em todos que dançavam, qual deles era ela. Tão focado no meu objeto de desejo, não percebi que Madá tinha se aproximado e estava se insinuando para mim. Fui eu que revelei minha presença, abri a porta e enfrentei minha ex. Ela sorriu e passou as mãos pelo corpo, caminhando sedutora para mais próximo.

— Tem alguém apressado. — Ela se vangloriou. Continuei olhando ao redor, mas nem sinal da outra mulher. — O que você busca, querido?

— Você tinha algo diferente para mim.

— Sim, seu presente. — Ela entrou no meu reservado e a acompanhei, fechando a porta e abafando a música. — Não está cansado de pegar a mulher dos outros?

— Eu poderia fazer a mesma pergunta para você. — Encarei-a com tédio, ela sorriu, satisfeita.

— Sou insaciável. Mas o seu pau sempre foi o meu preferido.

— Chega de conversa sem propósito. O que você pretende?

— Tem uma dançarina nova. Sabe aquela, que ficou nos observando, enquanto eu te chupava? Ela ainda não contou para o patrão que é virgem. — Colocou a mão na boca e riu, meus olhos brilharam. — É uma putinha, apesar de tudo. Precisa de dinheiro para pagar uma dívida de jogo, vai trabalhar comigo, foder por alguns meses, depois sumir.

— Uma virgem querendo ser acompanhante? Que porra de mentira é essa, Madá?

— Quem tem cobradores na cola é ela, não eu. — Deu de ombros. — Todo homem curte uma boceta intocada. Ser o único a tomá-la e não precisar usar camisinha.

— Só na sua cabeça doentia, sempre uso preservativo.

— Então, vai querer? — Inclinou a cabeça para o lado e cruzou os braços. — Ela me pediu ajuda, para que encontrasse um amante decente para ser o primeiro. Mas vai ter que pagar, senão, o patrão vai leiloar e já viu o que acontece.

— Onde ela está? — Tentei não soar desesperado, porque o meu lado protetor tinha sido acionado. Normalmente, os mais brutos e sem noção arrematavam as primeiras vezes naquele clube.

Eu queria ser o primeiro homem da Curiosa e estava me enchendo de tesão.

Capítulo 9
Giuliano

Enquanto a mulher me analisava, eu tentava esconder meu interesse e anseio por aquele momento. Não só estaria lidando com uma boceta diferente de todas que tomei, mas a ajudaria a não ter uma primeira vez traumática.

Quem eu estava tentando convencer, eu era um pervertido em busca de uma diversão inusitada, além da que eu estava habituado.

— Não tenho a noite inteira — reclamei.

— Ah, sim. — Ela estufou o peito, empinando-os para me atrair, deu um passo mais próxima e sussurrou: — Vai te custar caro.

— Eu já pago muito para estar aqui e ter o que eu quero, Madá. Estarei fazendo um favor, não o contrário.

— Não. — Ela colou a boca na minha orelha. — Esse dinheiro será dado diretamente na minha conta. A primeira foda que não envolve traição, você merece mais. — Riu, ensandecida. — E sim, estou te ajudando a sair desse ciclo vicioso que se meteu, por conta do chifre que te coloquei.

Cego de raiva, coloquei minha mão na garganta dela e a encarei. Madá riu, adorava que eu a tomasse bruto, mesmo que isso pudesse machucá-la. No fim, o mais agredido era eu, por ter caído em sua armadilha. Mais uma vez.

— Vá embora, que se foda. — Larguei-a, virando-me para ir embora.

— Com medo de ser tão ruim para ela como foi para mim, nas primeiras vezes? — Parei de andar, ela tinha alimentado um pouco mais minha ira. — Tudo bem, eu arranjo alguém melhor.

— Veja por si. — Virei-me tremendo. — Cada beijo e cada toque que a virgem receber, você observará.

— Eu já faço e nada me impressiona.

— Tudo o que nunca farei com você, com nenhuma outra, essa mulher terá. Não só o bruto e a luxúria, mas minhas carícias e palavras de desejo. O que você não valorizou, eu aprimorei e não te darei. Nunca! Seja com as adúlteras, seja com as virgens. Eu não sou seu, Madá.

— Mas um dia você foi. E eu sempre serei sua, Giuliano. — Pressionou os lábios, controlando a emoção e foi até a porta de vidro. — Vou buscá-la.

Sentei-me na poltrona, inclinei a cabeça para trás e a apoiei no encosto, exausto. Porra! Estava não só de pau duro, mas irritado e querendo provar que eu era um homem de verdade.

Por que eu tinha essa necessidade de humilhá-la? Claro, meu orgulho estava ferido e implorando para que eu vencesse a batalha. Por mais que eu soubesse que não precisava dela, que a opinião da minha ex não valia, estava difícil evitar o desastre.

A porta se abriu, o olhar da Curiosa não chegou ao meu, ficou no chão, encabulada. Sabia que tinha tudo de mentira na história de Madá, eu precisava confirmar se, pelo menos, ela estava disposta.

Com uma lingerie delicada e rendada, o corpo da mulher enviava ondas de conexão sedutora, que me fazia pensar exclusivamente com o pau.

— Vamos! — Madá bateu na bunda dela, que deu um pulo e ergueu a cabeça. — Ele não vai te tocar enquanto eu não autorizar. Faça sua magia, Novinha.

Troquei um olhar com minha ex, que deu de ombros e foi para o banco da frente. Sentou-se como rainha e piscou várias vezes, indicando a embriaguez.

Analisei a Curiosa e percebi que se tratava de uma garota. Mesmo com a máscara, era possível identificar o essencial. Não só os traços suaves, como todas as suas curvas, por mais avantajadas que fossem. Era perfeita, me deixava excitado e ao mesmo tempo em alerta.

— Qual seu nome? — perguntei, como se ordenasse um criminoso a responder.

— Ma... Manu — murmurou e respirou fundo, tomando coragem. — Eu vou... só estou nervosa.

— Pode ir embora. — Apontei para a porta de vidro e abri as pernas, relaxando.

Ela se aprumou, surpreendeu-me ao subir na mesa à nossa frente e deu algumas voltas, experimentando a altura. Bem mais abaixo, eu admirava aquela bunda em um fio dental elegante e me deixava levar pela música abafada que chegava até a cabine.

“Eu sei que dói

Se eu pudesse pegar de volta tudo

E consertar seu coração, eu faria”

Dear Agony – My Betrayal

Manu fechou os olhos, colocou as mãos no cabelo e rebolou, Madá deu um gritinho animado, incentivando-a. A dançarina novata riu, não era apenas falta de experiência, parecia que estava fazendo algo tão errado e proibido quanto eu.

— Ela não é como você. — Fechei minha cara e me aproximei da mesa, intimidando Madá, que não tirou os olhos da garota. — O que ela está fazendo aqui?

— Eu vim dançar. — O pé de Manu foi para o meu peito. Seus olhos brilharam e meu coração pegou fogo, de desejo e destruição. — E você, vai apenas observar.

Empurrou-me com o pé. Segui seu impulso, porque estava hipnotizado e querendo retribuir, com muito mais domínio do que fazia com Madá. Ela estava se sentindo poderosa, mas comigo, era eu que estava no comando do sexo. Nunca mais deixaria outra tomar as rédeas.

Rebolando e abaixando, sensualizando a cada movimento bem executado, eu queria fazer muito mais do que tocar. Manu se virou para mim, mordeu o lábio inferior e foi descendo, abrindo as pernas e me dando uma visão privilegiada da sua boceta coberta com a renda. Respirei fundo e não me movimentei, apenas meu pau ganhava vida e queria rasgar minha calça.

Manu se ajoelhou, empinou a bunda e jogou a cabeça para trás. Cenas comigo metendo fundo, puxando seu cabelo e gemendo alto invadiram minha mente. Puta que pariu, eu queria,

pagaria qualquer preço para tê-la pela primeira vez.

Achei que terminaria com a música, mas ela seguiu dançando outras três. Madá se sentou ao meu lado, massageou meu pau e lambeu minha orelha, eu arfei de tesão, porque eu só conseguia ver Manu na minha frente.

— Não. — Segurei no pulso da minha ex, antes que ela abrisse minha calça. Manu parou de dançar, vi a sombra da decepção por eu estar com outra. Virei meu rosto e encarei Madá, que aguardava minha instrução. — Eu disse que você só iria observar. Se Manu quiser, meu pau é dela para chupar.

— Esse não é o acordo.

— Você não precisa responder por ela. — Olhei para a dançarina novata, que estava saindo da mesa e as pernas bambearam quando chegaram ao chão. — Então, Manu. O que será? Vamos continuar com esse jogo de observar ou se ajoelhará para que eu meta meu pau na sua garganta?

— Não! — Madá se levantou e eu a acompanhei. — Giuliano, era apenas uma dança. Foda-se, eu não vim aqui para ser trocada por uma ninfeta inexperiente.

— Você negociou a virgindade dela, um boquete é parte da preliminar. — Sorri com falsa malícia, Manu tinha arregalado os olhos e Madá negou com a cabeça. — Pode se acostumar, traição faz parte do pacote.

— Eu... — a garota não sabia o que dizer.

— Não quero desse jeito. Vamos embora, vou achar outro para nos divertir.

Minha ex pegou no pulso de Manu, puxou-a para ir até o outro lado do vidro, mas a peguei de volta com força, tranquei a porta e saí com a garota do reservado, deixando Madá desesperada.

Tirei meu paletó, entreguei-o para Manu vestir e entrelacei meus dedos com os dela, guiando-nos para o salão principal. A suruba estava prestes a iniciar, seria um bom lugar para nos esconder e Madá não achar, até eu tirar a história a limpo com a garota.

Indiquei para que ela se sentasse em um banco oval e de encosto alto, acomodei-me ao seu lado e envolvi meu braço no seu ombro. Manu estava assustada, sentia as batidas do seu coração e me inebriava um pouco mais na imensidão do seu olhar.

A música mudou para um ritmo mais suave, as pessoas começavam a se despir e eu não tirei os olhos dos dela. Imaginei meu paletó ao redor do seu corpo com lingerie, o quanto queria que ela estivesse no meu colo, subindo e descendo, gemendo meu nome e implorando por mais.

Foco! Naquele momento, eu só precisava saber um pouco mais, não executar as ações que minha mente perversa desejava.

— Uma suruba vai começar, mas não precisamos participar. Ninguém vai nos tocar ou incomodar. Então, comece a falar, Manu. Quem é você?



Capítulo 10

Emanuelle

Por que eu estava excitada com o perigo? Talvez fosse a segurança que o homem me deu, ao oferecer o paletó para me cobrir. Ou o olhar gentil, que apesar da postura agressiva, havia algo mais suave lá no fundo.

Será que eu poderia contar toda a história? Não. Aquele era um momento de diversão, não realidade. A minha ficção em meio à briga familiar que eu estava envolvida.

Madá foi longe demais, mas talvez, tenha sido necessário para que eu tivesse alguém para realizar os meus desejos secretos. O homem parecia velho demais para mim, o tipo ideal que meu pai não ameaçou.

— Prefiro manter o Manu, meu apelido. Tenho dezoito anos e sou estudante. E você?

— Meu Deus. — Olhou para cima, mas logo retomou para mim, tenso. Ao nosso redor, o fogo da luxúria ardia de tanta intimidade exposta, sem pudores ou restrições. Os gemidos ecoaram com a música, eu estava muito excitada e não conseguia pensar racionalmente. — Sou Giuliano. Tenho idade para ser o seu pai, garota. — Bufou, irritado. — Filha da puta, Madá.

— Não é culpa dela. Não fui obrigada a nada, vim porque eu quis.

— Estava disposta a transar comigo? Ter sua primeira vez com um desconhecido muito mais velho do que você?

— Não, era apenas uma dança. Acho que Madá se confundiu, ela bebeu demais.

— Ela vive alcoolizada.

Espiei ao redor, um homem sugava o seio da mulher, que subia e descia no colo dele, de frente. Nus, corpos se esfregando e peles brilhando de suor e excitação. Minha boca se abriu, a saliva aumentou e o excesso de estímulo sensorial me tirou o pouco foco que eu tentava me apegar.

— Você precisa aprender a beijar na boca antes de vir para um inferninho como esse. — Seu dedo tocou meu queixo e me fez encará-lo. Senti minhas bochechas esquentarem e olhei para seus lábios, convidativos e vermelhos. Se ele quisesse me ensinar, estava mais do que disposta a aprender. — Ah, Manu. Pare de me olhar assim, estou tentando não te corromper.

— Talvez eu não queira que cuidem de mim.

— Onde estão os garotos da sua idade?

— Assustados demais, porque meu pai é sem noção e os afastou. — Se fosse possível, aproximei-me um pouco mais e ergui a cabeça, para estar mais próxima da dele. — Você não parece alguém que recua diante de uma ameaça. Eu nunca te vi pela cidade.

— Minha vida não te interessa. Nada do que acontece além dessas paredes é assunto para ser discutido aqui.

— Ótimo, vamos falar do agora. — Coloquei minha mão no seu rosto e senti a barba rala fazer cócegas na minha palma. Ele fechou os olhos e suspirou, rendido ao meu encanto. Estava amando o poder que eu tinha sobre ele e o quanto de esforço ele precisava fazer para se manter casto. — Você tem um rosto bonito, Giuliano. Gostei dessas manchinhas próximas ao seu olho.

— Pare.

— Por que está se controlando?

— Está disposta a se deitar sobre essa mesa enquanto eu encho sua boceta com minha porra? — Arregalei os olhos e me assustei as suas palavras diretas e obscenas. — Quero te chupar até que goze na minha língua. Desejo te foder em todas as posições e te fazer gritar a cada orgasmo, até o sol nascer e nos expulsar do clube. Mas eu não posso fazer nada disso, porque você é outra vítima de Madalena Barcelos. Então, por favor, não me provoque, senão eu irei para o inferno, porque não vou me arrepender de fazer tudo o que prometi.

— Oh! — Meus dedos deslizaram pelos seus lábios, experimentando a textura e a descarga elétrica gostosa ocasionada por nossas emoções. Ele franziu a testa, ainda se controlando para não ultrapassar um limite comigo. Sua alma era nobre, apesar da perversão que nos cercava. — Posso te pedir só uma coisa, então?

— O que você quer, Curiosa?

— Um beijo.

O braço que estava ao redor dos meus ombros se fechou ainda mais. Minhas pernas foram para cima das suas coxas, empinei meu nariz e tentei ajeitar minha postura para que meu pedido fosse atendido.

Ele umedeceu os lábios, afastei minha mão, para que minha boca pudesse se aproximar. Provocador, Giuliano veio e se afastou, colocando uma das mãos na minha coxa e apertando,

dividindo minha atenção. Suspirei, nervosa e excitada com aquela demora em me beijar.

Novamente se aproximou, um leve tocar de lábios, então se afastou, de olhos fechados. Sua mão subiu até próximo da minha bunda, apertou e toquei seu pulso, subindo pelo seu antebraço, até chegar próximo do ombro. A cada pressão que ele fazia em mim, eu replicava nele, como uma boa aprendiz.

— Nano — gemi metade do seu nome, era um apelido que tinha surgido de forma intuitiva.

Seus olhos se abriram um segundo, ele inclinou a cabeça e avançou, me beijando com tanto fervor, que perdi o fôlego. Abri a boca e senti a sua língua, que estava ávida para se conectar. Seu sabor era mágico, intenso e com uma suave doçura, ele deveria ter tomado refrigerante antes de nos vermos.

Esqueci-me de onde estava, os meus problemas e apreciei a bolha de luxúria em que Giuliano me colocou. Com um impulso, como se soubesse o que eu queria, ele me encaixou completamente em seu colo. Senti sua dureza, seus braços me rodearam e me protegeram muito mais do que eu esperava daquele estranho.

Segurei em seus ombros, minha boca abria e fechava, seguindo a sua condução experiente. Ajeitei um joelho de um lado, depois o outro, montando-o de frente e lembrando-me da cena que eu tinha visto, do homem sugando o seio da mulher. Eu poderia fazer algo parecido, ninguém iria me julgar naquele lugar.

Abracei o pescoço dele com força, interrompi o beijo para focar na sensação predominante no meu corpo e meu ventre pulsou, extasiado. Eu tinha dado voz para meu instinto mais primitivo, na frente de tantas outras pessoas que compartilhavam o prazer fora do padrão. Escondi meu rosto em seu pescoço e respirei com dificuldade, as mãos de Giuliano deslizaram pela minha pele, encontraram minha bunda e apertaram, com força sedutora.

— Você é tão gostosa, Manu — murmurou. — Tão proibida.

— Sim — respondi, mesmo que não fosse uma pergunta.

— Fuja de mim, de Madá. Sei que está à procura de se sentir completa ou feliz, mas aqui, você encontrará apenas o fundo do poço. — Forçou-me a esfregar contra ele, a sensação de prazer era gostosa demais para parar. — Está percebendo? Você tem vergonha, mas também desejo. Aprenda a se masturbar em casa, atenda suas necessidades na segurança do seu quarto e não volte mais aqui. — Arfou, aumentando a pressão dos seus dedos na minha pele. — Eu também sinto, Manu, é delicioso. Quero tanto te foder, sentir o quanto sua boceta está quente e receptiva, que não é apenas meu pau que dói, mas meu peito e minha mente.

— Oh! — Tentei não fazer barulho, coloquei minha boca em seu pescoço e minha língua tocou sua pele, fazendo-o se arrepiar. Ele gemeu e eu queria mais. — Nano?

— Meu Deus, Manu, não me chame assim. — Seus dedos apertaram novamente minha bunda e me fizeram ir e voltar contra seu membro, cada vez mais forte, mais firme, me deixando a um passo de explodir.

— Nano!

— Eu imploro, estou no meu limite.

— Não estou me segurando — sussurrei bem próxima do seu ouvido, a respiração ofegante tornava minha fala ainda mais sensual. — Você deveria fazer o mesmo, Nano. Eu quero

isso.

— É seu. Vou te fazer gozar no meio dessa putaria. Sua alma agora é minha.

Sua mão foi para a minha nuca, me fez afastar apenas o suficiente para que ele voltasse a tomar minha boca, possessivo. Um beijo com pressão afrodisíaca, sua língua dominadora me punia da melhor forma, por causa do prazer que eu ansiava.

Aquela experiência estava fugindo do controle e eu estava amando cada segundo ao seu lado.

Com a outra mão ele continuou a movimentar meu quadril para a frente e para trás, rebolei e me esfreguei, alcançando uma sensação intensa, o ponto máximo que eu nem sabia que existia e que era daquela forma.

Gemi enquanto o beijava, o som vibrava na nossa boca e eu gozava com um homem pela primeira vez. Ondas de luxúria, alvoroço emocional e batidas musicais prolongaram a sensação até que eu perdesse o fôlego. Aos poucos, o tremor do corpo se foi, a onda de excitação se esvaiu e o desejo, que comandou minhas ações, deu lugar para a culpa.

Vergonha.

O que eu estava fazendo? O que meus pais diriam sobre o meu comportamento? Como eu me enxergava depois de ter feito algo tão íntimo de forma irresponsável? Puta? Indigna de respeito?

Encolhi-me em cima do homem, que me abraçou e acariciou minhas costas, ele parecia ouvir meus pensamentos julgadores. Os gemidos ao redor não eram mais agradáveis, mais invasão de privacidade.

Meu Deus, eu me perdi. Por que fiz isso? Giuliano era um completo estranho e com idade para ser meu pai. Eu estava mais do que fodida.



Capítulo 11

Emanuelle

Saí do seu colo desajeitada, batendo meu quadril na mesa e me machucando no processo.

— Espere! — ele exigiu.

— Eu preciso ir.

— Manu. — Ele tentou me segurar, eu me afastei e passei por entre casais transando e me olhando.

Abracei meu corpo, tentei me embrulhar um pouco mais naquele paletó, mas minhas pernas estavam expostas demais.

— Ei! — Giuliano apareceu na minha frente e não me deixou continuar. — Calma, eu te acompanho até a saída ou para a sua casa. Você está no caminho errado.

— Eu me viro.

— Só quero te ajudar.

— Já fez, adeus. — Consegui me livrar dele e, usando sua indicação que eu estava no caminho errado, mudei de direção e encontrei a porta para o hall. Deveria trocar de roupa, mas eu não tinha condições de protelar minha fuga.

Tirei a máscara assim que pisei no estacionamento, busquei pelo carro de Gomes e me joguei no banco de trás, envergonhada.

— Senhorita? Você está bem? — perguntou, preocupado.

— Vamos embora.

— Não antes de me falar o que aconteceu. — Ele se virou do banco da frente e tirou uma arma não sei de onde. — Minha ordem é para matar qualquer um que te machuque. Ninguém que prejudique a família De Leon sai impune.

— Chega! — gritei, com vontade de chorar. — Gomes, por favor, eu só quero ir para casa.

— Você bebeu algo? Foi forçada?

— Só estou assustada, porque beijei pela primeira vez. — Encolhi-me no banco, puxei minhas pernas para cima e as abracei. — Estou assustada, qualquer coisa que eu fale poderá ser distorcido. Então, por favor, não me peça para detalhar, meu pai vai me estrangular pelo que acabou de acontecer e matará o homem que estava sendo caridoso comigo.

Abaixei a cabeça, respirei fundo várias vezes e escutei o carro dar partida. Com uma música forte e baixa, Gomes dirigiu de volta para casa enquanto eu colocava minhas ideias no lugar.

“Para cada pensamento que termina em violência

Eu tento entorpecer em silêncio

Por medo de te rasgar em pedaços

Ao lidar com os demônios na minha cabeça”

Upon These Scars – Malice

— Senhorita, preciso que fale comigo. — O segurança estava tenso e me deixava ainda mais nervosa.

— Estou bem, apenas confusa. — Obriguei-me a ajeitar o cabelo e cobrir meu corpo. Céus, aquele era o paletó de Giuliano, eu não estava com a minha roupa.

— Tenho família. Quando comecei a trabalhar para o seu pai, eu não tinha perspectiva de vida, mas a encontrei. Então, fui designado para cuidar da sua segurança e nesse último mês eu não consigo dormir, ninguém da minha família está bem, porque imaginam que a notícia da minha morte chegará a qualquer momento. — Endureceu os ombros. — Não quero te responsabilizar por nada, apenas exponho a verdade. Sua instabilidade afeta muitas pessoas, não só seus pais.

— Meu pai não tocará em você ou sua família, Gomes. Chega dessa pressão exagerada.

— Leonel De Leon é a lei nessa cidade. — Encarou-me pelo retrovisor interno e suspirei, exausta emocionalmente. — Sei que foi blindada do que realmente acontece, o poder do seu pai vai além do empresário respeitado.

— E você quer que eu faça o quê? — Cruzei os braços e olhei para fora, a cidade estava escura demais.

— Entre em um acordo com o seu pai, sem envolver mais pessoas.

— Eu não pedi por um segurança, por mim, estaria sozinha. Ele me obriga a ter você seguindo meu rastro.

— Seja uma aliada da sua mãe, senhorita. O casal está em divergência sobre como conduzir sua chateação. Eu não sei o que fazer, ainda mais com você nesse estado de choque e abuso. Se algo acontecer, se um mísero machucado aparecer ou você reclamar do que passou fora de casa, eu sou o responsável, eu pagarei o preço.

— Devo me anular por causa de um pai superprotetor? — Bufei. — O melhor é fazer minhas malas e ir para bem longe. Estou de saco cheio dessa pressão, como se tudo o que eu fizesse tivesse consequências ruins para as pessoas. Me deixem viver, caramba!

— O que aconteceu dentro do clube? Alguém avançou o sinal, tocou-a de forma indevida? — Gomes insistiu e olhei para o teto, tentando não surtar.

— Foi apenas um beijo. Fiquei assustada e saí correndo.

— E suas roupas?

— Fui dançar com Madá.

— Meu Deus, senhorita. Não confie naquela mulher! Apesar de termos olhos em todos os lugares, o clube é um dos poucos estabelecimentos que seu pai evita.

— Bom saber.

— Ruim, senhorita. Muitas pessoas odeiam De Leon e te usariam para prejudicá-lo.

— Eu não tenho nada a ver com o trabalho obscuro dele. Nunca me deixou fazer parte, por isso vou ser advogada, como minha mãe. Ou melhor... — Fiz uma careta, lembrando que nenhum dos dois eram, de fato, meus pais biológicos. — Foda-se!

— Se for necessário, eu voltarei e me acertarei com o homem que te beijou. É assim que resolvemos os problemas no nosso mundo.

— Gomes, foi tudo consensual. Gostei, me senti culpada; fui para o céu e depois a vergonha me levou para o inferno. É algo novo, preciso de tempo, caramba! Para de me pressionar. — Percebi que ele iria rebater, complementei: — E chega, não quero mais falar sobre isso.

Chegamos em casa, pulei do carro e entrei em casa como um furacão, para não cruzar com ninguém. Se meu segurança estava incomodado com meu estado, imagine meus pais ou os funcionários da casa?

Além do mais, eu ainda precisava sentir um pouco mais do cheiro dele. Giuliano, um nome tão diferente. Nano saiu de forma tão doce, que eu só pensava em fazer um pouco mais do que beijar.

Tranquei a porta do meu quarto, fui para o meu closet e me encarei no espelho, eu estava sensual. Abri o paletó, passei a mão pelo meu corpo e parei entre minhas pernas, o ardor prazeroso ainda estava naquela região.

Eu não tinha apenas beijado, mas sentido um poderoso orgasmo.

Imaginei-o atrás de mim, se aproximando como um predador. Tiraria o cabelo de um ombro, beijaria meu pescoço e acariciaria meus seios. Suspirei, dando asas à cena que acontecia na minha mente. Ele me despiria, me tocaria com força e posse, me deixando ainda mais excitada.

Fechei os olhos, coloquei minha mão dentro da calcinha e toquei a umidade do meu sexo. Inchado e pulsando, quanto mais eu fazia movimentos circulares, mais eu queria chegar até o ponto máximo do prazer.

Não. Sozinha não tinha graça, eu queria novamente com ele. Meu coração estava mais calmo sobre a aproximação que tivemos, Giuliano não era meu inimigo.

Abri os olhos, percebi o paletó no chão e o recolhi, guardando-o no fundo de uma das minhas gavetas de roupa de frio. Tirei a lingerie, fui para o banheiro e me livrei do cheiro que o Clube Anjo Perverso me deixou. Por mais estranho que soasse, eu tinha gostado daquele aroma proibido.

Quando voltei para o quarto, de banho tomado, levei um susto quando vi minha mãe sentada na cama. Eu tinha trancado a porta, não? Com olheiras e sorriso cansado, ela não me repreendeu com o olhar. Em poucas horas o sol iria nascer, ela não deveria ter dormido nada.

— Como foi? — perguntou, exausta.

— Está tudo bem, mãe?

— Vai ficar. — Passou a mão no colchão. — Posso dormir com você hoje?

— Você e o papai brigaram? — A culpa tomou conta, apressei-me em colocar um pijama, subi na cama e puxei o edredom, ela se acomodou ao meu lado, de frente para mim. — Eu sinto muito.

— Não é culpa sua. Nem, minha ou de Leonel. — Ela acariciou meu cabelo e senti a nostalgia tomar conta. — Faz muito tempo que não dormimos juntas. Mal venho te dar um beijo de boa noite.

— Eu cresci, mãe.

— Sim, eu vejo. Não só com os olhos, mas meu coração. — Ela fechou os olhos, buscou minha mão e a apertou. — Escondemos algo importante de você, achando que seria o melhor. Quando tudo veio à tona, a realidade me derrubou, querida. Agi errado, quero recompensar te dando liberdade para seguir seu próprio caminho, mesmo que isso seja fora do que planejamos para você. Eu e seu pai temos nossos assuntos particulares, que vão além do padrão da nossa sociedade.

— Não preciso saber de detalhes.

— E não contarei, fica tranquila. É apenas uma forma de dizer que essa família é perfeita sendo desajustada. Não podemos moldar um quadrado para um círculo, sem amassar as pontas. Eu não quero te mudar, apenas mostrar que estou do seu lado, independentemente das suas escolhas.

— Obrigada, mãe. — Encolhi-me próximo dela, que me puxou para um abraço. — Estou magoada, sinto que existe um vazio dentro de mim, mas saber que tenho você me deixa menos apavorada.

— Tem seu pai também.

— Se eu seguir suas regras, então sim, tenho sua aprovação. Não serei mais capacho de nenhum homem.

— Leonel está aprendendo a agir, de forma saudável, com relação à sua proteção. Sua infelicidade o faz sofrer, não tem nada a ver com te impedir de realizar seus sonhos. Tenha

paciência com ele também.

— Que inimigos são esses que irão me usar para algo perverso? Eu acho tão sem noção essas falas. Gomes, então, está com medo de morrer, de verdade. Sabia que o papai era respeitado e tinha pulso firme, mas não no nível cruel.

— Leonel já foi muito pior, intolerante e agressivo. Quando nós duas entramos em sua vida, ele se permitiu ver a vida de uma forma diferente. Hoje, ele ama e tem amor. Esse fato não mudou como as outras pessoas o viam, você sempre será a filha de um mafioso e terá proteção para que ninguém a prejudique. Talvez, eu seja a única que posso intervir para mudar a perspectiva do seu pai, porque ele me ama e confia em mim.

— Por que nunca tiveram outro filho?

— Não foi por falta de tentar, mas o nosso destino era sermos apenas nós três. Quatro. Enfim. — Respirou fundo, lembrar da minha irmã sempre me incomodava e a ela. — Saí do hospital, apenas com a camisola e me encontrei com você, que tinha acabado de ser resgatada e estava faminta. Leonel queria o melhor para você e se leite materno era a opção, ele faria acontecer. Você demorou para pegar meu peito e sugar, mas conseguimos nos conectando. Era como se eu não tivesse perdido meu bebê, ao mesmo tempo que eu me via fazendo algo muito errado, que era te colocar no lugar do meu luto. Demorei, mas conforme você foi crescendo e se distanciando de mim, sendo independente, aprendi a te reconhecer como minha segunda filha, porém, mais velha que a minha primeira. Confuso para quem ouve, mas em meu coração, está resolvido.

Aquele era mais um pouco da história dela com meu pai, tão caótica quanto o que eu estava vivendo. Era precioso e, sem conseguir explicar, me dava um pouco de paz. Desde bebê, meu pai buscava fazer o seu melhor. Isso não lhe dava o direito de me prender, mas ainda assim, era uma forma distorcida de segurança.

— Obrigada — murmurei, antes de me render ao sono cheio de paz, como há muito não tinha.



Capítulo 12

Emanuelle

Abri a geladeira, peguei a minha garrafa de chá gelado e estava pronta para a faculdade, mas a presença do meu pai na cozinha me fez congelar.

— Bom dia — murmurei, preocupada.

Ele não me respondeu, mas se aproximou e tirou outra garrafa de chá gelado para tomar. Fazia muitos dias que eu não o via, mamãe andava triste pela casa e eu me distraía com a rotina da faculdade e meu quarto.

Pretendia ir até o clube no fim daquele dia, a ansiedade tinha tomado conta e acordei bem cedo para fazer tudo o que eu precisava.

Meu pai me encarou de forma intensa, mas nada disse. Eu ia desviar e passar por ele, mas fechou a geladeira e se colocou à minha frente. De terno, cabelo volumoso e alinhado, ele tinha seu charme. Nunca o vi como ameaça, mas de tanto que Gomes temia, eu comecei a acreditar.

Abaixei a cabeça e ele me fez erguê-la, com uma das mãos no meu queixo.

— O que pretende, Emanuelle? — perguntou, o tom sombrio fez meu coração acelerar. Soltou meu rosto e dei um passo para trás, encarando-o.

— Eu... como assim?

— Está agindo como se fôssemos estranhos. Nunca levantei a mão para você, ou a agredi. Eu sou seu pai, porra! Um bem melhor do que eu tive.

— Quem sumiu de casa foi você. Sempre jantamos eu e a mamãe.

— Estou lidando com o trabalho, não consigo fechar os olhos sem pensar que você poderá voltar para casa em um saco preto.

— Credo, pai! — Fiz uma careta, desesperada. — Gomes está sempre na minha cola e ninguém da faculdade me olha com cara feia. Bem, os rapazes sim, esses parecem que receberam a ameaça diretamente de você. Mas cansei de querer ser uma adolescente normal, não me importo mais.

— Você foi no Clube Anjo Perverso.

— Tenho dezoito anos. — Cruzei os braços e senti o gelado da garrafa na minha pele. — Foi apenas uma visita, quero curtir a vida.

— Fique no Bar Rústico, lá eu tenho reforços.

— Mais fácil colocar uma tornozeleira em mim. Quando eu não fizer como deseja, ela me dá choque. — Tentei desviar dele para sair da cozinha, ele ficou na minha frente novamente. Fiz bico, porque não queria discutir, eu estava quase entrando em acordo com a distância dele. — Vou me atrasar para a faculdade.

— Gosta da putaria? Quer ver como uma suruba acontece? Quer participar? Eu chamo as pessoas certas, você pode fazer tudo isso em casa.

— Não vou conversar com você sobre sexo. — Soltei um rosnado quando ele barrou minha passagem mais uma vez. — Droga, só me deixe ir!

— Tem um botão de emergência. — Ele colocou a mão no bolso do paletó e ergueu um chaveiro. — Gomes continuará na sua cola, mas distante. Continuo dizendo que aquele clube não é seguro, eu não me importo que tipo de pessoa você quer ser, só quero que esteja segura.

— Essa é a chave do meu carro? — Pisquei os olhos e os arregalei, ao perceber o que aquilo significava. — Você está...

— Te dando um voto de confiança do caralho. — Ele fechou a mão quando estiquei a minha para tocá-la. — E se algo acontecer, Emanuelle, eu vou colocar fogo nessa cidade, como Nero fez com Roma.

— Não, você vai respirar fundo, conversar com minha mãe e parar de ser tão ignorante. — Abracei sua cintura, a tensão foi embora e ele retribuiu o abraço. — Obrigada, papai.

— Você é minha filha e quero que os exames de DNA se fodam. Minha! Te dei de tudo, busquei sempre o melhor.

— E quando você fala isso, eu me sinto cobrada a ter que retribuir. Eu não sei o que fazer. — Afastei-me, novamente triste. Ele entregou o chaveiro, abracei-o junto com a garrafa de chá e o encarei. — Preciso ir.

— Entendo que tem dezoito anos, é uma mulher e quer ter o poder tanto quanto eu. Sendo minha filha e herdeira do meu legado, irá conquistar Lumaria começando pelo sexo. Que todos os homens beijem seus pés, nada menos do que tudo. Mas comece em casa, com segurança.

Engoli em seco, percebendo a grandiosidade daquela afirmação. Era como se meu pai

me visse como uma igual, que me daria as ferramentas para ser a dona do meu próprio universo.

Senti medo, mas também a excitação de ter encontrado um propósito. Eu não tinha vocação para a crueldade, mas com certeza, gostaria de experimentar o domínio perante os homens.

— Ok — sussurrei.

— Só não se esqueça de que eu ainda estou no comando. — Leonel sorriu e me emocionei, porque fazia muito tempo que não o via daquela forma.

— Eu queria saber quem são meus pais biológicos.

— Você é uma De Leon, foda-se o resto.

Da mesma forma que ele me dava, também tirava. Por mais que eu não trocasse a minha família pela biológica, eu queria saber. E o descaso dele com isso me fazia sofrer mais do que comemorar a liberdade com o carro.

— Tchau, pai. Vou chegar mais tarde em casa hoje. — Ele não me interrompeu, para meu alívio.

— Fique bem, *minha* filha.

Sua posse sobre mim causava um rebuliço nas minhas emoções. A vontade de jogar na sua cara que eu não era de ninguém soava tentadora, mas me contive.

Peguei meu material, coloquei a alça da mochila no meu ombro e fui até meu carro. Gomes estava por perto, ignorei-o e sentei-me atrás do volante, era tão bom poder me sentir livre.

Abri minha garrafa de chá gelado, tomei um grande gole e a coloquei no porta-copo do painel central. Entre os sentimentos de dor e animação, liguei o carro para ir até a faculdade e planejar a minha noite acompanhada do homem misterioso e que me fez sentir poderosa.

Comecei a cantar com o som do carro, que ligou quando dei partida. O único conselho que iria seguir de Leonel De Leon era de fazer com que todos os homens beijassem meus pés. Eu faria o que quisesse da minha vida.

“Eu caí

Boneca de pano

Eu me vejo tão pequeno

Eu caí

Boneca de pano

Eu deslizo no buraco de minhoca”

Entail of Crow – Ayahuasca

Assim que cheguei no estacionamento da faculdade, meu celular vibrou. Deveria estar tocando há um tempo, porque a música abafou o som emitido por ele. Tirei-o da bolsa, surpreendi-me por ver o nome de Madá na tela.

— Alô? — atendi, desconfiada.

— Novinha, novinha. Tenho algo especial para você hoje. Está pronta para se divertir à

noite?

— Pensei que nunca mais falaria comigo, depois do que Giuliano fez. Você pareceu bem desesperada.

— Teatro, querida. Quando os homens acham que estão no poder, é o momento certo para agir. Foi tudo perfeito.

— Você está bem? — perguntei, instintiva.

— Ficarei, se você topar um passeio no shopping e depois nos prepararmos para o Bar Rústico.

— Eu quero ir ao clube.

Ela riu alto e tentei não ficar envergonhada. Sendo uma De Leon e tendo meu carro de volta, eu era a única dona da minha vida.

— Sim, claro. Imaginei que fosse. Também tenho novos coroas para te apresentar. Será uma dança privada, com cinco homens à nossa escolha.

— Ainda não terminei com Giuliano. Se o conhece, faça que venha e nos veja. Quero ficar com ele.

— Não se iluda, Novinha. Eu o estraguei para todas as outras mulheres. Trepe com todos, se divirta.

— Que horas no shopping? — mudei de assunto, eu não estava interessada em outros e a convenceria depois.

— Vamos almoçar, você paga.

— Folgada. — Bufei e rimos. — Combinado.



Capítulo 13

Emanuelle

Ao observar o comportamento de Madá, percebi que ela estava tentando me manipular. Pelo visto, não eram apenas os homens que se aproveitavam da minha inexperiência. Entre brigar com minhas convicções e continuar sendo submissa, optei por viver o que estava com vontade.

Esbanjamos no almoço, tomamos vinho e comemos em uma cantina italiana. Passeamos pelos corredores e paramos em uma loja de lingerie, os olhos de Madá brilhavam ao ver as peças delicadas.

— Nunca tive uma amiga para fazer isso. — Alisou o sutiã de renda, parecia ter pensado alto. — Minha primeira lingerie sensual, Theo quem comprou para mim.

— Quem é esse?

— Um dos homens que marcaram a minha vida. — Ela deu de ombros e foi para outra peça, eu a observava atenta. — Mas nunca foi suficiente, sabe? Ele era perfeito, mas... o vazio nunca era preenchido.

— Você e Giuliano tiveram algo?

— Ele sempre foi ruim de cama. — Ela revirou os olhos. Caramba, o homem de pegada forte e beijo intenso não poderia ser aquele que ela descrevia. — Mas tinha dinheiro, era poderoso e eu queria ser mimada. Trepava com um e gastava a grana dos dois.

Riu alto e eu apenas sorri sem graça, não era esse tipo de dominância que eu almejava. Além de traição, havia falta de respeito, Madá era uma mulher desequilibrada – muito além do limite que eu estava disposta a ir.

— Então, quando tudo veio à tona, Giuliano se tornou perfeito. — Ela se virou para mim e seus olhos brilharam. — Quando me mandou ajoelhar e chupar seu pau, tomando o controle da situação e me dispensando como uma mulher descartável, eu me apaixonei.

— Meu Deus, Madá. Isso não é legal.

— O poder, Novinha. Confiança e domínio me deixam com tesão. — Seu corpo estremeceu e ela voltou a olhar para as calcinhas. — Sem um puto no bolso, me tornei puta. — Riu, da própria desgraça.

Ela pegou um cabide, com um corpete sensual e colocou contra o meu corpo. Era preto, com detalhes vermelhos e fitas sobressalentes.

— Gostei dessa. Agora, escolha uma para você.

— Tenho uma na minha bolsa, não preciso de outra. — Fiz bico.

— Ótimo. — Entregou-me e franzi a testa. — É o pagamento da taxa de inscrição para a noite.

— O ruim de cama estará lá?

— Pode apostar. — Ela sorriu, perversa. Eu tinha dito daquela forma de propósito, Madá ainda gostava de Giuliano, mas ela não iria parar de fazer sexo com outros, então, eu não sentia que estava traindo.

Eu queria Giuliano para realizar o meu desejo da noite.

Passei meu cartão de crédito na loja, fomos para outras e saímos no fim da tarde, com sapatos e assessórios. Madá me indicou para irmos direto ao clube e assim eu fui, com meu coração acelerado e estômago revirando.

— Que carrão — ela não parava de falar, olhando ao redor e passando a mão no painel. — Já transou aqui dentro? Apertadinho é bom.

— Não. — Manobrei para entrar no estacionamento, que estava deserto. — Será que vão nos deixar entrar?

— Claro, ainda vai dar tempo da gente treinar. — Piscou um olho e colocou a mão na maçaneta da porta, pronta para sair com as sacolas de compras.

Escondi minhas coisas atrás do banco do motorista, peguei a roupa da mochila e coloquei-a na sacola. Sabia que não podia entrar com aparelhos eletrônicos, então deixei tudo no carro.

Andamos pela lateral do clube, havia uma porta para os funcionários. O segurança carrancudo era o mesmo das outras vezes, ele não fez mais perguntas, apenas abriu e nos deixou entrar.

Andamos pelo corredor iluminado por uma única luz vermelha escura, Madá abriu uma porta e passamos por mulheres, roupas, espelhos e muitas mesas de maquiagens. Ninguém se importava com quem estava ao redor, as dançarinas e acompanhantes permaneciam em seu próprio mundo.

Entramos em outro cômodo, também era um camarim, mas individual. Acendeu as

luzes, jogou as sacolas em um grande sofá e celebrou, dançando e jogando os braços para cima.

Fechei a porta, deixei minha sacola no chão e fui olhar o que tinha. Muitas maquiagens, secadores e luzes. Encarei-me no espelho e sorri, apreciei meu rosto e o quanto eu estava corada para o momento.

Madá apareceu atrás de mim, segurou em minha cintura e foi deslizando a mão para cima. Assustei-me com a intimidade e dei um passo para o lado, ela riu alto desdenhando e puxou a cadeira para se sentar.

— Nunca experimentou? Mulheres são suaves e cuidadosas.

— Não combina comigo. — Busquei um biombo ou reservado para me trocar. — Você já?

— Sim, mas como te disse, eu curto pau. Nem todas as mulheres topam ménages ou surubas, eu sou uma das poucas que até dupla penetração faço.

— O quê? — Coloquei a mão na boca, em choque, ela deu de ombros.

— Poderíamos seduzir Giuliano, você fica com o pau e eu fico com a boca dele na minha boceta. Seria bom.

— Achei que iríamos dançar, Madá.

— Sim. Também teremos um pouco de emoção, você gostou da última vez, não foi? Eu tramei tudo, para que a adrenalina corresse em suas veias e você curtisse ainda mais.

Ela pulou da cadeira, começou a se despir e ficou nua, de frente para o espelho. Conferiu os seios e passou a mãos pelo corpo, fiquei de costas por ser demais para mim.

— Você faz cachos no meu cabelo? — ela requisitou, indo até a sacola e pegando a lingerie. Usá-la sem lavar ultrapassava outro limite que eu tinha, mas seria hipocrisia da minha parte julgá-la, uma vez que beijei a boca de um homem que tinha acabado de conhecer.

— Sim, eu te ajudo com a maquiagem, como da última vez.

Tentando não me sentir retraída por estar sozinha com Madá, também coloquei minha lingerie, fiz o cabelo e maquiagem dela, depois me ajeitei por conta própria. O escrutínio da amiga começou a me incomodar, eu não iria para aquele lado, porque eu não me sentia atraída.

Depois de prontas, ajeitei minhas roupas na sacola e coloquei-a mais escondida no cômodo. Ajeitei a chave do carro no meu sutiã, o botão de emergência me deixava ainda mais confortável.

Passamos por todas as dançarinas em preparação, depois voltamos para o corredor com luminárias de cor quente. Descemos dois andares de escada, passamos por outro corredor pouco iluminado e um homem guardava a porta que nos esperava. Coloquei a mão no meu rosto e percebi que estava sem a máscara, eu não queria ser reconhecida na rua.

— Relaxa, eles não moram na cidade. — Madá percebeu minha preocupação e ajeitou meu cabelo. — Não fale nada, eu conduzo a situação. Sinta a adrenalina e coloque todos os coroas aos seus pés.

O segurança abriu a porta, entrei atrás dela e meu coração palpitou ao não ver Giuliano entre os homens. Segurei no pulso da minha amiga fora do padrão, ela me puxou para um lado e me pressionou contra a parede.

Era uma sala pequena, com um palco de um lado – onde estávamos – e sofás do outro,

com quatro homens mais velhos sentados. Nenhum olhar deles me fez sentir desejada, mas tão diminuída que me fazia tremer.

— Apenas dance, ninguém vai tocar em você — parecia querer apaziguar, mas era em tom de ameaça.

— Eu não...

— Sim, você vai. Beba uma tequila, ou tome uma bala, mas faça a porra da dança, Novinha. Você quis, eu estou te dando. Domine aqueles homens, mostre o poder que sua boceta tem.

Respirei fundo, fechei os olhos para me centrar e concordei com a cabeça. Sim, eu tinha me colocado naquela situação e eu sairia, sem precisar expor minha identidade.

Ela se afastou e começou a se insinuar, eu fui até o pole, girei e agachei, arrancando algumas exclamações de apreço. Nojento, eu só queria um homem e ele não estava no lugar.

Madá me ofereceu bebida, eu não iria me entorpecer como ela fazia e continuei dançando. Queria estar bem o suficiente para gritar se fosse preciso.

A música me embalou, fui relaxando e ganhando confiança a cada movimento. Estar no comando me fez esquecer de que meu corpo estava sendo tratado como objeto. Herdeira do legado impiedoso De Leon, quanto mais eu soubesse ter frieza perante o perigo, mais eu teria êxito em sair ilesa.

Às vezes, eu me esquecia de que tinha apenas dezoito anos e minha experiência de vida nunca iria se comparar com a dos meus pais.



Capítulo 14

Emanuelle

Antes de virar, eu sabia que era ele. Meu corpo se arrepiou e o barulho da porta se fechando era como se Giuliano tivesse me tocado. Virei-me e encarei-o sedutora, o homem estava assombrado ao me ver executando aquela performance. Ele me reconheceu, a máscara não tinha me protegido o suficiente da última vez. Fiz leitura labial, ele xingou e negou com a cabeça, decepcionado.

Merda!

Antes que ele fosse embora, saí da minha posição e fui até ele. Um dos homens se colocou à minha frente e me encarou, debochado.

— Onde pensa que vai, puta?

— Sai da minha frente, eu não estou aqui por você — rebati, pronta para esbofetear o idiota.

— João, depois nos falamos, tenho um assunto para resolver com a vagabunda. — Giuliano veio até meu lado, colocou um braço ao redor dos meus ombros e me puxou. Estava horrorizada pela palavra que ele tinha usado para mim, por mais que eu estivesse agindo como uma.

— Chega dessa merda, vem chupar meu pau. — Um dos homens sentados convocou

Madá, que atendeu seu pedido sem reclamar.

Giuliano conseguiu me tirar de dentro daquela sala antes que eu visse toda a cena. Caminhamos juntos pelo corredor, subimos os dois andares e entramos no salão principal. Acompanhei-o no automático, meus sentimentos estavam em conflito e tudo o que eu queria era mudar o passado.

Tendo espaço suficiente para nos dar, antes que ele tirasse o paletó para me cobrir como fez da última vez, eu me afastei, chateada.

— Me solta! — rosnei e ele ficou na minha frente, seu olhar era confuso. — O que pensa que está fazendo?

— Eu pergunto o mesmo. Por que estava naquela sala?

— E por que você foi o último a chegar? — Cutuquei seu peito, com raiva. — Cuidado com o que fala, eu posso ser a pior vagabunda da sua vida.

— Não queria dizer isso, mas precisei. Desculpe. — Ele me surpreendeu, segurando minha nuca e erguendo minha cabeça. Antes que eu pudesse perceber, deu-me um beijo casto e suave na boca, acalmando minha agressividade. — Quer o meu paletó?

— Sim. — Pisquei várias vezes, surpreendida por nos conduzir pelo salão. — Aonde vamos?

— Vou alugar um dos quartos. — Ele entrelaçou os dedos nos meus e me encarou, fazendo mil e uma perguntas não ditas. — Tudo bem?

— Seremos apenas nós?

— Você esperava algo diferente? — Hesitou, diminuindo os passos. — Quer estar com mais de um? Voltar para...

— Entendi, nós dois. Sim, por favor. — Puxei seu braço para mim e o apertei enquanto andava, nossa comunicação estava desalinhada.

Escondi meu rosto e fechei os olhos enquanto Giuliano lidava com o quarto na recepção do Clube, fazendo com que eu prestasse mais atenção nos outros sentidos.

“Tão perto de tocar o inferno

E não, eu não posso inflamar

Quando você sobrevive

Você vai

Oh, oh, oh

Me ame e decrete

Eu estou vivo”

Courtney Jenaé – Dirty Angel

Aquela música era perfeita, eu estava pronta para o que estava por vir.

Passamos pelo salão principal e entramos em um corredor mais iluminado, com várias portas. Pegamos um dos últimos, Giuliano abriu a porta e nos trancou dentro.

Tudo era branco, elegante e cheio de espelhos. Já tinha pesquisado na internet como eram os quartos de motéis, mas aquele estava acima da expectativa. Por um segundo tive dúvida se era seguro ficar naquele lugar com um estranho. Não iríamos conversar, o único objetivo da privacidade era poder transar sem plateia.

— Está tudo bem, eu só queria te tirar da mira do meu primo. — Giuliano se sentou na cama, apoiou os cotovelos nas coxas e suspirou, tenso. — Merda! O que ele está planejando?

— O que foi? — De forma involuntária, fui até ele e me ajoelhei, me colocando em uma posição submissa. Giuliano tocou meu rosto e o analisou, eu me sentia um tesouro precioso com seu cuidado e escrutínio. Por mais que não fosse minha primeira opção de namorado, ele estava se tornando minha exceção em muitos bons sentidos.

Depois de um longo suspiro, Nano sorriu, alisando meu lábio com o polegar e apreciando cada traço não visto da última vez.

— Tão bela, Manu — sussurrou, mais parecia um pensamento.

— Quem é seu primo? — voltei ao assunto tenso.

— O Clube é uma zona neutra, não significa que estamos seguros. Precisamos manter a atenção. — Sua mão envolveu minha nuca. — Pensei em você a semana inteira.

— Eu também. — Tentei beijá-lo, mas ele recuou e me senti rejeitada. Irritada, levantei-me para me sentar de frente em seu colo e mostrar que eu estava no poder, não ele. — O que foi, Giuliano?

— Não precisamos, Manu. — Virou o rosto e segurou meus pulsos, para impedir que eu continuasse.

— E me trouxe para um quarto por quê?

— Para te tirar dessa merda, você é melhor do que isso.

— Nano — usei meu melhor tom suave, atingindo meu objetivo de desarmá-lo.

— Não me chame assim. — Ele me soltou e consegui abraçar seu pescoço. Firme na minha posição, rebolei, lembrando-me do orgasmo que poderia conquistar. Daquela vez, eu queria sem a culpa como consequência.

— Como você quer que eu te chame, Nano?

— Não torne as coisas difíceis. Porra!

— Ou você pode facilitar e me beijar, Nano. Também te quero — continuei com o tom sensual, tirando o paletó e trazendo a minha boca para mais próxima da dele. Ele resistiu bravamente, mas sua ereção mostrava que ansiava por fazer o contrário.

— Eu não devo.

— Por quê? Se acha melhor do que eu?

— Passamos uma semana longe. — Ele fez uma careta e segurou na minha nuca, para me parar. — Se eu realmente agisse como você esperava, eu deveria ter te fodido na semana passada. Fui um cavalheiro e descobri que outro deve ter feito melhor do que eu, já que está se esfregando em mim como uma gata no cio.

— Você se acha ruim de cama. — Mordi o lábio inferior e fiz um movimento ondular com meu corpo, me esfregando na sua ereção. O que Madá fez, realmente, o machucou ao

extremo. Ele não respondeu, mas fez uma careta de dor. Sua resistência em assumir o controle me incentivava a provocá-lo. — Você não é digno de mim.

— Tem razão, eu não sou.

— Você não tem o direito de ser meu primeiro homem.

— Não fui. — Ele fechou os olhos, mergulhando na sua própria dor.

— Hey, Nano. — Eu sorri para sua encarada hipnótica pelos meus lábios. — Quer saber meus planos?

— O quê?

— Se você é tão ruim de cama, eu gostaria muito de te estragar um pouco mais.

— Como assim?

— Não podemos nos igualar na perfeição, então estou te mostrando a minha pior versão, para poder conhecer a sua.

Fui perceber que o estava convidando para transar quando suas mãos foram para o fecho do sutiã e o soltaram. Antes que eu pudesse me tampar, sua boca foi até o bico e chupou, com força, me fazendo lembrar da cena que eu tinha visto da outra vez.

Oh! Meu quadril se remexeu, eu esqueci meus objetivos e só foquei em sentir aquele momento. Tesão e luxúria, eu estava entregue ao desconhecido e queria tudo dele.

Segurei em seu cabelo com força, para empurrar sua cabeça para trás e o beijar. Ele me devorou e aproveitou para puxar a calcinha de lado e a arrebentar. Senti um apertão do lado contrário, mas não me importei, eu queria que ele fizesse mais.

Apoiei minhas mãos em suas bochechas, ele se desfez da calcinha e me apertou de todas as formas. Deitou-se de costas e fiquei por cima, indo para a frente e para trás em busca de alívio.

Pronta para me entregar ao orgasmo, ele apertou os bicos dos meus seios e me levou à loucura. Apressado, ele desfez o cinto da calça e a abriu, posicionando seu pênis entre nós. Não saí daquela posição exposta, aproveitei para espalhar a minha umidade pelo seu membro.

Coloquei minhas mãos em seu peito libertando-me de pudores, joguei a cabeça para trás e me esfreguei, gostando de tudo o que estava sentindo.

— Oh, Nano! — gemi, intensa e capturada pelo clímax.

— Olhe para mim. — Abaixei a cabeça, minha boca estava aberta e eu só conseguia enxergar a luxúria. Ele sorriu satisfeito, apoiou as mãos nas minhas coxas e me ajudou no vai e vem. — Geme, Manu, geme mais alto. Meu pau nem está dentro da sua boceta e vai gozar mais uma vez.

— Sim! — Coloquei as mãos em meus seios, sentindo-os inchados e precisando de atenção. Apertei os bicos conforme rebolava, perdi o controle a cada movimento enquanto o meu corpo se arrepiava. — Oh!

Soltei um gritinho de apreço, estava bom demais gozar pela segunda vez e daquela forma. Fui jogada na cama com um movimento ágil, Giuliano se colocou em cima de mim e me admirou com romantismo.

— Você não está fingindo. — Ele começou a desabotoar a camisa.

— Impossível para mim, que não tenho experiência. — Estiquei os braços para cima na cama e ele se inclinou para sugar um seio. — Isso é tão bom.

— Agora vai doer. — Franzi a testa, ele saiu da cama para se livrar da calça e cueca, o homem tinha um corpo magnífico. — Mas você irá gozar e apreciar, Curiosa.

— Isso é um apelido? — Sorri, passando as mãos pelas suas costas e esquecendo que existiam protocolos não executados naquele momento. — Combina comigo, eu sempre vou atrás para saber de tudo.

— Peça pelo meu pau. — Seu olhar de provocação por cima do seu ombro me aqueceu ainda mais.

— Eu te quero na cama comigo.

— Preciso de mais, Manu.

— Transa comigo.

— Mais!

— Por favor, senhor Giuliano, me faça a mulher mais satisfeita de Lumaria.

— Com todo o prazer.

Ele se posicionou entre minhas pernas. Antes que eu tomasse um longo fôlego, Nano entrou de uma vez, empurrando meu corpo para cima e eu só conseguia pensar que não era tão dolorido quanto as pessoas diziam. Ardeu, me incomodou, mas não o suficiente para que eu parasse de gemer. Sorri enquanto ele entrava e saía, rapidamente, como se disso dependesse a sua vida.

Tomou meus lábios, meteu fundo, firme e esfregava nas partes certas. No controle da situação, Giuliano me fez ter mais um orgasmo incrível. Aquela tinha sido a minha primeira vez. Perfeita, como eu nunca poderia ter imaginado. Não havia nada para que eu reclamasse, ainda mais quando eu era a única que conhecia o lado bom de ser fodida por aquele homem.



Capítulo 15

Giuliano

Algo grandioso estava acontecendo e eu não tinha palavras para descrever. Aquela mulher e sua inocência mergulharam fundo em minha alma. Sua provocação fez com que eu a visse de forma diferente e a minha versão antiga e cavalheira retomasse o controle.

Ela não poderia fingir orgasmos ou me comparar, afinal, era sua primeira vez. Tornei-a memorável, se o sorriso que ela me dava era indicação da minha performance, eu a queria para mais encontros como aquele.

Levei-a para o banheiro, ensaboei seu corpo, toquei cada centímetro de pele e a venerei, porque era assim que eu gostava de tratar minhas companheiras. O sonho de ter uma família brilhou em minha mente, mas a prudência me fez afastá-lo, ela era apenas uma garota vendendo o corpo em busca de dinheiro.

E se eu compasse sua dívida? Caralho, estava pensando em me tornar tão cruel e mafioso quanto o inimigo da família Camargo.

Manu tocava meu rosto e meu peito, como se nunca tivesse visto um homem nu. Ela também estava sem suas armaduras emocionais, entregamo-nos de corpo e alma naquele momento.

Enxuguei-a com zelo, deixei beijos por seu corpo e voltamos para cama, como amantes de longa data. Ela se deitou ao meu lado, enroscou suas pernas na minha e suspirou, satisfeita.

Foi inevitável alisar suas costas e fechar os olhos pacificamente, eu estava pronto para ter o sono que há muito eu não tinha.

Era a minha primeira vez depois de várias parceiras com o objetivo de vingança. Eu não queria dividir Manu com Madá, ela era apenas minha.

— Manu? — testei, para ver se ela estava acordada.

— Oi, Nano. — Alisou meu peito e me fez lembrar de uma época distante. Minha avó me chamava daquele jeito, uma das poucas boas lembranças que eu tinha da minha infância e me sentia amado. — Posso te chamar assim, certo?

— Apenas você. — Beijei sua cabeça e ela relaxou ainda mais seu corpo, eu me sentia o homem mais foda do mundo por proporcionar tanta segurança. — Como se sente? Está dolorida?

— Apenas um leve desconforto e ardência. — Soltou um riso baixo e esfregou seu rosto em mim. — Confesso que eu queria sentir tudo novamente.

— Nós vamos. — Encarei-a quando ergueu a cabeça. — Eu te quero para a noite inteira.

— Preciso voltar cedo. Apesar de não ter aula da faculdade, minha mãe planejou um café da manhã tardio no Plaza, para apaziguar alguns assuntos pessoais. É uma longa história.

— Como assim? — Franzi a testa, percebendo que Madá tinha mentido para mim. Plaza era um dos hotéis mais caros da cidade, se os pais dela tinha condições de comer naquele lugar, ela nunca precisaria de dinheiro. — Você não está aqui no clube para pagar uma dívida?

— Não. — Ela ficou confusa, depois envergonhada. — Sei que te induzi a pensar que eu poderia ser uma acompanhante, mas eu vim até o clube para me sentir livre, dona de mim. — Voltou a se deitar com a cabeça no meu peito. — Eu só queria irritar meu pai e mostrar que ele não mandava mais em mim. Posso fazer minhas próprias escolhas e lidar com as consequências, positivas ou negativas.

— Quem é ele?

— Nós vamos nos ver novamente? — Ela se arrastou para cima de mim e esfregou seu sexo no meu. Perdi minha linha de raciocínio, eu só conseguia pensar em estar dentro dela novamente. Tão molhada e inchada, receptiva e gostava de tudo o que eu estava fazendo. — Podemos deixar o assunto família para caso nosso envolvimento dure mais de uma semana?

— Que faculdade você está cursando? — Passei as mãos pelas suas costas e cheguei na bunda, apertando.

— Direito.

— Perfeita — sussurrei, imaginando-a como minha estagiária, entre debates acadêmicos e trepadas no intervalo. — Está em que ano?

— Acabei de entrar, tudo é muito novo. — Arfou e fechou os olhos, rebolando em cima do meu pau. — Eu não sei se quero fazer isso para o resto da vida.

— Não quer gozar? — Sentei-me abruptamente, levando-a comigo e a encaixando no meu colo. Mergulhei um dedo entre suas nádegas abertas, ela gemeu em apreço, sem ter medo do desconhecido.

— Estou falando do curso, Nano.

— Ah, sim. Direito vai ficando mais interessante nos últimos anos. Ou quando você encontra um estágio decente. — Forcei a entrada em seu ânus, ela arfou. — Tudo bem?

— Oh! Eu não... acho que...

— Confia em mim. — Ajeitei-a para que meu pau entrasse na sua boceta, lentamente. Tão excitada, contraía a vagina e me deixava louco. — Continua fazendo isso, ficará melhor.

Manu buscou meus lábios e me beijou, seu coração acelerado me incitava a ir mais longe. Afundei um dedo no seu buraco enrugado, enquanto sua vagina me devorava, sem esforço, apenas com movimentos internos.

Nossas línguas estavam ávidas, intensificando o ritmo ao contrário de nossos corpos. Comecei a respirar com dificuldade, tentando não gozar antes dela.

Timidamente, ela subiu e desceu, ajudei-a a levantar e voltar, massageando o outro ponto. Seus gemidos foram ficando mais agudos, soltou minha boca para buscar ar e deixou que o barulho nos guiasse.

— Está gostando? — perguntei, porque eu precisava ouvir da sua boca o que ela, realmente, estava sentindo.

— Demais. Gostoso. — Rebolou, foi para a frente e para trás com o quadril, me fazendo ver estrelas.

— Você quer algo diferente? Igual? Peça! Qualquer coisa, Manu, eu te darei tudo.

— A... Aperta mais — pediu, timidamente.

Tirei o dedo e coloquei dois, gozou de forma descontrolada enquanto fazia movimentos circulares no meu pau. Acompanhei-a no meio do caminho, eu estava segurando para não me antecipar.

Baixei minha cabeça e tomei um seio na boca, chupando e pressionando o bico com a língua, levando-a à loucura. Dei atenção para o outro, liberei seu ânus e pressionei sua lombar, para continuar com a tortura sexual.

— Suga, isso. — Jogou a cabeça para trás, abri a boca e tomei tudo, sem receio. Ainda faria igual com sua boceta, experimentaria todo o seu corpo e tornando o sexo comigo uma memória inesquecível.

Sua boceta apertou meu pau, que estava sensível ainda dentro dela. Eu não tinha forças para uma segunda rodada tão próxima, mas a deixaria me usar, para alcançar seu ápice.

Forçou-me a deitar com as mãos no meu tórax, soltei seu peito com um estalo de língua. Ela estava de olhos fechados quando se esfregou, afastou-se do meu pau e o usou para esfregar seu clitóris.

Perdida na luxúria e no prazer, Manu gozou mais uma vez, gemendo alto e descontrolada. Apertei suas coxas enquanto a admirava, tão entregue que parecia a primeira vez que eu transava.

Saciada, ela se deitou em cima de mim, exalando com força e bocejando por fim. Não ousei me movimentar, porque Manu estava exatamente onde eu desejava, protegida em meus braços.



Capítulo 16

Giuliano

Manu cochilou por um tempo e quando acordou, estava desesperada para ir embora por conta do horário. Tomamos outro banho, o menor pensamento de não a ter comigo o resto do dia me fez ansiar por fazê-la minha uma última vez.

Debaixo da ducha, com uma perna levantada e nossos olhares firmes um no outro, eu metia fundo e ritmado, apenas para ouvi-la arfar e gemer. Não a beijei, porque estava disposto a registrar na minha mente a verdadeira reação de quem gostava de tudo o que eu fazia.

— Abra os olhos! — ordenei quando ela ousou piscar mais demoradamente. Pressionando-a contra o boxe, aumentei o ritmo do meu quadril, entrando e saindo da sua boceta. — Farei com que se lembre de mim a semana inteira, que essas memórias invadam sua mente a cada segundo longe de mim.

— Está gravado em mim, Giuliano. — Tocou meu rosto e abriu a boca, gemendo e buscando ar. — Oh, sim. Isso!

— Coloque a mão entre nós e se esfregue, vamos gozar juntos.

— Estou pronta. — Seus olhos se iluminaram em apreço à minha ordem. Obediente, a garota curiosa fez o que mandei e sinalizou o gozo poucos segundos depois com o tremor do seu corpo.

Sua boceta apertava meu pau a cada onda de prazer, nossos gemidos eram a música da vitória que tanto desejei sentir com minhas parceiras. A conexão que tínhamos ia além da superfície, eu desejava mergulhar e me perder em Manu.

Caralho! Eu a queria para muito mais do que uma transa.

Ela me abraçou e soltei sua perna, para poder retribuir a carícia. Sua pele na minha tinha a temperatura perfeita, também não queria deixá-la ir.

— Quais seus planos, Manu? — perguntei, aproveitando que ela não parecia disposta a me soltar, muito menos eu dela. — Vai continuar frequentando o clube? Quer experimentar outras coisas?

— Eu... — Ela me apertou, como se a resposta não fosse o que ela queria dizer, e suspirou. — Foda-se! — Soltou um riso e eu me assustei. — Pensei alto, desculpa, Nano. Será que podemos não voltar para o clube? Sei lá, jantarmos ou ir ao cinema? — Afastou-se e fez uma careta. — Tudo bem se preferir sexo e as coisas daqui, também topo, mas o propósito com esse local já foi alcançado para mim.

— Podemos jantar amanhã? — Passei a mão no seu cabelo e a tensão nela ainda permanecia. — Ainda quero o sexo, mas podemos fazer na minha casa ou em um hotel.

— Sim. — Soltou o ar, sorrindo, dando todas as indicações de que eu estava no caminho certo com suas expectativas. — Conheço um restaurante na cidade...

— Tenho algumas questões em Lumaria. — Afastei-me e comecei a me ensaboar, para que ela não visse a culpa nos meus olhos. — Se não se importa, eu te levo para Carmantil e te trago de volta. É onde eu moro e posso te manter segura.

— E vem de lá até o clube? Por quê?

— É uma longa história. — Peguei na sua nuca, trouxe-a para um beijo duro e a soltei, o problema não era ela e as questões familiares não ficariam entre nós. — Podemos falar mais enquanto jantamos.

— Gosto disso. — Ela começou a tomar banho e suspirou com contentamento. — Temos um encontro marcado, Nano. Quer anotar meu telefone?

— Com certeza.

Nunca pensei que uma mulher muito mais nova do que eu pudesse ser aquela que me faria completo, feliz. A escolha mais inusitada, entregue de bandeja pela minha ex. Eu não estava apenas satisfeito sexualmente, mas com meu orgulho reestabelecido e inabalável.

Com Manu, eu me sentia o homem que sempre sonhei em ser e que Madá destruiu.

Ela saiu do boxe primeiro, se enxugou e quando fui para o quarto, ela estava pronta e coberta com meu paletó. Com o rosto corado, a Curiosa se aproximou lentamente, parou na minha frente e beijou minha bochecha, me lembrando do quanto ela era muito jovem e inexperiente. Um tesouro que eu deveria preservar e proteger, para que não sofresse com ódio alheio, como aconteceu comigo.

— Prometo devolver esse e o outro que está em casa. Eu não me sinto mais confortável em ficar apenas de lingerie, apesar de ser o traje padrão da maioria das mulheres daqui. Acho que... perdeu a graça a adrenalina de estar fazendo algo ousado.

— Você tem outra roupa?

— Sim, lá dentro no camarim.

— Então, eu te acompanho até lá. — Admirei-a um segundo, pensando se aquela garota era minha recompensa depois de tantos dias afundado em solidão. — E fique com o paletó, está melhor em você do que em mim.

— Ele tem seu cheiro. — Ergueu a gola e inspirou.

Fui até minha roupa descartada no chão, vesti-me rapidamente e entrelacei meus dedos com os dela. Abri a porta e não resisti a um último beijo, ao som das músicas que nos hipnotizavam em meio ao sexo.

"Não posso
Levá-lo
Para longe
Desta vida
Eu desordenei"
Gracchus – Mor Than My Skin

Contra o batente da porta, eu fiz promessas com meus lábios e ansiei por ela ser tudo o que estava mostrando naqueles minutos finais compartilhados. Havia muita coisa não dita entre nós, mas eu seria paciente e conheceria todas as nuances de Manu.

— Manu é de Manuela? — perguntei, querendo mais intimidade, assim que interrompi nosso momento.

— Emanuelle — sussurrou. Aquele nome não me era estranho, mas não diferente a ponto de ser exclusivo de alguém específico. Com certeza eu tinha uma cliente com esse nome.

— Está pronta?

— O que vai fazer depois que me deixar no camarim? — ela perguntou quando seguimos pelo corredor mal-iluminado pela luz de cor quente.

— Para casa. — Sorri ao percebê-la desconfiada. — Estou mais do que satisfeito, Curiosa. Da mesma forma que não pretendo buscar outra mulher enquanto estivermos juntos, espero que não vá atrás de outros homens.

— Acredito que seja um acordo coerente e que beneficiará ambas as partes. — Deu um pulinho e disfarçou a euforia, estávamos na mesma página na questão de manter a exclusividade. — Você é meu primeiro e único.

Sabia que a intenção dela não era ser tão intensa como as suas palavras, mas encontraram o caminho sem barreiras até o meu coração. Soltei-me de seus dedos e a abracei de lado, eu queria protegê-la da atenção desnecessária do clube.

Aquela seria a nossa última visita em um ambiente compartilhado com a luxúria desequilibrada. Eu a queria de muitas formas, para conversar de outros assuntos e ser um casal normal.

Optei pelo caminho mais longo, para não pegarmos o salão principal, que deveria estar no ápice da suruba. Chegamos até a porta para funcionários, Manu se virou para mim e sorriu, seu olhar tinha o mesmo tom de saudade que eu estava sentindo.

— Não vai anotar meu número? — perguntou, preocupada.

— Obrigado por lembrar. — Tirei o celular do bolso, desbloqueei e o entreguei, ela preencheu os campos e chamou, para que meu número ficasse gravado no celular dela. — Se importa se eu te enviar mensagens?

— Está preparado para as minhas? — Ficou na ponta dos pés e me deu um selinho de despedida. Tirou o paletó e abriu a porta, aquela calcinha amarrada estava machucando sua pele. — Quando chegar em casa, me avise.

— Faça o mesmo.

Quando fechou a porta, eu estava pronto para ir atrás dela. Olhei para o meu celular, meus dedos formigavam para escrever algo profundo e que a marcasse tanto quanto ela tinha feito em minha alma.

Cautela precisava entrar em ação. Com ela ao meu lado, era impossível, mas distante, eu me obrigaria a ficar com o controle dessa paixão desenfreada, não poderia ser enganado novamente.

Fui para o estacionamento, esquecendo-me de que tinha ido até o clube por conta de um convite de João Victor, meu primo. Tão envolvido com a realização de ter uma mulher apenas para mim, deixei passar muita coisa, inclusive o preservativo. Porra!

Tentando não surtar, encontrei meu carro, sentei-me atrás do volante e manobrei apressado para voltar até Carmantil. Liguei o som do carro e deixei o meu celular no painel, aguardando a mensagem dela chegando em casa, antes de me perder em reflexões sem sentido.

“Trancado no escuro

Sozinho na noite

Agarrando seu corpo em meus braços

Lágrimas crescendo alto

A dor está acima

Eu a matei, meu único amor?”

Pierre Le Pape, Spencer Sotelo, Frédéric Leclercq, Anne-Lise Durantel – Child Song

Dirigindo na estrada escura, o farol era muito mais do que um guia. Uma mensagem apareceu no visor e sorri para como Manu tinha se cadastrado, “Sua Curiosa Manu”.

Eu estava perdido... e não tinha forças para me encontrar. Afinal, dentro do meu caos, estava Emanuelle.



Capítulo 17

Emanuelle

Estava feliz e animada demais para deixar que algo atrapalhasse meu momento. Nem dormi, quando cheguei em casa, tomei um banho e fiz o café antes mesmo da cozinheira aparecer.

Depois que a antiga funcionária, América, foi embora, eu não me apeguei a nenhuma outra babá ou ajudante do lar.

Coloquei a chaleira no fogo, procurei o coador de café e o açúcar, demorando o suficiente para ferver a água. Cumprimentei a funcionária que apareceu quando eu estava finalizando o processo e me servi uma grande caneca com o líquido preto.

Fui para a área do fundo, sentei-me próximo da piscina e observei o céu, tão claro e receptivo, tudo parecia mais vivo ao meu redor. O ardor entre minhas pernas não era incômodo perto das lembranças maravilhosas que Giuliano tinha me proporcionado.

Nano, meu homem e o único a compartilhar meu lado mais devasso.

— Bom dia, filha. — Minha mãe apareceu apenas de robe, beijou minha testa e se sentou no banco ao meu lado. Deu um longo bocejo e olhou na mesma direção que eu. — Caiu da cama?

— Nem dormi. — Assoprei minha caneca e sorri misteriosa para uma Sara preocupada.

— Estou bem e feliz.

— Deveria ser o que mais importava, mas meu coração sempre ficará em alerta. Você é muito importante para nós, está acima de qualquer coisa.

— Papai me deu a chave do carro.

— Sim, finalmente. — Soltou o ar com força. — Muita coisa mudou desde que você nasceu, inclusive na cidade. Não é necessário ficar tão paranoico. Além do mais, precisamos confiar na educação que demos a você, apesar dos segredos.

— Concordo. — Tomei um gole de café e me lembrei do que ainda estava pendente. — Deixei a informação de lado por ter algo mais interessante acontecendo, mas retomarei em algum momento. Quero saber minha origem e isso não quer dizer que desmereço o que fizeram comigo.

— Você tem razão, mas não faz doer menos. — Ela me encarou e sorriu, acolhedora. — Seu pai pode ser o homem mais poderoso da cidade, mas suas particularidades o tornam extremamente reativo. Tenha paciência com ele, como estamos fazendo com você.

— Eu tento, mas...

— Como foi a noite? — ela mudou de assunto para que eu não entrasse nas lamúrias.

— Boa — respondi, sucinta, apenas para irritá-la.

— Se vier com respostas iguais as de Leonel, precisarei de café para ajudar a engolir.

Ri baixo quando ela se levantou e foi para a cozinha. Meu celular vibrou no bolso, peguei-o e fiz uma careta, era uma mensagem de Madá.

Madá>> Cadê você?

Manu>> Em casa, tomando café.

Madá>> Trepou?

Manu>> E isso importa?

Madá>> Claro. Trinta porcento do dinheiro que recebeu é meu, eu que te apresentei os paus.

Manu>> Não sou acompanhante de luxo, apenas quis me divertir.

Madá>> Pois tem um custo, Novinha. Foi com Giuliano ou na suruba do salão? Deve estar assada tanto quanto eu, vai ganhar muito dinheiro fodendo com os empresários no clube. O meu cliente não gostou que você saiu antes de terminar a festinha, mas eu o recompensei.

Manu>> Era apenas uma dança, eu não ia fazer mais do que isso.

Madá>> Nada que duas doses de tequila não te incentivassem. Pare de pudores, você gosta da putaria.

Manu>> Depois conversamos.

Madá>> Essa é a minha conta bancária, quero meus trinta porcento.

Revirei os olhos e guardei o celular quando minha mãe voltou para o meu lado, segurando uma caneca de café tão grande quanto a minha. Tomou um gole e sorriu, daquele jeito que apenas uma mãe conseguia fazer, receptiva.

— Foi você que fez o café. Muito melhor do que aquele de máquina.

— Sim, aprendi com América.

— Ela e Douglas estão bem, me mandaram fotos das férias em um bangalô nas Ilhas Maldivas. Eu e seu pai já passeamos naquele resort, você iria gostar de conhecer.

— Gosto do frio, lareira e chocolate quente. — Ergui a caneca e sorvi mais um pouco do café. — Sempre fui diferente.

— Mas nem por isso é menos pertencente a essa família, Emanuelle. Seu pai nunca me paquerou ou me pediu em namoro, foi uma proposta para amamentar o bebê que ele achou em meio à destruição, sem se preocupar que eu deixava um bebê morto no hospital. Somos uma família desajustada e perfeita, porque era assim que tinha que ser.

— Isso me lembra do Lar da Criança. Faz tempo que não vamos lá.

— Deixou de fazer sentido para mim. — Minha mãe desviou o olhar. — Quanto mais você crescia, mais eu percebia que eu tinha que cuidar apenas de você, não dos outros. Continuamos apoiando o trabalho, mas eu não me sinto confortável de estar lá. Às vezes, as rupturas acontecem de forma amigável, não precisa ser com brigas ou sentimentos ruins. Conexão é forte o suficiente para você dizer sim ou não.

— Entendi.

Sem saber, minha mãe estava me ajudando a compreender os motivos que me levaram a acompanhar Madá. Então, depois do meu momento com Giuliano, nossa conexão se rompeu, não estava disposta a continuar me comunicando com ela. Sua visão de mundo era muito diferente da minha, eu queria experimentar, ela estava disposta a mergulhar sem se preocupar com as consequências.

A ruptura não precisava doer. Como um interruptor, ligava e desligava, sem causar danos ao redor.

— Sara! — A voz do meu pai me assustou, virei-me no banco e o vi se aproximar, vestindo apenas um short de dormir. Cada passo que dava o fazia parecer um homem das cavernas em busca da sua posse. Seus músculos continuavam moldando seu corpo, como acontecia com Giuliano.

— Estou falando com nossa filha. Espera, Leonel — minha mãe resmungou, meu pai tirou a caneca da mão dela e a colocou em cima da mesa. Levantou-a e a colocou em seu ombro, não tinha como Sara escapar. — Meu Deus, não precisa disso!

— Bom dia, filha. — Meu pai se aproximou para beijar minha testa, depois seguiu em direção à porta da casa.

— Descanse um pouco, Manu, vamos sair depois das dez — minha mãe falou da posição dela enquanto era afastava, sendo carregada pelo meu pai.

Acenei divertida, recordando todas as vezes que meus pais faziam aquilo, ou melhor, Leonel tirava minha mãe de onde estava para levá-la para o quarto. Senti minhas bochechas esquentarem, apenas naquele momento entendi o que eles iriam fazer entre quatro paredes.

Tantos *porém* existiam na minha mente para me deixar triste, mas eu precisava de apenas uma afirmação que me fizesse sorrir. O amor, isso eu não poderia contestar. Mesmo fora do padrão, os dois sempre me deram tudo.

Eles fizeram o melhor que puderam.

Com meu peito cheio de sentimentos bons, peguei meu telefone, ignorei as mensagens que Madá me enviou e chamei Giuliano. Tinha gravado no contato como Nano Único, porque ele representava aquilo para mim.

De querer dominar os homens, passei a ansiar por ouvir a voz de apenas um deles. Não precisava de rivalidade ou brigas, até meu pai estava mais amigável. No fim, tudo se resolvia e a mente voltava a funcionar de forma coerente.

— Oi! — falei assim que ouvi a conexão da chamada ser iniciada.

— Bom dia, Manu. Não dormiu? — ele tinha um tom sonolento.

— E acho que não estou te deixando descansar. Só queria... — Que imatura eu estava sendo, mas era impossível evitar.

— Você poderia estar na minha cama. O travesseiro que estou abraçando não tem seu cheiro — ele falou por mim, confirmando novamente que estávamos em sintonia.

— Gostei da visão. Podemos planejar algo para a semana que vem.

— Vou te levar para jantar aqui na minha cidade, farei as reservas ainda hoje.

— Estou animada.

— E seus pais?

— Tudo certo, meu pai nem perguntou onde eu estive. Uma evolução.

— E o café da manhã tardio?

— Será depois das dez. Estou tomando uma caneca gigante de café. Aceita?

— Só se seus lábios vierem juntos.

— Não só eles, como eu toda. — Coloquei a mão na boca para abafar o riso excitado que saiu.

— Ah, Manu... Assim não durmo mais.

— Não serei tão cruel. Descanse, Nano. Beijo e bons sonhos.

— Todos eles serão com você.



Capítulo 18

Giuliano

Distraído ouvindo música e relembrando meus momentos no clube com Manu, não percebi que batiam à porta. Eu tinha marcado com ela para nos encontrarmos no posto de combustível na saída de Lumaria para Carmantil, eu não via a hora de chegar e beijar aquela mulher.

“Então você quer saber para que nós servimos?

Não é um tipo diferente de guerra

E eu realmente não quero queimá-lo

Temos que mudar de alguma forma”

Koethe – Ending

— Senhor! — Encarei minha secretária, ela tinha colocado a cabeça para dentro da sala. — Desculpe interromper, mas não atendeu ao telefone.

— Sinto muito. — Desliguei a música e sorri. — O que aconteceu?

— Senhor João Victor Camargo está na recepção. Ele marcou horário logo cedo.

— Claro, pode liberar a entrada.

Tentei não azedar o meu humor, ele com certeza iria reclamar que não fiquei para a reunião no clube. Só de pensar que Manu iria ser parte da suruba particular deles, eu tinha vontade de agredir meu primo.

Ele estava forçando cada vez mais minha inclusão nos assuntos dele, mas eu não queria me envolver com disputa de poder. Há tanto tempo estava nas mãos de De Leon, não havia necessidade de reacender uma guerra do passado.

— Giuliano Camargo! — Ele entrou, abrindo os braços e exagerando em se anunciar.

— Bem-vindo. — Indiquei a cadeira à minha frente para que se sentasse. — Tudo bom? Está precisando de algo?

— Eu te convidei para algo importante e você levou parte da diversão embora. — João Victor se sentou e estufou o peito, cruzando a perna imponente. — As duas vagabundas me custaram o olho da cara.

— Apenas uma delas é realmente funcionária do clube.

— Você gosta de menosprezar sua ex, mas se esquece de que todos que andam com ela são um bando de oportunistas. Aquela outra era novata, mas rebolava a bunda como uma profissional do sexo. — Tentei não me incomodar, ele usaria minhas fraquezas contra mim.

— Não era minha intenção atrapalhar sua reunião, mas como aquela mulher era minha conhecida, eu aproveitei para colocar o assunto em dia.

— Foder mudou de nome? — Riu alto e forcei o sorriso, para entrar no jogo de manipulação dele. — Sempre comendo pelas beiradas, Giuliano. Você nunca me enganou.

— Nem preciso, apenas fiz o que tive vontade.

— Vai te custar caro.

— Então, desconte do pagamento de Madalena, porque a outra não estava disponível — o tom de raiva saiu sem que eu pudesse frear. Quase disse o nome dela, João Victor não precisava saber mais do que o necessário sobre Manu.

— Se ela estava na sala, fazia parte do pacote. Eu não me importaria se ela tivesse alguma resistência quanto a minha aproximação.

— Doente.

— Nenhuma mulher de Lumaria presta. Todas são putas de De Leon, para serem humilhadas.

— Entendo que nunca entraremos em consenso sobre esse assunto. Respeito o que você sente, mas não irei contribuir para aumentar esse ódio. Precisa de mais alguma coisa?

— Já que paguei por algo que você usou, então, você está me devendo.

— O que disse? — Ajeitei-me na cadeira, perdendo a pose equilibrada e deixando a raiva sobressair.

— Fodeu a novinha, certo? Ou Madá sempre esteve certa e você nem sabe onde fica o clitóris de uma mulher? Talvez, você goste de dar a bunda.

— Vai se ferrar! — Levantei-me com as mãos em cima da mesa, ele riu e ficou de pé, para não perder a pose imponente. — Está misturando as coisas, João Victor. Não te dei liberdade para esse tipo de conversa, sou apenas o seu advogado. O que acontece no clube fica

naquele lugar.

— Não. — Ajeitou o terno, arrumou os botões do paletó nas casas e ficou sério. — Você me deve e eu irei cobrar.

— Isso é sobre dinheiro?

— E o poder que ele proporciona.

— Fale de uma vez quanto custou. Pagarei com uma transferência e encerramos esse assunto.

— Não funciona assim, priminho. Você vai pagar, mas será do meu jeito. Fique atento a minha ligação. — Ele se desviou da cadeira para sair, ameaçando-me com aquelas poucas palavras.

— O que você pensa que é? Um agiota? Eu não tenho medo, João Victor. Se precisar envolver a polícia para que você se afaste, farei.

— Quem faz as exigências sou eu. — Virou-se quando chegou até a porta. — Nem a polícia, nem os bandidos agem sem que eu aprove. Sou um mafioso pior do que De Leon, eu não tenho lealdade a ninguém que não seja a mim mesmo.

— Eu não quero fazer parte dessa briga. Afastei-me de todos da família por causa disso, apenas me ignorem.

— Impossível, você já está mais envolvido do que imagina. — Sorriu perverso e saiu, me deixando com dúvidas e receios.

Sentei-me na cadeira com um baque, fechei os olhos e só vi o sorriso doce de Emanuelle me acalmando. Porra, talvez eu estivesse envolvendo-a no meu inferno, mas como meu primo disse, todos estavam sob a proteção de De Leon. Seria mais fácil eu ser exterminado do que aquela jovem universitária.

Peguei o celular, digitei uma mensagem e enviei:

Giuliano>> Estou saindo agora.

Sua Curiosa Manu>> Ainda tenho mais uma aula. Preciso finalizar um resumo antes de ir.

Giuliano>> O tempo que for necessário, estarei te esperando.

Sua Curiosa Manu>> Mas eu queria te ver, já que chegará antes.

Giuliano>> Também estou com saudades. Pense em mim tanto quanto estou pensando em você.

Sua Curiosa Manu>> Será que teremos tempo para algo só nosso?

Giuliano>> Minha cama está desarrumada esperando por você.

Sua Curiosa Manu>> Vou avisar meus pais que não irei jantar. Quero aproveitar todos os minutos ao seu lado.

Giuliano>> Perfeita.

Sua Curiosa Manu>> Você que tem o encaixe perfeito.

Criando expectativa para o momento, antecipei minha saída, peguei a estrada e acelerei,

desesperado para ter algumas horas a mais com aquela mulher. Foi intenso o que tivemos e estava disposto a sentir o poder calmante que a luxúria compartilhada com ela proporcionava, mais uma vez.

A cada quilômetro rodado, eu me esquecia das ameaças e dos conflitos que me envolviam. Perdi-me em tesão e gemidos, proporcionados pelas lembranças.

Eu era seu primeiro e único homem. Uma relação construída, eu saberia tudo dela e teria a confiança de que nunca me enganaria.

Cheguei no posto da saída da cidade, estacionei e aumentei o som, ficando alerta pelos espelhos do carro, para a aproximação de Emanuelle.

Minha Curiosa Manu.

“Você se atreve a me olhar diretamente nos olhos

Você só sabe o que é vergonha?

Oh, que amigo, oh, que amigo”

Without a Sin – FRI-END

Sorri quando a vi sair de dentro de um carro de luxo. Como imaginei, ela não precisava de dinheiro e confirmava suas palavras, estava no clube para se divertir, não pagar uma dívida.

Saí do meu veículo, nossos olhares se encontraram e ela correu em minha direção. Antes que quisesse me abraçar e nos expor, voltei para dentro, abri a porta do passageiro e ela entrou, ofegante e com as pernas trêmulas.

— Oi — ela cumprimentou, arfando.

— Vem me cumprimentar como você deseja. — Estiquei o braço para tocar sua nuca, ela foi para o meu colo e abraçou meu pescoço enquanto me beijava.

Era o céu, o pedaço de alegria que me tiraram quando Madá me humilhou. A cada toque da língua dela, a pressão dos seus lábios e os gemidos contidos, eu tinha mais certeza de que não queria nenhuma outra que não fosse ela.

Interrompeu o beijo e voltou para o banco, ajeitando o vestido e rindo baixo. Ela transformava qualquer ação em um evento agradável, há muito tempo eu não me sentia tão leve. Depois, ela puxou o cinto de segurança e se acomodou, me encarando sorridente.

— Estou pronta, Nano.

— Vamos, Manu. — Estiquei o braço para apertar seu joelho e manobrei o carro, saindo do estacionamento e guiando-o pela estrada.

Eu também estava pronto para ela.



Capítulo 19

Giuliano

A conversa fluiu com tanta naturalidade que nem percebi que estava falando sobre meus gostos pessoais de roupas e filmes. Emanuelle era além de agradável, uma mulher inteligente e que tinha o domínio de muitos assuntos, indicando que ela lia muito, sobre tudo.

— E ficção científica? Você prece gostar de explicações mirabolantes sobre o que acontece no planeta. — Ela se remexeu no banco, admirando meu perfil enquanto eu me sentia o homem mais desejado do mundo.

— Apenas os reais. Mistério e suspense me atraem.

— Principalmente quando envolve investigação, analisar provas e perícia. — Bateu palmas, animada. — Tudo o que envolve o lado criminal, eu me apego. É tão emocionante!

— Até você vivenciar e optar por algo mais seguro, como civil ou trabalhista. — Peguei sua mão e a trouxe para a minha boca, para beijar o dorso. — Quando você escolhe Penal como carreira, tem que colocar muitos dos seus valores no bolso, porque defenderá os valores do seu cliente.

— Nunca tinha pensado dessa forma.

— Está gostando do curso de Direito?

— Sim. Lendo mais do que fiz a minha vida inteira. — Ela suspirou e coloquei sua mão

de volta no seu colo. — O conteúdo parece que nunca acaba.

— Mesmo depois de formado, é necessário continuar se atualizando. Não é apenas a tecnologia que tem pacotes de atualização, as leis também.

— Percebi. — Manu se aprumou no assento, Carmantil apareceu no horizonte. — É a primeira vez que saio da cidade.

— Você não contou para os seus pais que estava vindo comigo? — Tentei não dar bronca nela, uma vez que ainda não tínhamos chegado no assunto pais superprotetores dela.

— Falei que estaria com amigos durante a tarde, não especifiquei onde. — Cruzou os braços e fez bico, jovial. — Estou indo almoçar e ter um bom tempo, bem longe do clube. Isso deveria ser o suficiente e positivo.

— Não queria te chatear, Emanuelle. Gostaria que você soubesse que não tenho medo de enfrentar seus pais. Podemos ter começado de um jeito que não compartilharemos com o mundo, mas todo o resto, estou disposto a fazer com você.

— Vamos ver se manterá esse pensamento quando os conhecer — ela murmurou, fazendo uma careta. Lembrei-me do meu primo e que eu tinha assuntos mais sérios para me preocupar do que um relacionamento romântico.

— E você nem imagina o meu poder de persuasão. Quando sabemos o que nos aguarda, preparamos os argumentos e enfrentamos a situação de frente. Por exemplo, se a reclamação for a diferença de idade, eu mostrarei que não tenho a intenção de atrapalhar sua rotina ou te privar do que os jovens gostam de fazer. Pelo contrário, acompanharei todas.

— Fala como se quisesse um namoro sério.

— Deixarei o pedido para um momento mais romântico. — Encarei-a rapidamente, sorrindo sedutor e ela corou. — Não precisamos pular mais etapas do que já fizemos, Curiosa.

— Para mim, o seu tempo está perfeito.

Ela aumentou o volume do som, deixando a música nos acompanhar enquanto eu entrava na cidade.

“Se eles quisessem me ver prosperar

Eles teriam me dado frio de elísio”

Guesst, Wilsonlikethevollyball – Thick Iron Fog

Meus planos eram levá-la no restaurante que inaugurou na semana passada, o famoso San Marino. Além da comida italiana, tinha outros atrativos, como ser localizado no edifício comercial mais alto de Carmantil.

Depois que a família Valentini retomou os negócios, assumindo não só a emissora de televisão, como os imóveis e as empresas de tecnologia, a cidade crescia cada vez mais.

Entrei no estacionamento subterrâneo do edifício, levei Emanuelle para o elevador e apertei o número do andar de destino. Com minha mão na dela, trocávamos olhares e sorríamos, como dois jovens apaixonados. Caramba, nunca pensei que poderia ter uma segunda chance e ela estava ali, ao meu lado.

Chegamos na recepção do restaurante, fomos conduzidos por um funcionário até a mesa

reservada. Ao lado da parede de vidro, com apenas dois lugares, nos acomodamos e observamos Carmantil do alto.

— Uau, é lindo. — Manu pegou o celular e tirou várias fotos. — Você já tinha vindo aqui?

— Não, é a primeira vez. — Ela estendeu o braço na mesa e toquei sua mão, relacionando minha fala com o que vivenciamos no clube. — Ainda quero saber o que se passa na sua cabeça para fazer o que fez. Sem julgamentos, apenas tentando entender como fui tão sortudo de encontrar uma preciosidade como você no pior lugar para se estar.

Antes que ela pudesse responder, o garçom apareceu, ofereceu o cardápio e nos informou sobre a sugestão do chef. Manu escolheu um risoto de parma e eu fui de carne com legumes. Optei por um suco de uva Bortolini, ainda iria dirigir, por mais que tivesse planos de levá-la até meu apartamento para comermos a sobremesa na minha cama.

— Você realmente quer saber? — Nossas mãos ainda estavam juntas.

— Claro, mas se está difícil contar, pode dizer em outro momento. — Sorri, sedutor. — Eu, como muitos outros, sofri uma grande desilusão que me desestabilizou. Mudei, deixei que o sofrimento falasse por minhas ações. Tenho muitos demônios para exorcizar, mas no momento, junto de você, só vejo recompensa.

— Madá te traiu, certo? — Ela abaixou a cabeça e puxou a mão para o próprio colo. Respirei fundo para não perder o controle, ninguém minaria meu orgulho novamente. — Aquela mulher tem – tinha – algo que me atraía a ela. Não sei explicar, apenas que mesmo sabendo que é errado, eu queria pagar para ver.

— Ela é inteligente e manipuladora, com um passado de merda que não deveria influenciar seu presente. Dei tudo, fiz de tudo.

— Tento não me comparar a ela, mas do jeito que você fala, eu só consigo me identificar ainda mais. — Manu voltou a me encarar e fiquei sério, não queria outra mulher para foder com meu psicológico. Mas... ela era tão diferente. — Apesar de ter tudo o que quero, ainda sinto um vazio no meu peito que foi preenchido quando me aproximei de Madá. O proibido é irresistível.

— Há consequências, Emanuelle, não só para a sua vida, mas de todos que você toca.

— Eu sei. Como sou parte da consequência do que meus pais vivenciaram. Descobri que sou adotada, Giuliano. Quero saber da minha origem, mesmo que isso fira os sentimentos deles. É sobre mim, meu lado curioso, não um atestado de incompetência deles.

— Ah, eu entendi. — Foi minha vez de esticar a mão e esperar pela dela em cima. Vivi tempo demais e lidei com muitas pessoas para saber que a nossa origem era mais preciosa do que qualquer benfeitoria realizada no percurso.

— De uma certa forma, estou traindo meus pais. Eles não querem ter nada a ver com o meu passado. Fui resgatada em meio ao caos, eles sempre dizem que me salvaram.

— Você disse o que sente a eles?

— Sim. Exigi minha liberdade, inclusive. Fui até o limite da minha consciência, frequentando o clube. Então, achei você. Louco ou não, você parece fazer parte da minha resolução.

Não respondi, porque sua história parecia como alguma que já tinha ouvido. Dezoito

anos, pais superprotetores e adoção, comigo fazendo parte daquela equação.

Como ela, também me sentia incluído naquele conflito, mas ainda não tinha argumentos suficientes para compreender.



Capítulo 20

Emanuelle

Parecia que eu conhecia Giuliano de longa data. Por mais que não soubesse a sua história em detalhes, o pouco que compartilhamos era o suficiente para que me sentisse segura.

Depois do almoço maravilhoso no Restaurante San Marino, fomos até outro prédio, onde ele morava. Meu estômago estava cheio demais, precisaria de alguns minutos para me recompor antes de fazermos mais do que beijar, mas eu não iria reclamar se não fosse como eu elaborei.

— Pensei em colocar um filme na televisão e descansarmos um pouco. O que acha? — Nano abriu a porta do seu apartamento e gostei de tudo o que vi. Por mais que não tivesse muitas cores, o lugar era iluminado e alegre, foi impossível não sorrir quando vi uma prateleira de canecas com logomarcas de festas.

— Você gostava de se divertir na faculdade, hein? — Fui até a primeira, toquei no metal e busquei seu olhar. — Você parece tão careta, Nano.

— Me tornei, por conta do trabalho e meus objetivos. Aproveitei o momento, para querer desejar algo mais quando a idade chegasse. — Ele ficou ao meu lado e tocou minha lombar. — Ou quer fazer outra coisa?

— Vamos ver se seu sofá é bom, senão eu escolho a cama. — Ergui as sobrancelhas, divertida e ele me puxou para um cômodo pequeno, mas aconchegante. — Aqui, com certeza.

— Quer ir ao banheiro? Eu vou e já volto. — Ele ligou a televisão e saiu da sala, indicando a porta da frente para mim.

Usei o lavabo, voltei para o lugar que passaríamos a tarde e tirei os sapatos. Puxei o cobertor que tinha no topo do sofá, aconcheguei-me de um lado e Giuliano apareceu, sem o terno, apenas com uma bermuda e camisa polo.

— Não tem trabalho para hoje? — perguntei, sorridente.

— Sou dono do escritório, tirei o dia para ficar com você. — Ele se sentou ao meu lado e me puxou com o braço ao meu redor. — Tem um filme de investigação que acabou de lançar no streaming. Pode ser esse?

— Com certeza. — Estiquei o pescoço, ele entendeu o recado e aproximou sua boca da minha. Seus lábios tinham gosto de pasta de dente, eu queria sentir muito mais.

— Se continuarmos, não vamos assistir nada — ele resmungou, divertido. — Não que eu esteja reclamando.

— Como você é todo meu por hoje, temos tempo. — Voltei a olhar para a frente e apoiei minha cabeça no seu peito, perfeitamente encaixada. — Filme primeiro.

Ele fez a pesquisa pelo controle remoto, deu play e me apertou ao seu lado, confortável. No meio do filme, eu estava com as pernas no seu colo e minha cabeça no braço do sofá, totalmente entregue ao momento, sem reservas.

Na parte mais tensa do filme, em um ato ousado, ergui meu vestido por debaixo da coberta e tirei a calcinha, puxando uma perna, depois a outra. Giulano estava concentrado, ele não tinha piscado enquanto eu fazia os movimentos.

Com a mão no meu joelho, eu a puxei para debaixo e nem precisei indicar onde eu o queria, seus dedos trilharam um caminho pela minha coxa até chegarem entre minhas pernas. Seu olhar estava na tela, mas eu tinha toda a sua atenção.

Fechei os olhos quando Nano tocou o ponto mais sensível. Explorando a região, ele espalhou a minha umidade e me excitou. Ora lento, depois firme e rápido, eu me remexi apenas o suficiente para que eu tivesse um orgasmo antes mesmo de ficarmos nus.

Meu corpo estremeceu, fechei os olhos e gemi, querendo mais daquele homem. Puxou a coberta para longe e empurrou uma das minhas pernas para que meu pé ficasse no chão. Voltei a encará-lo, ele se ajoelhou no chão para degustar da minha boceta. Com a língua, acariciou meus grandes lábios e clitóris, apenas o suficiente para que eu recuperasse o fôlego para um novo clímax.

— Gosta suave? — ele perguntou, lambendo sem vergonha e sorrindo para meu descontrole. — Ou quer forte? — Fechou a boca e sugou, dei um grito involuntário por conta da sensibilidade da região. — Temos um vencedor.

Giuliano não parou, lambendo e chupando, usou o dedo e esfregou-o dentro da minha vagina, o ponto que mais me dava prazer. Estava prestes a escorregar no chão, para alcançar seu colo, mas ele me manteve firme na posição até que as ondas de prazer terminassem de estremecer meu corpo.

Satisfeita, eu poderia retomar o filme, mas ele capturou minha atenção ao ficar de pé e se despir, lentamente. Puxei o vestido e também fiquei nua, sentada no sofá e com minha boca na mesma altura do seu membro.

Uma ideia surgiu e eu não sabia como dizer. Fiquei excitada com a visão e meu olhar cheio de dúvidas mostrou muito mais do que eu estava dizendo em palavras.

Ficou na minha frente e alisou meu rosto, carinhoso. Meus sentimentos misturados com o tesão era tudo o que eu precisava e não sabia.

— Diga o que quer, Curiosa. — Passou o polegar pelo meu lábio inferior e suspirou. — Ao mesmo tempo que quero ver meu pau na sua boca, também desejo realizar todos os seus fetiches.

— Como você sabe? — Sorri, apaixonada. — Eu realmente quero fazer algumas coisas perversas com você, Nano. — Olhei para a frente e segurei na base da sua ereção, tomando um longo fôlego. — Também quero que você faça... mais coisas comigo.

— Como o quê? — Ele segurou meu queixo e o massageou, eu fiz o mesmo com seu membro. Tentei dizer com meus olhos o que eu queria, porque a coragem ainda não era o suficiente para contar em todos os detalhes.

— Você frequentava o clube e...

— Não vou te tratar como ninguém que conheci lá. — Seu polegar invadiu minha boca e ele abaixou meu maxilar. — Nada do que fiz no Clube Anjo Perverso serve para você. — Distraída, não percebi que ele ajeitava seu pau na minha boca. — Isso, Manu, chupa meu pau e veja o poder que você tem sobre o meu prazer.

Fui até o fundo e voltei assim que achei que iria engasgar. Lambi e fiz o movimento novamente, experimentando e testando as reações que ele tinha. Firme como uma fortaleza, sua mão deslizou até minha nuca, juntou um punhado de cabelo e me incentivou a ir mais rápido.

— Você é muito mais do que uma garota em busca de emoção dançando para desconhecidos. — Ele também se movimentou, fodendo minha boca sem me machucar. — Seu tesão é meu para aplacar.

Ficamos um pouco mais, até que ele se afastou e me colocou de joelhos em cima do sofá, com a bunda para ele. Encarei-o por cima do ombro, minhas mãos se mantinham firme no encosto para não me deixar cair.

Ele se abaixou, para lamber atrás da minha coxa, até próximo da minha boceta. Mordicou minha bunda, subiu com chupadas pela lombar e costas. Sua boca chegou próximo do meu ouvido e ele respirou pesadamente, tão excitado quanto eu.

— Manu — implorou e eu me esfreguei contra seu corpo, em busca de mais conexão.

— Sim, Nano.

— Você foi uma boa garota?

— Não. — Neguei com a cabeça, excitada com a direção daquela conversa. — Sou desobediente e preciso de punição.

— Vou te dar o pau que você merece, Curiosa.

Afastou-se com um tapa forte da minha bunda, alinhou seu membro na minha entrada e investiu, rápido e apressado, abraçando minha cintura e me punindo como ele tinha prometido. Eu gemia cada vez mais alto enquanto ele não parecia disposto a diminuir o ritmo.

Envolveu minha cintura, mudando nossa posição para sentados, ele no sofá e eu no colo, com as pernas bem abertas. Apoiei minha cabeça no seu ombro enquanto suas mãos deslizavam

por toda a minha frente, possessivas.

— Não precisamos do clube para ter plateia e adrenalina — sua voz encontrou meus sentidos em alerta. — Todos na televisão estão te vendo, eu sou o único que pode te foder. — Pensar como ele, realmente teve um efeito potencializador de luxúria. Sua mão ficou entre minhas pernas e, mesmo que suave, ele entrava e saía enquanto esfregava meu clitóris. — Só meu pau faz sua boceta molhar desse jeito.

— Sim, você é único para mim. — Rebolei e alcancei meu ápice, tremendo com tanta intensidade, que Giuliano precisou me segurar para não escorregar do seu colo.

— Oh, Manu. — Ele pulsou dentro de mim, mordendo meu ombro e sofrendo ao mesmo tempo que alcançava o ápice depois da minha satisfação. Sempre um cavalheiro, por mais desconexo que parecia. — É tão gostoso gozar dentro de você.

Arregalei meus olhos e absorvi aquela informação como um tapa na cara. Na primeira oportunidade que eu tive de viver minha liberdade, eu esqueci a mais básica das lições, proteção. Usar camisinha tinha que estar acima do meu próprio prazer.

Da mesma forma que ele me levou para o céu, Giuliano conseguiu me afundar no seu inferno pessoal. O pior não era constatar o fato, mas o quanto lá no fundo, eu só não me importava.



Capítulo 21

Emanuelle

Depois de ter passado o dia com Giuliano, acreditei que demoraria outros dias para nos vermos. Estávamos em cidades distintas, muita gasolina e tempo para gastar.

Pelo visto, eu não só valia o esforço, como era motivo do homem turrão sorrir. Com óculos escuros, mãos nos bolsos e postura relaxada, com a bunda apoiada no capô do meu carro, Nano me esperava depois da aula. Ele nem parecia ter quase quarenta anos, era apenas um homem maduro o suficiente para não ter medo de estar com a filha de De Leon.

A vontade era de correr e o abraçar, mas fingi-me de difícil, caminhei na mesma velocidade que estava e acenei em despedida para meus amigos antes de abraçar meu material e parar na frente dele.

— Oi, Doutor — cumprimentei, mordendo o lábio inferior. Ele sorriu e não mudou de posição, ele tinha entrado no jogo.

— Espero que tenha guardado um pouco de mal comportamento para mim. — Tirou uma das mãos do bolso e abaixou os óculos, olhando-me da cabeça aos pés. Ele se demorou na saia curta, eu estava experimentando roupas novas e me sentindo confiante de ser ousada. — A faculdade permite esse tipo de vestimenta?

— Até você! — Revirei os olhos e tirei a chave do bolso, desativando o alarme. Um dos professores tinha comentado sobre a roupa e a importância do decoro, tentei não levar para o

coração, mas com o comentário de Giuliano, acabei me irritando. — Não estou no fórum ou atendendo um cliente, apenas sendo uma estudante de dezoito anos. — Dei a volta no carro, ele abriu a porta do passageiro e se sentou no banco, se convidando para algo.

— Foi só uma provocação, não queria te ofender. — Ele colocou a mão na minha coxa e tirou os óculos, mostrando seu arrependimento.

Inclinei-me para o beijar, arrastei sua mão entre minhas pernas e ri quando o afastei, provocadora. Ele bufou e voltou a pôr as lentes escuras, sorrindo.

— Desculpas aceitas. Eu tinha intenção de chamar atenção de certo advogado atrevido.

— Objetivo alcançado.

— Quais os planos? — Liguei o carro e esperei sua orientação. Ele usou o painel central do carro para indicar o destino no GPS e também escolheu a música que iria tocar. — Eu achei que você não conhecia a cidade.

— Não sei explicar, mas eu gostaria de te mostrar um pouco mais de mim. Esse prédio está abandonado, mas conta parte da minha história. Meus avós maternos eram arquitetos.

— Que legal.

Manobrei, empolgada com aquele encontro. Saí do estacionamento da faculdade e segui a direção que aparecia no painel. Tentava não olhar para o lado e suspirar apaixonada, eu estava no controle do carro.

“Venha, me deite

Porque você sabe disso

Porque você conhece esse som

No meio da noite

Basta chamar meu nome, sou seu para domar”

Loveless – Middle Of The Night

— Sei que posso parecer promíscuo e controlador, mas eu sou apenas um homem comum, Emanuelle. Tenho prazer em ser cavalheiro, sorrir e admirar os gestos mais singelos. Para muitos, sou considerado antiquado. Eu nunca pensei em ficar com uma mulher vinte anos mais jovem do que eu. Por Deus, eu poderia...

— Você se encaixa perfeitamente nas minhas expectativas — completei, antes que ele voltasse com o discurso de que poderia ser meu pai. Não, ele só tinha a mesma idade, todo o resto era sedução. — Também não achava que um homem como você poderia me atrair. Não só me apaixonei, como estou mais feliz e confiante, tudo parece estar em seu devido lugar. — Soltei um riso nervoso, falei demais. — Desculpe, acho que exagerei e não quero te assustar com o quanto estou envolvida nesse relacionamento, se é que posso chamar assim.

— Também me sinto da mesma maneira. — Tocou meu rosto, depois apoiou a mão na minha coxa, meu corpo se arrepiou com o contato. — Jovem o suficiente para me entregar de corpo e alma a essa paixão; velho demais para perder tempo com convenções sociais, eu desejo ser feliz e sou ao seu lado.

— Espero que continue com essa opinião quando eu ficar de TPM.

— Será interessante te acalmar com orgasmos. — Ele sorriu com safadeza e meu rosto esquentou. — Com você, eu quero experimentar tudo o que me proibi, porque eu achava que não seria adequado.

— Nano — soltei com uma mescla de indignação e surpresa agradável. — Eu prefiro o padrão chocolate e filmes de comédia romântica.

— Uma coisa leva à outra, intensificar nas preliminares.

Reconheci aquele bairro como sendo um dos hostis da lista do meu pai. Apesar dele comandar a cidade, havia lugares que ele tinha me proibido de frequentar. Mais um passo para me libertar de suas amarras, ainda mais se eu sair ilesa daquela região.

Parei o carro em frente ao edifício cercado por tapumes pichados com grafite. Por um segundo, senti-me desprotegida e ameaçada, Giuliano deixou de ser o namorado perfeito para se tornar um dos inimigos do meu pai, que iria atentar contra a minha vida para o atingir.

Ele percebeu minha reação defensiva, tirou o cinto e me encarou, preocupado.

— Tudo bem, Manu? Você não precisa fazer nada que não queira. Se não quiser transar na TPM ou menstruada, então farei sua vontade.

— Não é isso. — Fechei os olhos e orei, para que não ouvisse o sobrenome Camargo dos seus lábios. Por mais que fosse parte da minha origem, não queria pagar um preço alto para ter as informações necessárias. — Quem eram os seus avós?

— Elimar e Roberta Duarte. — Franziu o cenho e tentou me tocar, eu saí do carro e olhei ao redor em busca de Gomes, o segurança. Pedi tanta independência, que conquistei uma liberdade que me fazia sentir desprotegida. — Emanuelle?

Giuliano me abraçou com força e respirei fundo, inalando seu cheiro, sentindo-me confortável para relaxar. Ele não era o inimigo, estava sempre disposto a me agradar, mesmo que eu agisse estranhamente.

Ele respirou profundamente e o abracei também, não havia nada a temer. Sua família era apenas passageira em Lumaria, nem meu pai deveria saber quem eram.

— Como você disse, Curiosa, não precisamos nomear o que temos, nem fazer promessas. Se está gerando desconforto, apenas curta o momento. Eu e você.

— Desculpe, minha mente voou longe. Estou em busca dos meus pais biológicos e...

— Quer ajuda? — Ele me afastou e ajeitou meu cabelo enquanto alisava meu rosto. — Tenho contato com alguns investigadores. Tendo sua certidão de nascimento, será possível ir atrás do cartório e de tudo o que esteve envolvido na sua adoção.

— Meu pai vai ficar muito chateado. — Escondi meu rosto no seu pescoço. — Eu preciso acalmar meu coração e pensar em outra coisa.

— Também posso te ajudar nisso. — Sua mão desceu até a barra da minha saia e apertou minha pele. — Vamos para dentro, teremos privacidade.

— Como vamos transar sem nos sujar? — murmurei, divertida e mais relaxada.

— Você está prestes a descobrir um segredo. — Ele segurou na minha mão e me conduziu para a parte lateral do edifício.

Tranquei meu carro com o botão do alarme, apressei meus passos para o acompanhar e me esqueci da confusão que estava minha mente para focar apenas no momento que eu estava

vivendo.

Passamos por um portão improvisado que estava apenas encostado, entramos na recepção e subimos um lance de escada. No primeiro andar, o elevador estava funcionando e, mesmo depreciado, nos conduziu até o penúltimo andar.

Assim que a porta se abriu, uma sala organizada e improvisada nos recepcionou em meio às paredes malcuidadas. Tinha sofás, mesas de sinuca, de carteado e um bar com muitas bebidas. Os pilares no meio do salão indicavam que algumas paredes tinham sido quebradas. A iluminação vinha de uma porta aberta, acreditava que fosse o banheiro ou a cozinha.

Saímos do elevador e parei um momento para encarar Giuliano.

— O que é isso? — questionei, tentando não alimentar a desconfiança que tinha surgido no meu peito.

— Um local para reuniões secretas, com clientes que não querem ser vistos. — Ele ficou na minha frente e segurou minhas mãos. — Eu estava desesperado para te ver novamente. Usei os contatos do meu trabalho para conseguir estar com você e ser emocionante ao mesmo tempo.

— Você marcou uma reunião de trabalho que, na verdade, era um encontro romântico? — Fiz biquinho e me animei quando ele suspirou, aliviado.

— Exatamente. Não era para te assustar, apenas um jogo de... — Ele parou de falar quando me afastei dele, andando pela grande sala.

Era tempo de curtir o encontro secreto com o advogado vinte anos mais velho do que eu.



Capítulo 22

Emanuelle

Parei de costas para Giuliano, encarei-o por cima do ombro enquanto eu colocava minha mão debaixo da saia e tirava a calcinha, lentamente. Mordi o lábio e girei a lingerie no dedo, andando até a mesa de sinuca e me sentando nela, abrindo as pernas.

Apoiei as mãos ao meu lado e inclinei a cabeça, balançando as pernas.

— Você ia dizer algo? — Remexi os ombros e senti falta de uma música para nos acompanhar.

— Na verdade, eu tinha outros planos para a minha boca. — Ele tirou o paletó, depois a gravata e ia dispensar o celular, mas ergui minha mão.

— Coloque uma música e venha executar sua promessa, Doutor.

Ele fez como eu pedi, deixou parte da sua roupa no sofá e veio até mim apenas de calça social. Deixou o celular em cima da mesa de bilhar atrás de mim e alisou minhas pernas, passando o nariz pelo meu pescoço e usando o ar que saía pela boca para provocar minha pele.

“Escondendo esse inferno que estamos sentindo

Tentando ficar de pé, mas estamos ajoelhados

Podemos provar um pouco de onde tudo começou

Mas traído pela luxúria para encontrar uma vitória”

The Veer Union – In The Light Of Innocence

Abri minhas pernas e o trouxe para próximo, estar de roupa e um local diferente de um quarto tinha seu apelo sensual. Inclinei a cabeça para o beijar, ele se afastou para me provocar.

— Quer me ouvir implorar? Porque eu não me importo de dizer o quanto eu gosto do seu rosto entre minhas pernas.

— E minha língua? — Segurou meu cabelo, próximo da nuca, para expor meu pescoço e lamber, da base até próximo do ouvido. — Quer que eu te faça gozar com ela?

— Sim — arfei, apertando suas costas e descendo para a bunda. Meu ventre se contraía e ansiava pela sensação de plenitude que era tê-lo dentro de mim. — Oh, Nano.

— Assim? — Mordeu meu pescoço, depois subiu minha blusa e chupou a parte que o sutiã não cobria do meu seio. — Será que estão doloridos? Devo ficar por aqui?

— Mais para baixo. — Busquei a frente da sua calça, abri o zíper e encontrei sua ereção. Toquei-a com desespero, se ele não fosse me chupar, que seu pau fizesse o trabalho.

— Vamos ver se esse entusiasmo reflete aqui. — Sua mão deslizou até minha virilha, apertou minha coxa e continuou provocando minha excitação sem dar atenção à parte que mais ansiava. — Hum... a temperatura está adequada, sua pele conversa com minha mão de um jeito incrível.

— Nano — implorei e ele riu, másculo.

— O quê, Curiosa? — Manteve uma das mãos entre as pernas e a outra no cabelo, impedindo que eu beijasse sua boca. — Estou fazendo algo de errado?

— Eu quero você.

— Sou todo seu, Manu. Mais do que qualquer outra conseguiu. — Deu beijos na minha mandíbula, empurrei meu quadril para a frente, querendo mais dos seus dedos ou o seu pau. — Diga!

— Me toque, Nano.

— Você não quer apenas isso, Emanuelle. — Beijou minha boca, mas não aprofundou, para colocar seus lábios na minha orelha. — Quer minha boca te chupando? Meu pau enterrado fundo na sua boceta? Diga todas as palavras sujas que você nunca falou. Me deixe ser o primeiro, mais uma vez.

— Me fode, Giuliano — desejei baixo e ganhei confiança quando seus dedos encontraram meu clitóris. — Meu corpo já sabe do que você é capaz, mas minha alma precisa de mais. Aperte, tome, possua! Mostre o quanto você estava com saudades de mim.

— Mais do que você possa imaginar. — Ele tirou minha mão do seu membro, ergueu minha saia e trouxe meu quadril mais para a beirada da mesa, para que pudéssemos nos encaixar.

O ápice da perfeição era quando compartilhávamos sexo e saliva.

Abracei seu pescoço e suas mãos foram para a minha bunda, conduzindo o entra e sai da minha vagina. Arfei, aprofundei o beijo e segurei no seu cabelo para o sentir ainda mais.

Colocou-me no chão e interrompeu o beijo, virou-me de costas, empurrando meu tronco para me deitar na mesa enquanto ele abria minhas nádegas para ajeitar seu membro na minha

boceta.

Investiu, forte e profundo, apertando meu corpo com o dele atrás de mim. Rebolei, querendo mais contato no ponto certo e conseguindo que Giuliano esfregasse meu clitóris com seus dedos.

Gemi desprendida, alcançando o clímax e o levando comigo, com seus sons graves e que faziam meu corpo inteiro se arrepiar em apreço. Fechei os olhos e estiquei os braços para a frente, entregue a qualquer outra performance que ele estivesse disposto a executar.

Ele massageou da minha lombar até os ombros, ajudando-me a ficar de pé. Ajeitou minha roupa no corpo e me virou, para que pudesse me abraçar de frente, acariciando minha cabeça.

— Fui bruto demais ou devo suavizar?

— Já disse o quanto você é perfeito? — Afastei minha cabeça para o encarar, ele sorria orgulhoso. — Tudo o que você faz é exatamente como eu quero. Continue, não pare nunca.

— Falando assim, você não me deixa alternativa que não seja dar o rótulo adequado para o que temos.

— E qual seria? — Eu estava empolgada com sua declaração.

— Namorados. Quero conhecer sua família e eu apresentarei parte da minha. Enfim, estou disposto a qualquer coisa para que nossos encontros continuem por muito tempo.

— Eu não ouvi nenhuma pergunta, Doutor Giuliano.

— Quer namorar comigo, Emanuelle? Ser minha mulher e enfrentarmos juntos tudo o que o nosso relacionamento pode causar?

Aquela pergunta chegou tão forte no meu coração, que sim, eu estava mais do que disposta em enfrentar meus pais e o mundo para que eu fosse feliz ao lado dele.

— Sim — sussurrei, emocionada. — Vai me dar dicas para a faculdade e me aceitará como estagiária no seu escritório de advocacia?

— Só se eu puder te chupar como pagamento de hora-extra. — Ele se inclinou, para me pegar no colo como uma princesa e me levou até o sofá, sentando-se abaixo de mim. — Eu só preciso de alguns minutos para me recuperar. Temos que celebrar esse pedido de namoro.

— Você poderia me levar para comer, eu ainda não almocei. — Esparramei-me metade nele, as pernas no assento.

— Eu não te alimentei o suficiente? — ele brincou e eu soltei uma gargalhada. — Pensando bem, eu fui o único que comi.

— Podemos comer aqui? — Passei a mão no cabelo dele, percebendo alguns fios brancos escondidos. Seu olhar era apaixonado e eu desejava retribuir tudo o que ele fazia de bom para mim.

— Acho que ainda tenho o contato do restaurante que faz entregas sigilosas. O que você quer comer? — Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Deve ser emocionante lidar com clientes e causas que valem milhões. — Suspirei, pensando na minha carreira profissional. — Minha mãe seguiu para a parte administrativa, cuida do jurídico das empresas do meu pai. Apesar de interessante, não faz meu coração bater forte quando me imagino em um tribunal e lidando com juízes. — Olhei para o teto, sonhando com

meu futuro e incluindo Giuliano. — É de verdade? Você realmente vai namorar comigo?

— Eu te pedi em namoro, você aceitou, então, só temos um caminho a seguir, que é te satisfazer e conhecer nossas famílias.

— Perfeito. — Virei-me para ficar de frente e lhe dei um selinho. — Vou marcar um almoço com meus pais. Me dê alguns dias para preparar o coração deles.

— Se eles são tão superprotetores como você diz, eu terei uma longa jornada para provar que não estou apenas interessado em sexo. Estou ciente e não tenho medo de enfrentar meus sogros.

— Você não sabe o que diz. — Escondi meu rosto. — Eu vou te ajudar, me deixe provar para eles que eu estou feliz.

— Você gosta de flores? Joias ou bombons?

— Vai me dar presentes?

— Te darei o mundo, Emanuelle. — Beijou minha testa, depois meus lábios. — Você disse sim, não há limites para o que eu tenho planejado para nós dois.

— Peça um sanduiche natural, para repor nossas energias e não pesar. — Saí do seu colo, fiquei de pé e tirei toda a minha roupa. — Minha vez de estar apenas começando, Doutor Giuliano.

Eu não queria pensar que depois de toda calmaria, tinha uma tempestade. Mas depois que passamos a tarde juntos, conversando e transando, deixei-o no estacionamento da faculdade, voltei para a casa e enviei meu endereço, para que ele cumprisse sua promessa de presentes.

Aquela seria nossa última mensagem trocada.



Capítulo 23

Giuliano

Semanas depois...

Eu não sabia o que era pior, viver um amor e descobrir que tinha sido mentira; ou não poder realizar todos os meus sonhos, porque minha família poderia destruir a mulher que eu amava.

Emanuelle era filha de Leonel De Leon. Não era apenas uma questão de convencer meus sogros de que eu era um homem decente e respeitoso, ia muito além. Ser um Camargo e não compactuar com as escolhas da família cobraram seu preço, eu não poderia ser feliz.

Tentei, de diversas maneiras, elaborar um discurso para terminar o namoro que tinha iniciado naquele dia. Eu não conseguia, porque era pior do que a traição de Madá.

Recluso no meu escritório do apartamento, relendo as últimas mensagens recebidas de Emanuelle, eu me punia. Eu precisava protegê-la, mesmo que isso custasse muito caro para mim. Entre mentir e não lhe responder, o mais sensato foi manter o silêncio.

Sua Curiosa Manu>> Amei o dia que tivemos, não paro de pensar no nosso próximo encontro.

Sua Curiosa Manu>> Bom dia, Nano. Estou indo para a faculdade, caso você

queira fazer uma surpresa novamente.

Sua Curiosa Manu>> Está tudo bem, Nano? Tentei te ligar, mas não completou a ligação.

Sua Curiosa Manu>> Estou ficando preocupada, você não me respondeu ontem. O que aconteceu? Eu fiz algo errado?

Sua Curiosa Manu>> Por que não me atende? Não me responde ou diga que não quer mais, qualquer coisa.

Sua Curiosa Manu>> Eu entreguei meu coração, e você não tem a decência de me responder, nem que seja para dizer que acabou. Queria inventar defeitos e massacrar seu ego, mas a verdade é que eu amei, cada segundo que compartilhamos. Saiba que estou sofrendo, me culpando e mergulhando em tristeza, porque eu tive um vislumbre do paraíso ao seu lado. Se nunca mais nos falarmos novamente, saiba que eu te amo. Espero que esse sentimento desapareça e eu possa encontrar outro homem para me apaixonar, porque estou muito tentada em fechar meu coração e destruir todos que ousarem se aproximar novamente.

Ela era uma garota tentando ser durona, mas sua alma era inocente demais para tanto ódio. Tentava me iludir com sua idade, que ela iria superar esse romance passageiro e avassalador que tivemos. Mas não dava para sustentar aquela mentira, se para mim estava sendo difícil, imagine para ela, que vivenciava a desilusão amorosa pela primeira vez.

Soltei um grito e bati minha mão fechada na mesa, para não chorar. Como eu poderia seguir minha vida sem tocar seus lábios novamente ou sentir seu cheiro? Eu a queria para ser minha companheira para sempre, não apenas um caso passageiro. Com Emanuelle, eu desejava formar uma família e ter longevidade.

De Leon e Camargo nunca teriam um final feliz. Se ela tiver contado para o pai, que um advogado de Carmantil chamado Giuliano a enganou, eu sabia que minha morte estaria encomendada assim que eu pisasse em Lumaria. Talvez, o comando chegasse até meu apartamento, porque o mafioso tinha feito um acordo, mas para defender a honra da filha, eu não duvidava que ele iniciaria uma nova guerra.

Não havia escolha certa, nem melhor, nem pior. Estar ao lado de Manu ou a ignorar tinham o mesmo impacto. A segunda opção era a única que poderia oferecer uma segunda chance para a mulher que eu amava.

Ela sim teve todo o meu coração.

Deixei de frequentar o Clube Anjo Perverso desde a primeira vez que eu estive com Emanuelle, depois de revelado o endereço dela, passei três dias sem fazer nada, apenas digerindo a informação.

Para esquecer aquela parte da minha vida, mergulhei no trabalho. Mesmo que eu tivesse mantido distância do escritório, eu precisava de uma solução.

Meu único contato externo era por e-mail com minha secretária e Madá, por ligação, porque eu estava preocupado de Manu reaparecer no Clube. Não a culparia se estivesse procurando outro homem, isso não queria dizer que eu aceitaria.

Com uma desculpa esfarrapada, eu ligava para minha ex-noiva em busca de

informações. Mentia para a mulher embriagada e sem escrúpulos que Madalena se tornou, apenas para saber que Emanuelle nunca mais falou com ela também.

Minha campainha tocou e me assustei, porque a ajudante do lar tinha a chave do apartamento e ninguém me visitava. Deixei o celular em cima da mesa, saí do escritório e fui até a porta, conferir quem era a visita pelo olho mágico.

— Merda — resmunguei, destravando a porta e a abrindo, para receber meu primo João Victor. Eu ignorei suas últimas ligações, não estava com humor para lidar com a pior parte da minha família. Por causa deles, eu não poderia estar com minha mulher. — O que foi? — resmunguei, segurando no batente para não o deixar entrar.

— Precisamos conversar.

— Marque um horário com minha secretária, eu estou cuidando de outros assuntos.

— Trepando com a novinha? — Ele me empurrou e invadiu meu apartamento. — Ela está por aqui?

— Minha vida pessoal não está em discussão, João Victor. Por favor, se retire. — Abri mais a porta, para ele sair, mas o idiota se sentou no sofá e ficou confortável. — Eu não tenho tempo para isso.

— Terá. — Ele abriu o paletó e tirou uma pistola da cintura, deixando-a no assento ao seu lado. — Feche a porta e se sente à minha frente.

— Se estou atrapalhando seus negócios, apenas atire. — Dei de ombros e não saí do meu lugar, blefando sobre não ter medo de morrer.

Seu semblante mudou, ele se levantou com raiva e veio até mim com a arma empunhada. Tentei desviar da sua mão dominadora no meu pescoço, mas ele foi rápido o suficiente para me empurrar para a frente e erguer o joelho, acertando meu nariz.

Rolei no chão, gemendo de dor e buscando forças para reagir ao ataque. Assim que levantei, ouvi o tiro antes de sentir a dor no meu braço. João Victor fechou a porta tranquilamente, enquanto meu nariz e braço sangravam. Eu estava com uma camiseta polo, o ferimento tinha sido superficial, mas o suficiente para deixar uma poça de sangue aos meus pés.

— Se o meu castigo não tiver sido convincente o suficiente, eu o estenderei ao seu irmão, tios e primos. Qual é mesmo o nome daquele seu amigo? Theo Ferraz e as filhas...

— Você é doente. — Abri a boca para conseguir respirar, estava difícil com o sangue que jorrava por ela. — Suas ações terão consequências, primo. Ninguém fica impune por tempo demais para não pagar pelos crimes cometidos. Eu não faço parte dessa merda, eu não quero ter nada a ver com o passado sombrio dos Camargos!

— Eu não me importo com o que você pensa, mas o que fará para impedir que eu aja contra todos que você se importa.

— Sou apenas um advogado. Porra! — Coloquei a mão no braço, que estava latejando pelo tiro de raspão que levei. — O que você quer de mim?

— Chegou o momento, Giuliano. Eu preciso que você leve a piranha para o Clube hoje à noite.

— Quem? — Meu coração acelerou, juntando os pedaços de fatos que eu não tinha percebido até aquele momento.

— Não se faça de idiota. Ou... — Ele se aproximou, encarando-me como um caçador que brincava com sua presa. — Você gosta dela.

— De quem você está falando, porra? — gritei, tentando não demonstrar que era real, Emanuelle era importante para mim, mesmo não estando com ela.

— A novinha que você fodeu! — ele segurou no meu cabelo e gritou na minha cara, irritado. — A filha bastarda de De Leon

Avancei para o empurrar, caímos no chão e a arma foi para longe. Lutamos, a dor não me permitiu desempenhar todos os golpes que eu sabia, parte dos meus movimentos tinha mais a ver com o instinto de sobrevivência do que técnica.

Montei seu corpo, acertei seu queixo de forma certeira e ele apagou, para meu alívio. Caí ao seu lado, gemendo e pensando em como agir naquela situação. Para João Victor, eu era apenas uma peça no jogo, que colocaria Emanuelle em risco.

Minha última alternativa era me sacrificar para a manter segura. Tinha chegado o momento de arriscar tudo, voltar para Lumaria e me expor para o inimigo, em prol da segurança da mulher que eu amava.

Levantei-me com dificuldade, meu primo começou a acordar e dei um chute no seu rosto, para o apagar novamente. Aquela era a minha sentença de morte perante a família Camargo, eu nunca teria lugar com De Leon, então, que meu fim tivesse alguma utilidade.

Peguei meu celular no escritório, a chave do carro e saí do meu apartamento, buscando o contato da minha secretária. Ela demorou para atender, tinha passado do horário de serviço e eu já estava descendo de elevador até a garagem.

— Alô? — ela falou, confusa.

— Se eu não aparecer no escritório em três dias, abra um boletim de ocorrência sobre meu desaparecimento e mande arrombar o cofre da minha sala, que está atrás da estante de livros.

— Doutor? O que está dizendo?

— Apenas cumpra meu último pedido, você será devidamente indenizada pelo banco. Tem um seguro de vida em meu nome, que você é a beneficiária.

— Por que está dizendo isso?

— Estou indo para Lumaria e talvez eu não volte. Obrigado pelos serviços prestados, até mais.

Encerrei a ligação correndo até meu carro. Abri o porta-malas, peguei a bolsa com roupa de academia e tirei uma das toalhas, para limpar meu rosto e meu braço.

Sentei-me no banco do motorista e rapidamente manobrei, ganhando as ruas e seguindo para a rodovia. Fiz uma breve oração e implorei para que, naquele dia, Emanuelle, não saísse de casa.

Eu deveria ser o único a pagar o preço pelo nosso amor proibido.



Capítulo 24

Emanuelle

Deitada com a cabeça no colo da minha mãe, eu terminava a leitura de um dos livros da faculdade. Aquela era a única coisa boa que tinha acontecido com o afastamento de Giuliano, eu e minha mãe estávamos cada vez mais unidas.

Ela compartilhou um pouco mais da história dela e do papai, o suficiente para que eu compreendesse que tinha sido difícil para ela trocar as leis e os bons costumes para se adaptar ao mundo de De Leon. E que ele também fez o mesmo, ambos se misturaram e construíram uma família, comigo ao lado deles.

Isso não me impediu de buscar mais informações sobre a minha origem. Depois de três dias sem respostas de Giuliano, fiz uma longa pesquisa em sites especializados, até encontrar uma pessoa que poderia investigar o meu passado. Ela não se intitulava hacker, apenas uma curiosa da tecnologia, com o codinome Capela.

Fiz o primeiro pagamento, entreguei meus documentos, dos meus pais e orei para que não fosse enganada, novamente. Eu tentava não me culpar pela relação ter terminado, mas era uma briga perdida com o racional, que indicava o quanto eu era ingênua nas questões do coração.

O jeito era manter todos os homens sob meus pés, como meu próprio pai orientou. Quando me viu triste e silenciosa, conversamos por muitas horas e nos entendemos, de um jeito nada convencional. Para que ele se sentisse seguro, ele precisava me ver como uma posse, então,

eu aprenderia a vê-lo como um líder, para que me inspirasse e fosse tão forte quanto ele.

Cada um tinha amava de um jeito e eu sabia que todos da família De Leon não seguiam padrões saudáveis.

Precisei de todo aquele caos familiar para reconhecer o seu legado e aceitar que eu me tornaria uma mulher impiedosa. Comandaria a cidade, para impedir que oportunistas destruíssem o que a família De Leon criou em Lumaria.

Gostava da ideia de ser a herdeira do mafioso De Leon. Quanto mais ele contava sobre os negócios obscuros, mais ele me tratava como adulta e se esquecia do quanto ele queria me superproteger.

— Você está mais alegre hoje — Sara comentou, alisando meu cabelo. Ela tinha um livro de romance na mão. Estava interessada naquela história sobre a menina universitária e o pai da melhor amiga, “Tristan e a Sugar Baby”, da autora Mari Sales. — Deveria sair para se divertir.

— Estava pensando mesmo nisso. — Sentei-me, deixando o meu livro de lado e lembrando-me das milhões de mensagens que Madá me enviava, sobre voltar ao Clube Anjo Perverso. Não tinha mais interesse naquele tipo de aventura, ainda mais por me lembrar do homem que me rejeitou. Queria me sentir jovem e poderosa, sem ultrapassar limites. — Quer vir comigo?

— Não. — Ela sorriu, maliciosa. — Vou aproveitar sua ausência e o bom humor do seu pai, na verdade.

— Depois que eu contei que fiz sexo, você perdeu o filtro. — Tampei o rosto com as mãos e ela gargalhou.

— Estou te tratando como adulta, filha. Entre mulheres, nós falamos sobre isso sem pudores. — Ela abaixou minhas mãos. — E por mais que você diga que foi uma primeira vez maravilhosa, o idiota desapareceu e não é digno de ser lembrado. Você merece coisa melhor.

— Sim, eu sei, todos os homens aos meus pés. — Revirei os olhos, com tédio e ela riu um pouco mais. — Confesso que não quero outro namorado tão cedo.

— Você fica falando isso para agradar ao seu pai, não é mesmo? — Ela me puxou para deitar a cabeça no seu colo novamente. Abandonou o livro ao seu lado e ficou fazendo cafuné. — Sendo filha de Leonel De Leon, apenas um homem com culhões poderá ser seu namorado. Não acho que alguém da sua idade tenha coragem o suficiente para fazer parte da família.

— E um homem mais velho também está fora de cogitação. — Desviei o olhar, lembrando-me da conversa que tive com minha mãe sobre minha primeira vez. Ela deduziu que foi com alguém da minha idade, uma vez que não contei a identidade dele, para que papai não fizesse algo contra isso. Para agradar o poderoso De Leon, prometi a ele que eu me vingaria do idiota que não me ligava mais; não agora, em algum momento, quando estivesse preparada.

— Terá que ser de todo o coração, filha. O homem que te amar de verdade é aquele que confrontará seu pai.

— Ou seja, ele não pode ter medo de morrer por mim.

— Exato. — Ela me levantou para sentar e me puxou para um abraço. — Você é uma sobrevivente do caos, ninguém menos do que isso tem o direito de estar ao seu lado.

— Eu acho que ninguém será bom o suficiente. — Afastei-me dela para me levantar e

ajeitar a roupa. — Mas eu não me importo mais, estou mais interessada na tarefa que papai me deu. Ele confia em mim.

— Ele te ama, Emanuelle. — Sara ficou de pé e ajeitou meu cabelo, fazendo com que eu me recordasse de Giuliano e o quanto ele também era carinhoso. — Leonel teve um passado difícil e não queria que acontecesse isso com você. Finalmente, ele entendeu que os traumas e as dificuldades nada mais são do que uma força especial que adquirimos com o amadurecimento. Iremos te proteger, mas o que não estiver ao nosso alcance, confiaremos que você dará conta, como eu e seu pai demos. Você merece o mundo.

— Mais uma promessa quebrada — murmurei, lembrando-me daquele que não era digno. Caramba, havia passado semanas, eu tinha que esquecê-lo.

— O que disse?

— Pensei alto, mãe. — Abracei-a mais uma vez. — Estou feliz pela paz ter voltado a reinar em casa. Se a desilusão amorosa fosse o preço para isso acontecer, eu faria tudo novamente.

— Mas você ainda quer saber sua origem, certo? — Ela voltou para o sofá e eu continuei de pé. — Nos dê mais um tempo.

— Tudo bem, mãe. Por hoje, vou pensar em curtir minha solteirice.

— Vai ao Clube? — perguntou, tensa e fui para a porta.

— Não, o Bar Rústico. — Sorri e ela relaxou os ombros. — Lá nem era tão interessante assim. Sabendo de algumas coisas sobre as empresas do papai, realmente não é um bom lugar para eu estar. Só fui lá para irritar vocês.

— Conseguiu. — Abriu o livro e o levantou. — Hot é muito melhor do que qualquer aventura arriscada como essa.

— Deixe esse livro no meu quarto quando terminar? Vou ler.

— Depois me conte se a mocinha deveria ter contado antes para a amiga, que estava com o pai dela.

— Nossa, que tabu — fiz uma voz dramática.

— Você ainda não viu nada, Manu.

Saí do escritório rindo e pensando besteira, meus pais tinham o perfil de fazerem muitas coisas diferentes na intimidade. Eu não queria pensar neles, mas fiquei interessada em experimentar alguma coisa. Iria pesquisar os fetiches tabus, quem sabe a contratação de um profissional do sexo endureceria ainda mais meu coração para aquele tipo de vínculo?

Fui para o meu quarto, encontrei meu celular e respondi as milhões de mensagens de Madá. Todo dia eram muitas, pedindo dinheiro, para que eu voltasse a sair com ela, implorando um dia de meninas no shopping... eu gostava do poder que eu tinha, que mesmo não respondendo, ela continuava correndo atrás de mim.

Digitei algo rápido, para que ela me encontrasse no Bar Rústico. Eu ainda não tinha muitas amizades na faculdade, a ponto de chamar uma delas para um encontro de última hora.

Coloquei uma das várias lingeries sensuais que comprei para usar com Giuliano e nunca aconteceu, escolhi o vestido preto justo e a bolsa pequena de alça transversal para usar.

Perfeita, eu chamaria atenção e não daria moral para ninguém. Com Madá ao meu lado,

poderia conseguir um cliente cheio de dinheiro para ela e, quem sabe, assistiria os dois transando ao vivo.

O pensamento do voyeurismo me excitou. Em poucas semanas, deixei de ser a rebelde apaixonada pelo homem vinte anos mais velho para uma jovem poderosa e que queria manipular todos ao seu redor.

Peguei a chave do carro, saí de casa e meu pai estava chegando com seu motorista. Corri para lhe dar um abraço de despedida, beijei seu rosto e sorri, fazendo-o relaxar ao me encarar.

— Te amo, papai — declarei, dando um último aperto antes de me afastar. — Estou indo para o Bar Rústico curtir a noite. Está convidado.

— Se está tentando me manipular, para que eu confie em você e não te acompanhe... — Ele piscou um olho e se afastou. — Funcionou.

— Mamãe tem planos para vocês na minha ausência. Não façam muito barulho — provoquei-o e ele riu, entrando em casa.

— Eu faço o que quiser, filha. — Parou na porta de entrada e se virou para me encarar, com aquele ar poderoso que eu tinha me esquecido do quanto admirava. — Essa casa é minha... e o mundo é todo seu.

Esperei-o entrar, para me acomodar no meu carro, ligar o som alto e dirigir animada, acompanhada da música. Estava tudo perfeito, eu iria superar Giuliano dando voz para o meu lado mais sombrio.



Capítulo 25

Emanuelle

Eu não precisava mais de identidade falsa. A ordem do meu pai continuava ativa e encarei como uma seleção natural de pretendentes, eu não me envolveria com homens fracos. Apenas aqueles que estivessem na altura de De Leon teriam uma chance comigo. Enquanto isso, eu me divertiria com os indignos.

Cheguei no bar, fui direto para a pista de dança e nem me preocupei em buscar por Madá, em algum momento nós nos esbarraríamos.

O poder estava transbordando em meus movimentos, eu me sentia jovem e intocada. Por mais que meu coração estivesse partido em mil pedaços, que eu poderia pegar meu carro e ir até Carmantil em busca de respostas, mas eu o queria rastejando, implorando perdão, só para que eu pudesse fazer o mesmo como vingança.

Um homem me encarou, sedutor e retribuí o olhar, apenas o suficiente para o descartar e sair da pista. Sentei-me em um dos bancos altos do bar, pedi uma água e olhei ao redor, encontrando Madá sentada no colo de um desconhecido.

Fiquei encarando os dois, até que ele me viu primeiro e apontou, indicando minha localização para a mulher. Acenei quando Madá me reconheceu, ela saiu de onde estava e veio até a minha direção. Sem o movimento embriagado, deveria ser a primeira vez que a via tão firme.

— Olá. — Cumprimentei-a com um beijo no rosto, ela me deu outro.

— Finalmente parou de me ignorar. — Sentou-se do meu lado e tirou a garrafa da minha mão, para beber um gole. — Tenho algo especial para você.

— Um presente? — questionei, fingindo desinteresse.

— Melhor do que isso. — Ela se aproximou do meu ouvido. — Tem uma festa secreta acontecendo, estão precisando de novinhas como você para alegrar os ricaços.

— Oferta maravilhosa, mas eu passo — respondi, arrogante e ela se afastou, fechando a cara. — Meu gosto por homens mudou.

— Ah, agora entendi. — Ela sorriu, perversa. — Giuliano não deu conta de você também? Eu te disse que ele não fodia bem, muito carinhoso e sem pegada. Estou falando de homens brutos e intensos, Manu.

— Na verdade, eu fugi dele. Queria casar e ter filhos, sou muito nova para essas coisas — blefei, para arrancar mais informações sobre o homem que tinha partido meu coração.

— Até você? — Deu uma gargalhada e bateu no meu antebraço, exagerada. — Ele é emocionado demais. Por isso que não para de mandar mensagem para mim, levou pé na bunda da novinha, quer afogar as mágoas na puta de conforto dele. — Passou as mãos no corpo e se exibiu, meu sangue ferveu de ciúmes.

— Então, vocês foderam? — perguntei, engolindo minha raiva como se fosse um tijolo na minha garganta.

— Hum, não sofra tanto, ele não vale a pena. — Balançou a mão, erguendo a sobrancelha. — Venha comigo, você terá o melhor sexo da sua vida.

— Não estou no clima de agradar os outros, eu quero ser mimada. — Tomei um gole de água e encarei a parede com bebidas.

— Eu posso te dar um bom momento. — Ela tocou na minha coxa e afastei sua mão, irritada. Percebendo meu incômodo, ela gargalhou e saiu do banco ao meu lado. — Não precisa fingir comigo, sei que você gosta da putaria. Então, vou deixar você escolher hoje, Novinha. O que vai ser?

— Aquele é seu cliente? — Indiquei com o queixo na direção que ela estava.

— Não, hoje eu tenho uma apresentação no Clube Anjo Perverso. Você também pode vir.

— Bom passeio, ficarei por aqui. — Pisquei um olho e a ignorei, ela apertou meu braço para ter atenção. — Tchau, Madá.

— Diga seu preço ou do jeito que quer fazer, porque hoje estou boazinha e quero ser seu capacho.

Sorri internamente, vitoriosa por ter manipulado a conversa até chegar aonde eu queria. Ainda iria me fazer de difícil, não respondi na hora, observei-a ficar nervosa com meu silêncio.

— Eu tenho curiosidade sobre algo, quero te ver transando com aquele homem antes de você ir para o Clube.

— Vai te custar caro — rebateu, fechando a cara.

— Fale seu preço e, se for demais para mim, arranjo outra.

— Filha da puta.

— Essa sou eu assumindo o controle sobre todos, não apenas os homens. — Puxei meu braço, para ela soltar seu agarre e fiquei de pé, ajeitando o vestido. — Ninguém vai me tocar, serão apenas vocês e meus olhos.

— Teremos que ir para outro lugar, aqui não tem quartos como no Clube. Você tem minha conta, faça o depósito agora de dez mil.

— Dois. — Ergui a mão quando ela ameaçou retrucar. — Quando terminar, vejo se merece o resto. Terá que se empenhar, Madá.

— Vamos ver quem ri por último, Novinha. — Enlaçou seu braço no meu e caminhamos em direção ao desconhecido, peguei meu celular e fiz a transferência que ela pediu.

Fiquei um pouco afastada para ela conversar com o homem, que sorriu com prazer ao ouvir a proposta de Madá. Ele se levantou e acompanhei os dois, sem os tocar, até a saída do bar.

Guardei o celular e localizei meu chaveiro do carro, o botão de emergência estava ao meu alcance. Busquei por Gomes, cada vez menos eu o via, por conta da minha exigência de me sentir livre.

— Você irá com o seu carro ou podemos evitar constrangimentos e manter apenas um automóvel? — o homem soou simpático e cordial. — Não tinha planos para prolongar a noite, mas sua proposta me soou tentadora demais.

— Eu acho que... — fiquei insegura, por um segundo, eu via tudo acontecer do lado de fora do meu corpo e gritava, *apenas pare!*

— Se precisar, eu posso mostrar minha identidade.

— Vamos de uma vez, eu nunca faria mal pra Novinha. Sabe de quem ela é a filha?

Não deveria, mas toda aquela conversa me fazia sentir desconfortável. Acenei com a cabeça, concordando que poderíamos ir com apenas um carro. Entrei no banco de trás e Madá ficou ao meu lado, fazendo o homem, que eu ainda não sabia o nome, conduzir como se fosse o motorista.

— Quem é você? — perguntei, reconhecendo o perfil de algum lugar.

— Sou Guilhermo.

— Italiano?

— Tenho o mesmo nome do meu avô. — Deu de ombros e dirigiu, alternando entre olhar para o retrovisor e as ruas.

— Os nomes não importam. — Madá passou a mão na minha perna e apertei seu pulso, para que parasse. Ela gemeu, odiava estar excitada com toda aquela sensação de insegurança. — Eu gosto de bruto, você sabe.

— E eu não quero ninguém me tocando.

— Tudo bem, nervosinha. — Ela se esticou entre os bancos, depois voltou para a posição com uma bolsa em mãos. — Você está precisando de algo para acalmar os nervos.

— Apenas que vocês se divirtam enquanto eu assisto. — Olhei para a janela, tentando reconhecer o caminho. — Para onde vamos?

— Você, o inferno — Madá falou ao mesmo tempo que senti uma picada na minha

coxa.

Arregalei os olhos e não tive tempo de empurrar a mão que manipulava a seringa enfiada na minha pele. Foi tão rápido, que mesmo eu tendo pensado em ativar o botão de emergência, meu corpo amoleceu e tudo girou ao meu redor.

— Ela apagou? — o homem perguntou, animado.

— Não tenho o suficiente para isso, foi apenas uma dose de entretenimento.

— Caralho, Madá, ela pode reagir.

— Vou amarrar as mãos e os pés, cuide da sua parte que eu faço a minha. — A mulher cumpriu o que disse e meu corpo letárgico não conseguia reagir, eu ouvia tudo sem poder me defender.

— Eu não acredito que você conseguiu enganar a garota. Você é uma puta inteligente, Madá.

— Não o suficiente, já que perdi Giuliano.

— Esqueça esse idiota, eu já disse que resolverei nossas vidas.

— Eu não preciso de outro pau traidor. Vou pegar o dinheiro e finalmente sumir desse lugar.

— Não antes de você chupar meu pau.

— Então, chegue no horário e entregue a leoazinha para seu primo.

— Falando nele. — O homem parou de falar e riu. — Não se preocupe, João Victor, estou chegando em Carmantil com Emanuelle no carro. Lumaria será nossa de volta.

De olhos fechados e cada vez mais sonolenta, eu me esforçava para entender a conversa, mas só conseguia sentir que tinha caído em uma armadilha, que levaria meu pai e tudo o que ele construiu para o ralo.

Tanta arrogância me levou para um buraco pior do que o coração partido que eu estava.

Meu último pensamento antes de apagar foi com Giuliano e ele me resgatando, para obter o meu perdão. Quem dera os sonhos se realizassem, eu não tinha sido uma boa garota para merecer aquilo.



Capítulo 26

Giuliano

A bateria do meu celular acabou de tanto que eu tentei ligar para Emanuelle. Nenhuma das chamadas foi concluída, eu estava desesperado e pensando no pior.

Ódio minava em meu peito e a cada minuto sem notícias da minha mulher, eu planejava a vingança contra minha própria família. Eles não poderiam ser cruéis, o passado de humilhação não poderia ter tanto poder no presente.

Eu era uma pessoa diferente, estava disposto a abrir mão de qualquer compensação para ter uma chance de ser feliz. Por Deus, Emanuelle era apenas uma menina, ela não merecia pagar o preço dos atos de Leonel De Leon.

Minha primeira parada ao chegar em Lumaria foi no Clube Anjo Perverso. Meu nariz tinha melhorado da dor, mas estava inchado e minha aparência era a pior que eu já vi no reflexo do espelho.

Olhei ao redor do meu carro em busca de algo para me defender, nunca achei necessário manter uma arma, mas naquele momento, seria imprescindível. Teria que usar meus punhos e corpo, eu jogaria meus valores no lixo, só para encontrar Emanuelle.

Saí do carro e vasculhei os automóveis ao redor, em busca de um conhecido. Aproximei-me da entrada lateral, que os funcionários entravam e encontrei o segurança que fazia a guarda do lugar.

— Eu preciso de algumas informações, se uma das dançarinas está no lugar — soei desesperado, longe de ser o confiante advogado que eu era.

— Cai fora! — rebateu com o óbvio, cruzando os braços e me intimidando.

— Posso falar com um dos gerentes? É assunto de vida ou morte, envolve De Leon.

— Vou te dar uma última oportunidade. — Ele se inclinou na minha direção, sisudo. — Suma da minha frente ou estragarei ainda mais esse rostinho de playboy mimado.

— João Victor Camargo está? — Era a minha última tentativa. Dei um passo para trás quando ele avançou. — Porra, cara, uma nova guerra vai começar e o Clube será responsabilizado, porque fazíamos as reuniões aqui.

— Um! — Ele tirou uma arma da cintura, de dentro do paletó e me afastei, porque não conseguiria nada. — Dois.

— Merda. — Saí correndo, para me afastar da mira daquele segurança e encontrar uma nova abordagem.

Cheguei ao meu carro, percebi uma movimentação de homens na entrada e sabia que era para mim. Não dava para resgatar Emanuelle sozinho, eu teria que encontrar um aliado e o único que poderia vencer essa guerra era seu pai, Leonel De Leon.

Porra, eu iria morrer, mas não poderia ver o tempo passar sem agir.

Sabendo o endereço de cor, entrei rapidamente no meu carro, saí do estacionamento do clube cantando pneu e orei, pela minha alma. Por mais que o mafioso estivesse agindo com mais diplomacia, a fama de crueldade o precedia.

Nunca pensei que o amor me fizesse sentir tanta coisa diferente. Tudo era por Emanuelle, sua juventude aflorada e a necessidade de preencher um vazio que nunca deveria estar em seu peito. Ela me completava, tanto quanto eu achei que poderia ser a peça faltante na sua vida.

Em outro momento, meu encontro com De Leon seria caótico. Tendo a filha em perigo, não havia outro caminho diferente, seria o impacto de uma bomba nuclear na minha vida e em toda Lumaria.

Parei o carro próximo ao portão imponente da mansão do meu sogro e me permiti um riso irônico. Tinha que ter culhões para namorar a filha daquele mafioso e eu seria o único que o confrontaria. Deveria ter feito antes, buscado uma solução para a nossa união com eles, em vez de ter me escondido, por não ter o controle da situação.

A traição de Madá me fez desacreditar das pessoas, em todas as áreas da minha vida. Nem mesmo a família conseguiu manter a conexão de confiança. Emanuelle chegou na minha vida e mudou tudo, renovou todos os sentimentos que optei por não sentir novamente.

Saí do carro e encarei os homens que se aproximavam, a partir daquele momento, eu abria mão da minha própria vida para que Emanuelle pudesse sobreviver sem consequências irreversíveis.

— Quem é você? — Um dos seguranças do mafioso colocou a mão no coldre e se aproximou. Ergui minhas mãos para o ar em rendição e me aproximei, lentamente.

— Sou Giuliano Camargo e estou aqui como um aliado.

— Nunca. — O homem apontou a arma para a minha cabeça e outro abriu meu carro,

vasculhando.

— Preciso falar com Leonel De Leon. — Respirei fundo, mais corajoso do que eu pensava que era. — Emanuelle corre perigo.

Vi o murro chegando, mas não desviei, porque eu precisava provar que não estava contra eles. Fui empurrado de cara no chão, minhas mãos postas nas costas e amarradas com uma abraçadeira de plástico.

Meu nariz voltou a sangrar, fui erguido e encaminhado para dentro sem nenhum cuidado. Minha visão estava turva, eu não sabia o que eles iriam fazer, mas deveriam executar só depois que minha mulher estivesse sã e salva.

— Localizem Emanuelle, ela está em perigo! — Rosnei ao ser levado pela lateral da casa. — Não percam tempo comigo, ela precisa de ajuda.

— Cale a boca, Camargo. — Levei uma coronhada e tudo girou, meu pescoço perdeu força e deixei a cabeça abaixada.

— Gomes foi abatido — alguém gritou ao fundo e vários xingamentos ecoaram com indignação.

Fui jogado em um chão duro e o barulho forte de metal contra metal me assustou. Sentei-me com dificuldade e reconheci que tinha sido posto em uma jaula. Muitas pessoas se movimentavam ao redor, eu tinha sido colocado de lado para que o mais importante fosse atendido.

Reconheci o pai de Emanuelle a distância. Com a roupa toda preta, postura irritada e olhar raivoso, eu conheceria a ira do dono de Lumaria naquele momento.

Levantei-me, porque eu não era covarde e não estava contra ele. De Leon abriu a jaula, puxou-me pela camisa e deu o primeiro soco no nariz já machucado.

— Sou aliado — falei, cuspindo sangue e cambaleando para trás. Minhas mãos amarradas não me davam a estabilidade necessária, mas teria que ser o suficiente.

— Você é um defunto, porque eu vou te matar com minhas próprias mãos. — Ele veio para cima, tentei desviar e foi pior, porque ele bateu minha cabeça contra as grades da gaiola, caí de joelho no chão e levei outro murro no queixo, minha consciência estava se esvaindo. — Filho da puta, o que fez com minha filha? — Bateu mais uma vez e escorreguei para o chão, batendo a cabeça no piso de cimento. — Onde está Emanuelle? — berrou, aquele era um grito de um pai desesperado, não de um homem cruel que tinha prazer em causar dor.

— Eu não sei, por isso vim avisar — confessei meus pecados, tentando abrir os olhos e não vendo nada. Levei um chute na barriga e cuspi mais sangue, meu corpo doía. — Sinto muito, a culpa é minha.

— Não me importa quem fez a merda, eu quero a minha filha! — Segurou na minha camisa e me deixou de joelhos, ele cuspia no meu rosto por conta da entonação raivosa de cada palavra. — Onde ela está?

— João Victor Camargo — falei, com a cabeça pesada demais para ficar firme. — Meu primo, ele a pegou... eu não sei...

— AHHHHHH! — Bateu-me mais uma vez, fui jogado para trás e minhas costas bateram com força no chão. Estava difícil respirar, mas eu precisava ser forte, para contar o que eu sabia.

— Tentei me afastar... quando soube que... eu não queria. Eu amo a sua filha, De Leon.

— Morrerá engasgado com essa calúnia, minha filha nunca se envolveria com um Camargo. Lixo!

Por mais que estivesse consciente, eu não consegui diferenciar dor de movimento. Tudo parecia ser um filme acelerado, que eu perdia os pontos principais e não entendia nada.

Eu servi de saco de pancadas do mafioso cruel e pai irritado.

Apanhei muito, mas também fui arrastado para um cômodo fechado e me deixaram em um chão confortável, que parecia ser um colchão. Minha roupa foi tirada, água caiu sobre o meu corpo e, quando senti uma picada no meu braço, minha consciência foi retomada aos poucos.

Sentado em uma cama, eu estava com a toalha ao redor da minha cintura, tendo um homem de branco cuidando dos meus ferimentos. Próximo da porta, uma mulher séria de braços cruzados me encarava. Seu rosto era familiar, foi difícil lembrar, mas pensar em Emanuelle clareou minha mente.

Aquela era Sara Benildes, ex-advogada do escritório Rubens & Fonseca. Ela trocou as leis para viver com um mafioso e cuidar dos seus negócios ilícitos.

— Será que podemos conversar ou você precisa de um tempo, depois da surra que levou do meu marido? — ela questionou, dando um passo mais próximo.

— Enquanto Emanuelle não for encontrada, eu não tenho motivo para descansar. — Levantei-me, ajeitando a toalha no corpo e estendendo a mão para a cumprimentar. — Sou Giuliano Camargo.

— Não se iluda com minha simpatia. — Ela apertou minha mão e sorriu com malícia. — No momento, você é apenas um defunto tagarela. Continue.



Capítulo 27

Giuliano

— Onde estão minhas roupas? — Voltei a me sentar, por ter sentido tontura. O homem que cuidava dos meus ferimentos era bem cuidadoso e murmurei um agradecimento.

— Evaporaram. Pule as formalidades e me diga como você conhece minha filha, porque nenhum Camargo está autorizado a entrar em Lumaria, mesmo os que não estão envolvidos com a parte podre.

— Eu não sabia que Emanuelle era uma De Leon. — Mantive seu olhar firme no meu. — Assim que eu soube, me afastei.

— Então, foi você que tirou a virgindade da minha filha e depois deu um pé na bunda dela! — Sara ergueu a mão fechada e respirou fundo, andando de um lado para o outro. — Deveria ter deixado Leonel terminar o serviço, você é a pessoa que mais odeio nesse momento.

— Fiz o necessário para a proteger. — Olhei para o teto, pressionando os lábios para abafar um gemido de dor. O homem estava fazendo o curativo próximo do meu olho e ardeu pra caralho. — Ela estava triste por causa da briga com os pais. Poderia ter insistido no relacionamento, mas eu sabia que nosso vínculo estava fadado ao fracasso.

— Poderia ter mentido que não queria mais nada em vez de sumir! — Ela se jogou sentada ao meu lado e respirou fundo. — Você é um idiota, Giuliano.

— Eu sei.

— Não merece o ar que respira ao lado da minha filha, ela é boa demais para você. Pelo amor de Deus, quantos anos você tem? Deve ter a minha idade!

— Concordo, Sara. — Engoli em seco, endurecendo meu coração.

— Terminei — o rapaz anunciou, recolheu o kit de primeiros socorros e saiu do quarto, me deixando sozinha com a esposa do mafioso.

— Ela gosta de você, Giuliano. Você tinha que ter vindo conversar antes dessa merda ter estourado — murmurou, triste.

— Nunca soube o que era amor, até conhecer Manu. — Olhei para as minhas mãos, emocionado por estar abrindo meu coração com a mãe de Emanuelle. — Tudo o que vivi em meus trinta e oito anos não me prepararam para estar ao lado da única mulher que realmente fez a diferença na minha vida. Troquei minha felicidade pela dela, mas descobri tarde demais que não era suficiente, eu precisava entregar minha vida. Estou pronto para fazer isso.

— Dramático — resmungou, cruzando os braços. — Por enquanto, não é necessário. Leonel está seguindo uma pista e, para que você continue respirando, torço para que ele encontre nossa filha.

— João Victor Camargo é meu primo e esteve em casa antes que eu escapasse. Achei que daria tempo para avisar sobre a ameaça.

— E vocês se reuniam no Clube Anjo Perverso?

— Nunca fui conectado com o lado da família do meu pai, eu ia por outros motivos e cruzava com o caminho do meu primo.

— O que fazia lá, Giuliano? — Ela voltou a se levantar, para me encarar de cima. — Que tipo de perversão te move, para frequentar um lugar como aquele?

— Até conhecer Emanuelle, eu transava com mulheres casadas na frente de seus maridos. Era a minha forma de vingança àquela que me traiu e também frequentava o local.

— Meu Deus. — Ela esfregou a mão no rosto. — E nem gagueja para responder, você é muito frio!

— Estou falando com a mãe da mulher que eu amo, eu não posso manter segredo ou mentir. — Encarei-a, tenso. — Meu sobrenome está acompanhado de muita dor e rivalidade entre nossas famílias, a minha aproximação sempre foi sinônimo de caos.

— Como você fica com alguém sem saber o nome?

— Manu estava acompanhada de uma das dançarinas do clube, agindo igual a elas, eu acreditei.

— Nunca repita isso. — Apontou para mim e voltou a andar de um lado para o outro. — Leonel vai cortar suas bolas e te fazer comer se souber que tratou nossa filha como uma prostituta.

— Eu sempre a protegi, desde o nosso primeiro encontro. Continuei fazendo, mantendo distância e me comportando como um idiota. — Levantei-me, pronto para tomar uma atitude. — E estamos desperdiçando tempo, eu posso ajudar nas buscas de Emanuelle, só preciso de uma arma.

— Se fui proibida de ir atrás da minha filha, você também será. Leonel vai voltar com

Manu, nem que seja a última coisa que ele faça. — Ela me empurrou para sentar e se virou, indo para a porta. — Vou trazer uma roupa para você, não saia daí.

— Tudo bem. — Aproveitei para olhar ao redor e perceber que era um quarto de visitas, com decoração padrão.

Fui ao banheiro, depois me encarei no espelho, eu estava com o rosto bem machucado. Minha cabeça começou a latejar, mas era o mínimo perante o futuro desconhecido de Emanuelle.

Sara voltou com uma muda de roupa masculina, troquei-me rapidamente no pequeno cômodo e voltei para o quarto, ela tinha dois grandes copos nas mãos.

— Tome a vitamina, é a única coisa que desce em situações assim. — Ofereceu e concordei com a cabeça, pegando um deles.

— Obrigado. — Tomei um gole, sem tirar os olhos da mulher. — Eu ainda acho que poderíamos fazer algo em vez de apenas esperar.

— Você não está no comando nessa casa. — Ergueu uma sobrancelha, desafiadora. — E mesmo que tudo não passe de um susto, você não vai namorar minha filha.

— Se Manu voltar, você pode cumprir sua promessa e me transformar em um defunto. — Tomei outro gole da bebida, Sara bufou e desviou o olhar, estávamos de pé, próximos da porta. — Eu estou curioso.

— Com o quê?

— Como uma mulher que defende as leis foi seduzida por um mafioso tão impiedoso?

— Da mesma forma que um homem como você se rebaixou à amante no clube. — Ela me analisou, inclinando a cabeça para o lado. — Você até pode escolher a direção, mas o caminho trilhado sofre interferência do meio que vivemos. Quem se adapta tem mais chance de sobreviver do que aqueles que lutam contra o inevitável.

— Você tem razão, eu tentei controlar o que sentia pela filha do inimigo da minha família. Quis preservar os dois lados.

— É bem provável que todos morram, pela ousadia de ter tocado na nossa filha. De Leon abriu exceção no passado, não cometerá o mesmo erro. — Ela sorriu, cheia de ironia. — Se for muito para você, eu te ajudo a fugir antes do meu marido voltar. Contarei uma história bonita para Emanuelle e ela seguirá a vida, como era o plano dela para essa noite.

— Não posso dizer que estarei tranquilo de saber que minha família será destruída pelo pai da mulher que eu amo. Sei que causei tudo isso, sofrerei de outra forma.

— Precisamos lidar com algo mais urgente, como o DNA. — Ela se aproximou e tomou todo o conteúdo do copo. — Emanuelle tem sangue Camargo e ela nasceu com um propósito.

— O quê? — Arregalei os olhos, tenso pelo vínculo sanguíneo e o quão próximos poderíamos ser. — Eu não... ela é...

— Filha do finado Guilhermo Camargo com uma prostituta que ele mesmo assassinou. — Parte de mim relaxou pela distância de parentesco –quinto ou sexto grau –; a outra parte continuou tensa, por me lembrar de muitas histórias sobre os mafiosos mais cruéis da família. — Fez as contas? Você é tio ou primo dela?

— Mais distante. — Coloquei os dedos na testa, para tentar aliviar a pressão que estava na região. — Meu Deus, ele era quase idoso quando a teve. — Encarei-a, sofrendo com toda a

revelação. — Por quê?

— Dinheiro, Giuliano. Esse homem ajudou a gerar uma vida para a dividir em muitos pedaços em troca de milhões. — Ela tirou o copo da minha mão e negou com a cabeça, porque eu não estava entendendo as entrelinhas. — É tão absurdo, que você não está enxergando o óbvio.

— Tráfico de órgãos? — questionei, com um sussurro, ainda mais horrorizado com a situação. Ao concordar com a cabeça e sair do quarto, eu voltei para a cama, sentei-me com um baque e tive dificuldade com a respiração, porque estava difícil do ar entrar e sair com facilidade.

Não dava para defender minha própria família, nem eu mesmo, que compartilhava o DNA. Se De Leon destruiu os Camargos por conta daquela informação, ele estava fazendo justiça.

Com as mãos no colchão e a cabeça baixa, eu pensava em uma forma de purificar a podridão que existia dentro de mim. Emanuelle surgiu na minha mente, agarrei-me na sua imagem e na quantidade de perdão que eu precisaria implorar para aquela mulher.

Se ela voltar. Se Leonel De Leon tiver piedade de mim.



Capítulo 28

Emanuelle

Meu corpo foi levantado sem que eu pudesse me mexer. Eu não estava amarrada, a dor nos pulsos e tornozelos foi embora, bem como a força dos meus músculos.

— Vai ficar tudo bem, filha — a voz de papai soou tão sofrida e distante, parecia um sonho.

Na verdade, um pesadelo, que embrulhava meu estômago o suficiente para ter ânsia de vômito. No primeiro reflexo, meu corpo foi virado e consegui soltar tudo o que me enjoava.

Pisquei várias vezes, as pessoas tentavam entrar em foco, mas eu via tudo rodar.

— Isso, filha, vomitar vai ajudar. — Com a mão no meu ombro me inclinando para a frente, fiz como meu pai orientou, até que não sobrou mais nada.

Minhas pernas amoleceram e fui erguida no colo. Meus braços conseguiram circular seu pescoço e minha cabeça se apoiou em seu ombro. Os olhos fechados eram um reflexo do quanto eu me sentia protegida com De Leon.

— Te amo, papai — murmurei, suspirando de alívio e retomando as últimas lembranças antes daquele momento.

— Eu disse que queimaria Lumaria se fosse necessário, para te manter segura. — Beijou minha testa e abaixou, entrando em um carro comigo no colo. — Vamos para casa, tudo já foi

resolvido.

— Estou com frio. — Estremeci, percebendo minha pele exposta demais.

— Me dê a porra do seu paletó! — ele exigiu para alguém e meu corpo foi coberto. Encolhi-me para ficar bem protegida no colo dele e suspirei. — Eu deveria atirar em cada olho que ousou mirar seu corpo.

— O que aconteceu?

— Prefiro não saber, para não ter que ir ao inferno e matar esse bando de Camargo mais uma vez. Todos morrerão, Emanuelle, não ficará um inimigo vivo.

Aceitei sua promessa, afinal, por mais que meu sangue não fosse De Leon, eu tinha me tornado uma e seria a herdeira daquele legado.

Deveria ter adormecido novamente, porque acordei em uma superfície macia, em vez dos braços do meu pai. Reconheci que era a minha cama pelo cheiro do travesseiro. Eu estava mais lúcida e consegui abrir os olhos, identificando cada nuance daquele cômodo.

— Oi, filha. — Minha mãe se sentou ao meu lado e fez carinho no meu cabelo. Ela tinha olheiras profundas e um sorriso acalentador.

Forcei meu corpo a se sentar, ela me ajudou e a abracei, apertado. O choro veio sem que eu pudesse controlar, porque a cena de Madá me sequestrando com aquele outro homem invadiu minha mente.

— Eu fiz tudo errado — choraminguei, reconhecendo minha inocência ao mesmo tempo que a perdia. — Burra, fraca, imprudente...

— Você tem apenas dezoito anos, não exija tanto de si mesma. — Ela acariciava minhas costas. — Nós te protegemos demais e não te ensinamos o suficiente para sobreviver no nosso mundo.

— Desculpa, mãe...

— Não há nada para se desculpar, filha. Você está segura em casa e toda essa confusão se transformará em uma história para contar.

— Achei que estava manipulando, mas caí na minha própria armadilha. — Afastei-me com a cabeça baixa. — Ela nunca demonstrou que era minha amiga, mas eu achava que poderia ser melhor do que ela.

— A arrogância é boa, mas precisa ser utilizada no momento certo. — Ela ergueu minha cabeça com a mão no queixo. — Um médico já te examinou e eu te dei banho. Não fizemos nenhum contato íntimo, eu queria perguntar se houve abuso antes de ser invasiva.

— Eu não fui estuprada. — Pressionei os lábios e as lágrimas escorreram dos meus olhos, tendo flashes do que aconteceu. — Fui humilhada, tocada e...

— Quem é a mulher? — Olhei para a porta, papai estava nela, com os braços cruzados e postura agressiva. — Apenas homens foram exterminados, ela vai pagar também.

— A culpa foi minha. — Limpei meu rosto e me ajeitei na cama, com as costas na cabeceira.

— Se eu estivesse preocupado com o certo e o errado, o idiota que está no quarto ao lado também estaria com um tiro na cabeça. Mas não, por sua causa, Emanuelle, eu faço muitas exceções do caralho! — Ele apontou para mim, irritado. — Então, diga o nome que eu quero

saber.

— Ela é minha — rebati, com ódio no coração. Então, as palavras do meu pai fizeram um pouco mais de sentido e franzi o cenho, mamãe tinha se levantado e ido até Leonel. — Idiota do quarto ao lado? — questionei.

— Precisa de mais alguma coisa, filha? — mamãe questionou por cima do ombro, depois murmurou algo para o meu pai. — Agora, não!

— O que foi? — Bocejei, sentindo o cansaço me dominar novamente. — Por que não dizem o que está acontecendo?

— Estou esperando o nome, Emanuelle De Leon! — o mafioso ordenou e o dissuadi de conseguir o que queria, quando me arrastei na cama para dormir novamente.

— Descansa, filha. Eu volto com uma sopa e continuamos nossa conversa.

— Sara, eu não me importo se...

Meu pai foi calado com um beijo na boca da minha mãe, os dois saíram do quarto e me deixaram sozinha, com mais perguntas do que respostas.

Depois que Madá me drogou, eu me lembrava de ter sido arrastada para um lugar com luzes brilhantes e muitas pessoas ao redor. Ela tirou minha roupa, tocou meu corpo, mas como eu não conseguia ficar de pé direito, fui deixada em um canto.

Outras mãos surgiram, as lembranças pareciam tão psicodélicas, que eu não conseguia sentir como sendo reais, por mais que eu soubesse que eram. A memória mais forte era do meu pai me pegando no colo, me salvando em meio ao massacre, como aconteceu quando eu era bebê.

Abracei meu corpo e renovei minha autoconfiança, porque eu tinha sorte de ter alguém que me amava, incondicionalmente. Tirando as dores musculares, eu me sentia bem o suficiente para assumir o controle da minha vida.

Levantei-me da cama, peguei meu robe para cobrir a camisola e fui ao banheiro. Meu reflexo no espelho era de uma garota que tinha passado a noite na farra. Ajeitei o cabelo em um coque frouxo e escovei os dentes, meu estômago vazio resmungou no processo.

Saí do quarto e ia para a cozinha, mas parei no meio do corredor, lembrando-me do idiota do quarto ao lado. Meu coração parecia saber quem era, por acelerar os batimentos. A porta da suíte principal estava fechada, indicando que meus pais estavam lá e ninguém deveria interromper.

Mais uma das ordens que eu não entendia a motivação no passado, mas naquele momento, tudo fazia sentido. Minhas bochechas esquentaram, eu não precisava sentir vergonha daquilo, casais faziam sexo, eu era adulta e lidaria com aquilo.

Abri a porta do quarto de visitas fazendo o mínimo de barulho, esquecendo a educação para matar minha curiosidade. Um homem de pé, olhando pela janela e de costas para mim me fez congelar no lugar. Eu o reconhecia, a saudade sendo acalmada era todo o indicativo de que o idiota do quarto ao lado era Giuliano.

Ele se virou, seu rosto estava coberto de hematomas e, em vez de xingar ou o ignorar, eu empurrei a porta por completo e corri até seus braços. Se ele estava naquela casa e não tinha morrido, era porque ele se importava comigo mais do que eu poderia imaginar.

Choquei meu corpo com o dele, provocando dor em nós dois. Soltei um riso baixo enquanto ele puxava meu rosto com as mãos nas bochechas, para me encarar com a mesma paixão da última vez que nos vimos.

— Oi — murmurou, emocionado.

— Quem te machucou? — Toquei sua bochecha e ele chiou, recuando. — Eu vou matar quem ousou atingir o homem que eu amo — declarei, com minha confiança estabelecida por completo.

— Espero que repense, senão guardarei o nome do meu algoz para mim. — Uniu seus lábios nos meus, uma suave carícia que me fez esquecer qualquer rejeição que eu tinha sentido. — Eu também te amo — declarou e abracei seu pescoço, mesmo o ouvindo gemer em protesto. — Merda!

— Você não me respondeu, deixou que eu pensasse que você não se importava. Agora, aguenta!

— Sou um Camargo, Emanuelle — soltou fraco e eu recuei, juntando as peças do quebra-cabeça que eu nem sabia que existia. Ele se sentou na cama, cansado e o encarei com julgamento, de longe. — Abdiquei qualquer empatia com a minha família a partir do momento que te fizeram refém. Vim até aqui em busca de ajuda para te resgatar e também... implorar pelo seu perdão.

Giuliano caiu de joelhos no chão, usou as mãos de apoio e deixou a cabeça abaixada, arrependido. Eu não sabia o que pensar, apenas que em meu coração, ele nunca tinha deixado o posto do amor da minha vida.



Capítulo 29

Emanuelle

Sentei-me no chão à sua frente e fui me arrastando pelos seus braços, para estar mais perto do homem que ainda me amava. Para me receber melhor em seu colo, ele dobrou as pernas e me abraçou, ignorando a dor que tinha em seu rosto e membros.

— Quem te machucou? — insisti, sussurrado.

— Eu mereci. — Respirou fundo, escondendo o rosto no meu pescoço. — Esqueça meus machucados, quero saber de você.

— Estou bem, sou forte. — Fiquei de frente para ele, envolvendo minhas pernas no seu quadril. — Quero saber se você também é, porque Giuliano, para estar comigo, você terá que esquecer seus valores e aceitar todos os meus.

— Você realmente é filha de De Leon. — Sua mão deslizou da minha lombar para cima, pela coluna, até chegar na nuca. — Desculpe, Manu. Eu só me afastei para te proteger, porque sou um Camargo e nossas famílias são rivais há muito tempo.

— Você tinha dito que seus avós eram Duarte.

— Maternos. Eu convivi mais com eles do que com o lado... problemático da família.

— Eu não me importo de onde você veio, desde que nunca mais se afaste de mim. — Inclinei-me para trás, mantendo meus braços no seu pescoço, para encarar seu rosto machucado.

— Que raiva da pessoa que te machucou!

— Não fique, eu ainda preciso me redimir. — Fechou os olhos, tocando meu rosto com carinho. — O que aconteceu? Como te sequestraram?

— Saí com Madá. — Apertei sua nuca e puxei seu cabelo, ele gemeu de dor. — Você continuou falando com ela, não gostei.

— Porque eu estava preocupado com você. — Tentou sorrir. — O Clube não era um local seguro, eu precisava te proteger, mesmo que você não me quisesse mais.

— Eu vou matar Madá — prometi, séria e ele piscou várias vezes para focar meu rosto. — Ainda sou a mesma garota que você conheceu no clube, rebelde o suficiente para me colocar em perigo. Antes, eu fazia inconsciente, hoje, eu tenho o apoio do meu pai e herdarei o legado De Leon.

— A raiva não é uma boa condutora, Manu. Há outras formas de superar o trauma que você passou.

— Só vou superar a humilhação me vingando. — Aproximei meu nariz do dele. — Ou está com dó da sua ex, que espalhava para todos o quanto você era ruim de cama?

— E pensar que tudo isso me incomodava no passado. — Ganhei um beijo suave na testa, depois fui abraçada com carinho. — Não há nada para decidirmos agora que não seja sobre nós. Me dê a honra de fazer parte da sua vida. Estou disposto a abrir mão do meu sobrenome, da minha carreira e qualquer conexão com a minha família para estar ao seu lado.

— Isso soa tão desesperador — brinquei, mas no fundo, eu tinha gostado da sua declaração. — E se eu não quiser mais do que sexo de despedida?

— Faça como uma viúva negra e acabe com minha vida assim que terminar, porque não haverá mais nada para mim. A surra que levei do seu pai foi apenas o prenúncio do que ele está disposto a fazer, se eu não for suficiente para te fazer feliz.

— Ele que te bateu! — Saí do colo dele, indignada e pronta para ir reclamar com meu pai. — Então, é isso? Eu sou sua última opção?

— A única, Emanuelle. — Levantou-se com dificuldade, dando um passo mais próximo. — E não estou te prometendo devoção por falta de alternativa, EU não quero outra coisa para a minha vida. Só você me fez sentir completo e feliz. Vivi tempo demais para saber o que eu quero. — Suas mãos apertaram meus ombros e meu coração acelerou apaixonado. — Eu quero você, Emanuelle De Leon. Seja minha mulher e compartilhe todos os momentos ao meu lado. Farei valer a pena.

— Eu te amo, Nano. — Dei-lhe um selinho e encostei minha cabeça em seu peito. — E aceito seu pedido, mas precisamos conversar com meus pais. — Recuei para pegar no seu pulso e o puxar para a cama. — Mas antes, eu quero ficar com você.

— Não acho que seja um bom momento para transar, Manu.

— Também estou com saudades, mas não. — Revirei os olhos e o empurrei primeiro para se deitar, depois me acomodei à sua frente, para ficarmos de conchinha. — Estar presente, Giuliano, é tudo o que peço no momento.

— Meus pensamentos nunca te deixaram. — Ele relaxou me abraçando e encaixando sua pélvis na minha bunda. — Tentei achar a melhor forma de te contar que nosso amor era proibido e nunca poderia acontecer.

— Quando eu te passei meu endereço, você viu onde eu morava e deduziu que eu fosse filha de Leonel De Leon, certo?

— Estar com você era me realizar e te colocar em perigo eminente. Meu primo estava te cercando, eu só tinha certeza de que Madá tinha se envolvido. Eles queriam se vingar, eu tentei ao máximo fugir dos jogos de poder de João Victor. Se eu te alertasse, na intensidade dos nossos sentimentos, iríamos fazer uma burrada maior.

— Eu me fortaleci. Na sua ausência, voltei a ter um bom convívio com meus pais. Aprendi sobre os negócios da família e meu pai confia em mim.

— Você está disposta a fazer parte desse mundo sombrio?

— É o preço por ter sido resgatada, pela segunda vez, pelo meu pai. Estou em paz com isso e vou te mostrar os benefícios de me acompanhar.

— Conduza o tanto que conseguir, porque eu vou me recuperar e assumir o controle algumas vezes. — Beijou meu pescoço e espalmou um dos meus seios, com carinho. — Te ouvir falar dessa forma me enche de tesão, Curiosa.

— Guarde essa energia, porque apenas começamos. — Suspirei e fechei os olhos. — Durma um pouco, eu também estou precisando.

— Tudo bem.

Meu sono foi tranquilo e estar amparada nos braços de Giuliano era tudo o que eu desejava. Por mais que eu estivesse disposta a jogar o relacionamento no lixo, na primeira chance de retomar ao ponto que eu me sentia feliz, eu a agarrei, sem pensar no sofrimento que passei com a ausência dele.

Era minha escolha, eu preferia fazer Madá sofrer do que Giuliano. E meu namorado teria todo o tempo do mundo para compensar o lapso de julgamento. Sobreviveu a uma surra do meu pai, o que seria a convivência com a herdeira de um negócio obscuro?

— Eu não autorizei que outra pessoa fodesse nessa casa além de mim! — a ordem do meu pai me fez sentar na cama de susto, acabei acertando Giuliano, que gemeu enquanto se levantava.

— Desculpa! — Virei para o meu namorado e o enchi de beijos antes de olhar para a porta do quarto. — Pai, eu não gostei do que você fez com meu namorado! Não podia ter esperado eu voltar?

— Vamos ter que falar sobre essa merda de novo, Emanuelle? Eu mando nessa casa e vou passar por cima de qualquer um que te machucar, principalmente se for um marmanjo que tem idade pra ser seu pai! — Apontou para o chão.

— Eu poderia começar a te chamar de papai, só pra irritá-lo — brinquei com Giuliano, que colocou a mão no rosto de desespero.

— Saia dessa cama e volte para a sua, Emanuelle! — De Leon estava ficando vermelho e eu me divertia com o poder do meu sarcasmo.

Dei um selinho em Nano, arrastei-me até a porta e beijei a bochecha do meu pai. Em vez de me ofender com suas ordens, deixaria que entrasse por um ouvido e saísse pelo outro, porque nós não iriamos entrar em guerra novamente.

— Por favor, eu preciso dele inteiro. Se puder economizar na surra e focar apenas no

sermão, sua única filha agradece. Eu não gostaria de ir morar em outra cidade, porque meu pai está me impedindo de ser feliz

— Você não pode me manipular, Emanuelle — rebateu, ainda irritado. — Já basta sua mãe penetrando minha mente.

— Aprendi com o melhor. — Pisquei um olho, animada. — A maçã nunca cai longe do pé.

Fui surpreendida com um abraço forte dele, minhas palavras o tocaram profundamente. Minha última declaração indicava o quando eu me considerava sua filha e, para ele, era a reafirmação da sua única insegurança: eu não me considerar uma De Leon.

— Você não me falou o nome, mas encontrei a mulher que participou do seu sequestro.

— Madalena? — Afastei-me, mirando de Giuliano a Leonel. Meu namorado tinha se levantado e aproximou-se cauteloso. — O que fez com ela?

— Está te esperando, ela é sua.



Capítulo 30

Emanuelle

Vários dias depois...

Tomei um gole da taça de vinho e encarei Giuliano, que estava distraído lendo algo no tablet. Sentados na mesa da varanda do lado de fora da casa dos meus pais, nós curtíamos o fim da tarde sozinhos. Leonel e Sara tinham saído para um jantar, dando a bênção para o nosso relacionamento. Mal sabiam eles que já consumávamos nossa união horas depois do jantar que meu pai concordou – com ressalvas – com o advogado fazendo parte da família.

O rosto de Nano estava quase recuperado completamente. Ele cumpriu o que prometeu, fechou o escritório em Carmantil e não saiu do meu lado nem para tomar banho. Seu apartamento foi vendido, os móveis doados e suas roupas vieram para o meu quarto, porque eu não queria morar em outro lugar.

Os homens conversavam pouco, mas era uma questão de tempo para que isso mudasse, porque eu o queria trabalhando comigo. Eu continuei frequentando a faculdade e estava cada vez mais apaixonada pelo meu curso, mas meus objetivos eram outros como operadora do direito.

O meu sequestro apareceu na mídia e as mortes, ofuscadas, meu pai não teve piedade de ninguém. Madá ainda era uma incógnita para mim, porque eu queria me vingar, ao mesmo tempo que não desperdiçaria um segundo da minha vida com aquela pessoa.

Ela continuava livre, mas sob a mira de De Leon e de todos os seguranças da família. Gomes ficou gravemente ferido e nunca mais poderá trabalhar, pelo menos não morreu na execução do seu serviço de me proteger. Eu fazia questão de compensar sua coragem, por mais que dinheiro e oportunidade não fossem o suficiente para seus familiares.

— O que tem em mente, Curiosa? — Nano não tirou o olhar do tablet, ele sempre sabia quando eu estava pensativa demais e precisava da sua atenção. — Você não quis assistir um filme, nem sexo, nem a batida da sua mãe. — Finalmente me encarou, com as sobrancelhas erguidas. — Agora que seu pai liberou o sexo, o permitido ficou sem graça?

— Com certeza, o proibido é mais gostoso. — Tomei mais um gole do suco de uva e olhei para o céu. — Eu estava pensando em Madalena.

— Você estava determinada em se vingar e, por mais que me incomode, eu já aceitei. Cada dia mais, eu estou agregando seus valores aos meus.

— Pois é — resmunguei, insatisfeita.

— O que mudou?

— Ainda sinto uma forte necessidade de compensar. Matar é drástico demais, porque eu tenho parte nesse sequestro. Se eu não fosse tão arrogante...

— Ela tem inveja de você e nada mais cruel para alguém que sonha em ser outra pessoa, é esfregar em sua cara que nunca será. — Giuliano deixou o tablet em cima da mesa e tocou minha coxa. — Apenas você tem meu coração, Madá faz parte do passado que me trouxe até aqui. Nosso relacionamento é complexo e intenso, único.

— Tem mais uma coisa que ninguém poderá ter que é só nosso.

— O quê? — perguntou, todo apaixonado.

— Estou grávida. — Finalmente saiu o que realmente me deixava reflexiva sobre tudo.

A pressão dos seus dedos na minha pele me fez sorrir, seu choque era um bálsamo para a minha necessidade de estar no controle. O normal seria eu estar assustada por esperar um bebê estando no início da minha faculdade, com apenas dezoito anos, mas eu estava focada em completar todo o vazio do meu peito.

Mamãe pediu para que eu encontrasse uma terapeuta, como ela fez depois que assumiu o relacionamento com o papai. Eu precisava me conhecer, não só tratar os meus traumas e valores distorcidos. A profissional não estaria lá para me julgar ou dizer que eu estava infringindo muitas leis, apenas me ajudando a olhar para dentro de mim.

Eu cederia ao seu pedido, depois que eu desse um último passo com Nano. A questão da Madá era uma pedra no meu sapato, eu necessitava fazer algo.

— Você... está grávida? Quando descobriu? — Ele arrastou a cadeira para ficar de frente para mim, ele precisava me tocar com ambas as mãos. — Emanuelle, mas... eu não mereço tudo isso.

— Vai renegar nosso filho? — Fiz bico, irritada e ele se ajoelhou na minha frente, abrindo minhas pernas para que pudesse pousar a cabeça na minha barriga. — Giuliano?

— Sou o homem mais feliz desse mundo, Manu. — Beijou minha barriga várias vezes, me excitando em vez de apenas agradar. — Formar uma família sempre foi meu sonho. Eu achei que estava perdido, que não era para mim, mas agora... você me diz isso e eu... — Segurou meus

quadris e manteve os lábios abaixo do meu umbigo. — Oi, bebê. Eu sou seu pai e estou muito feliz por você existir.

— Para de ser fofo, eu preciso de você perverso. — Tirei-o daquela posição e o fiz se levantar. Segurei seu rosto com as mãos, ele tinha lágrimas não derramadas nos olhos. — Demorei para te falar, porque eu queria me vingar de Madá, encerrar esse ciclo. Eu não sei o que fazer!

— Confesso que não consigo pensar em outra coisa que não seja: eu vou ser pai. — Beijou minha boca uma, duas, três vezes, rindo emocionado. — Foda-se o resto, Curiosa. Vamos seguir nossa vida.

— Mas...

Ele me calou com um beijo, apertando minha bunda e segurando meu pescoço, para assumir o controle. Amava o quanto ele me deixava à frente de tudo e, nos momentos certos, ele não pedia autorização, apenas dominava e eu amava me submeter.

A excitação aumentou, nós poderíamos transar em cima da mesa da varanda sem nos preocupar com meus pais. Segurei na calça dele enquanto sua boca devorava a minha, Nano se afastou e parou de alimentar meu fogo.

— Eu tive uma ideia — ele comentou, ajeitando a própria roupa. — Vou conversar com o segurança disponível e podemos ir.

— O que é?

— Confia em mim. — Pegou minha mão e beijou o dorso, cavalheiro. — Você vai gostar e Madá nunca mais ficará entre nós. Espere aqui e... — Olhou-me da cabeça aos pés. — Ou melhor, coloque um vestido e fique sem calcinha.

— Aonde vamos?

Ele não me respondeu e, excitada com o desconhecido, corri para o meu quarto a fim de fazer o que ele tinha pedido. Olhei para a minha barriga que não estava saliente sob o vestido justo e curto, eu teria outras prioridades e encerrar aquele ciclo me ajudaria a focar na minha própria família.

Leonel De Leon avô, ele vai quebrar o nariz de Giuliano novamente.

Passei um hidratante nas pernas e braços, para ficar cheirosa e fui para a frente de casa, Giuliano conversava com dois seguranças. Por mais que ele ainda tivesse a aparência polida e clássica, aos poucos ele se misturava com minha realidade, deixava de ser um Camargo e se tornava um De Leon.

As histórias se repetiam, mais uma vez.

Entramos no meu carro, ele dirigindo e eu de passageira. Um dos seguranças entrou no banco de trás, pelo visto, iríamos em algum lugar que precisaria de apoio extra de segurança.

Giuliano dirigiu de mãos dadas comigo, eu liguei o som do carro e tentei relaxar, mas estava difícil me livrar da tensão ao pensar que eu não sabia o que iríamos fazer.

“Eu te digo que não quero

Deixe você secar

Mesmo que eu seja o único que se foi

(É suficiente dizer que sinto muito?)”

Project Vela – I’m Sorry

Ao perceber o caminho que tomávamos, encarei o motorista e ele apenas sorriu. Parou o carro no estacionamento do Clube Anjo Perverso e outro se encostou ao nosso lado, era um dos funcionários da família.

— Esperem aqui — o segurança, que estava no banco de trás, ordenou e saiu do carro.

— Onde tudo começou — comentei, não sentindo falta daquele lugar, mas lembrando com carinho da minha primeira vez com Nano.

— No ambiente que Madalena domina e seduz muitos homens, ela assistirá de camarote a consequência dos seus atos: o nosso amor.

— Transar na frente dela? — Arregalei meus olhos, interessada na direção dos seus pensamentos.

— Você disse que queria compensar. Estando segura e comigo, você poderá fazer tudo o que quiser. Conversar, dançar... encerre esse ciclo. Pelo nosso bebê.

O segurança deu sinal com o polegar para cima, do lado de fora do automóvel. Saímos dele, entrei no clube de mãos dadas com meu homem e me senti poderosa. Eu não estava naquele lugar para desafiar meu pai, minha família era mais importante do que qualquer outra coisa.

Foi fácil encontrar Madá, sentada no colo de um desconhecido, vestindo um corpete rendado elegante e uma saia curta, ambos vermelhos. Parei meus passos e Giuliano se posicionou atrás de mim, abraçando minha cintura e ficando com as mãos em cima do meu ventre.

— E, agora? — questionei, com o coração acelerado. Madá nem se deu ao trabalho de olhar ao redor, estava bem focada no cliente da noite.

— Podemos escolher um reservado, um quarto ou esperar a madrugada para treparmos com plateia.

— Você ainda quer fazer esse tipo de coisa? — Virei o rosto para reconhecer a veracidade da sua resposta em seu olhar. — Frequentar um clube e experimentar fetiches?

— Só me interesso quando você está envolvida. — Beijou meu pescoço e meu olhar foi para a mulher de quem eu queria me vingar, ela finalmente nos encarou e não estava feliz. — Estou muito bem do jeito que estamos. Também ficarei bem, no dia que você quiser experimentar algo, desde que pudermos manter a exclusividade.

— Sem ménages. — Concordei com a cabeça e rimos.

— Apenas eu te toco, Curiosa. Só eu posso sentir o quanto sua boceta é gostosa e a sua boca é macia chupando meu pau.

— Eu te amo. — Virei o rosto novamente para beijar sua boca.

Voltei a andar pelo salão, passei ao lado de Mada e a ignorei. Lembrei o caminho para os reservados, entrei em um que tinha a cortina aberta e a fechei, andando ao redor do pequeno palco central elevado.

Do outro lado tinha a parede de vidro, onde mulheres dançavam com pouca roupa. Toquei a superfície transparente e bufei, saudosa, recordando o quanto fui inconsequente.

Acariciei minha barriga e fiz uma promessa, meu bebê não precisaria lidar com meus

erros, nem os dos meus pais. Eu o ajudaria a contar uma nova história, bem mais saudável do que foi a minha.

— Está esperando o que para me humilhar? — Madá invadiu nosso espaço, Giuliano veio para o meu lado, defendendo-me. — Termine logo com isso, não aguento mais ter medo da minha própria sombra.

— Sente-se. — Apontei para o banco do outro lado do palco, depois encarei Giuliano e entramos em um entendimento silencioso. — Eu tenho algo para te dar.

— O quê? — Jogou-se no banco, cruzando os braços, impaciente. — Vai mudar a ordem de De Leon e me deixará ir embora?

— Não. — Ajudei Nano a se sentar, inclinei-me para a frente, desfiz o botão e o zíper da sua calça. — Eu queria te mostrar o resultado do tanto de merda que você jogou em mim. — Virei-me para ficar de frente a ela e ergui a saia do vestido, sentando-me no colo de Giuliano, encaixando seu membro ereto na minha vagina excitada. — Oh! — Mordi o lábio inferior com exagero, subindo e descendo, cada vez mais o sentindo me preenchendo. — Essa sou eu, mostrando que o homem que você nunca valorizou me satisfaz na cama, no dia a dia e é pai do meu bebê.

Sabia que a deixaria chocada o suficiente para que não tivesse reação. Rebolando no colo de Giuliano, eu fazia caras e bocas, gostando da cobiça da mulher e do quanto ela se arrependia de tudo o que fez.

Coloquei a mão do meu homem no meu seio, ele apertava enquanto eu o sentia cada vez mais duro em mim. Aquela vingança era o suficiente, eu não precisava macular seu corpo, apenas trincar a barreira de frieza que existia em seu coração.

— Minha! — Giuliano rosnou alto o suficiente para ela ouvir.

— Está tão gostoso. Meu homem está tão possessivo. Hum! — Agi como uma atriz. — Comigo, Nano. Goza dentro de mim.

Meu corpo estremeceu com minha ousadia, a situação potencializou o orgasmo e Madá saiu do reservado, raivosa. Quando eu estava satisfeita, relaxei meu corpo contra o dele e suspirei, minha missão tinha sido cumprida.

— Nem preciso perguntar, eu sinto. — Deslizou a mão do meu peito para o coração. — Assunto encerrado, Curiosa. Eu te amo.

— Eu amo você, Giuliano. Chega de olhar para o passado, nossa vida seguirá outra direção, em frente.



Epílogo

Giuliano

Anos depois...

Encarei De Leon, que tinha mais cabelos brancos do que no dia que o vi pela primeira vez, esperando o tempo dele para responder. Diferente daquela época, que eu aceitei me submeter à ira por Emanuelle ter sido sequestrada, eu estava no controle.

Meu sogro precisava descansar. Não só a idade, como sua história de vida estava cobrando um preço alto. Ele não precisava mais estar à frente dos negócios, nem ser o chefe da família, eu e Emanuelle poderíamos assumir esse papel com maestria.

— Eu te aceitei como homem da minha filha, nunca irá me substituir como dono de Lumaria — apesar das palavras duras e desconfiadas, eu e De Leon tínhamos estreitado nossos laços há um tempo.

Quando entendi que sua implicância comigo nada mais era que sua forma de dizer que me aceitava, tudo mudou. Sara era o equilíbrio e bom senso da família, eu me tornei a base forte, diminuindo ainda mais os negócios ilegais de Lumaria.

Não precisávamos continuar na ilegalidade e justiça pelas próprias mãos, poderíamos fazer um pouco diferente. E minhas decisões ganharam ainda mais força quando o dossiê da família, sobre nossas origens, foi revelado.

A tal Sirius, uma das CEO da Stars Auditoria e Investigação, trouxe o relatório pessoalmente, por estar envolvida com nosso passado. Manu tinha entrado em contato com Capela no passado, uma especialista digital associada aquela organização.

Descobrimos que Leonel também foi uma criança nascida na família Camargo, que por sua vez, foi massacrada por fazendeiros De Leon, no início do século passado. Um ciclo vicioso e sem fim, não duvidava que ainda antes, os inimigos tinham destruído a outra família.

Eu e Emanuelle estávamos dispostos a dar um fim naquela guerra, unindo Camargo e De Leon, do nosso jeito.

— Eu nunca estarei aos pés de Leonel De Leon, isso é fato e nem precisa de comprovação jurídica. — Ergui uma sobrancelha, apoiando meu antebraço na mesa.

Estávamos no escritório de casa enquanto as mulheres e as crianças nos esperavam na sala de jantar, para comermos a ceia de Natal. Poderia ter minha própria casa, com minha família, mas eu precisava daquela conexão com os pais de Emanuelle, para me sentir pertencente a um lugar que não nasci, eu escolhi estar.

Quatro filhos homens, os únicos que conseguiam tudo com o avô De Leon. Meus tesouros e futuros homens respeitados pela sociedade, sem o uso de força e ameaças.

— Estou cansado, mas ainda tenho muito o que fazer — o homem resmungou, respirando com dificuldade. — Eu não acho que você dará conta, é muito político para o meu gosto.

— Nunca tive a intenção de te imitar, eu tenho o meu próprio estilo. — Sorri, debochado. — Seus netos precisam de você. Se eu estou ficando velho, você ainda mais.

— Deixará minha filha viúva muito cedo.

— Não temos o controle do tempo. Poderíamos esperar sua morte para lidarmos com a sucessão, mas você nunca teria aproveitado a família. Você construiu uma fortaleza, está na hora de apreciar cada um desses pedaços erguidos, sem se preocupar que amanhã você terá uma reunião de negócios.

— Eu nunca tive isso — ele confessou, suave e expondo um lado frágil que poucas vezes se permitia. Aquele homem era inabalável, a casca grossa precisava de um descanso de tanta surra que levou da vida. — Quero mais tempo com a família, mas... — Olhou para o lado, perdido em pensamentos e anseios que eu nunca saberia, era compartilhado apenas com Sara e, às vezes, Emanuelle. Aprendi a admirar, me inspirar e a fazer um pouco diferente, porque ele mesmo queria, só não dava conta.

Hábitos executados há muitos anos eram difíceis de mudar, principalmente aqueles atrelados aos nossos conflitos interiores.

— Planejo dar continuidade ao seu legado, De Leon, ao lado da sua filha e seus netos.

— Você alivia demais para os quatro. Eles precisam de ordem e disciplina, senão nunca sairão debaixo desse teto. O confortável é atraente.

— Diz aquele que não perde a oportunidade de fazer os caprichos deles.

— Eu não preciso educar ninguém, você sim.

— Faço e continuarei fazendo, junto com Manu. — Tamborilei os dedos na mesa, demonstrando impaciência. — Eu não te darei mais tempo, Leonel. Tem que ser hoje, nesse

exato momento, antes das crianças abrirem os presentes. — Inclinei-me para a frente, ficando sério e enfrentando o outro sisudo. — Você sabe que poderá palpitar no que quiser, por mais que tudo esteja no nosso nome. Sua bênção é importante, principalmente seu afastamento emocional, para que...

— Para Lumaria deixar de ser comandada por um mafioso e ter um político bondoso olhando para a comunidade. Nem tudo pode ser resolvido com suas leis, Giuliano.

— Então — ergui um dedo e me recostei na cadeira —, apenas nesses casos, eu burlarei as regras. Mas será em último caso. Um mundo melhor para os seus netos, Leonel De Leon, com você presente na vida deles, criando memórias que eles nunca se esquecerão.

Ele olhou para o lado, depois para mim e se levantou, resmungando. Abriu a sacola que estava no chão, levou-a para cima da mesa e tirou a barba branca da fantasia da sacola.

Aquele era o sinal combinado há muito tempo, em uma sala secreta, para que ninguém soubesse a verdade. Quando De Leon se vestisse de Papai Noel para as crianças, ele não só se afastaria dos negócios, como aceitaria o tratamento que fortaleceria a sua saúde.

Ele se daria uma segunda chance para ser feliz, daquela vez, como o patriarca de uma família desajustada, mas que se fortalecia cada vez mais com amor.

— Eu não vou vestir esse caralho de roupa vermelha. A barba e o gorro são demais para mim.

— O essencial é básico como isso. — Também me levantei, segurando o sorriso orgulhoso por presenciar a transformação daquele homem. — Para as crianças estará perfeito, um Papai Noel Mafioso.

— Eles aprenderão a atirar antes de me enterrarem. — De Leon sorriu enquanto ajeitava o elástico pelo cabelo, colocou o gorro na cabeça e passou por mim, indo para a porta. — Tem minha bênção, Giuliano Camargo. Confio em você e Emanuelle para expandirem a Camargo De Leon.

Acompanhei-o pelo corredor, os meninos gritaram assim que viram o avô de Papai Noel e troquei um olhar com Emanuelle, que chorava junto com Sara. A partir daquele momento, tudo seria diferente.

No Natal em que Leonel De Leon abriu mão do controle, a vida pôde fluir com mais leveza para todos os seus descendentes.

Nem todos os finais felizes eram construídos com histórias positivas. Mas quando alcançávamos o ápice, qualquer transtorno passado se tornava um mero desvio de atenção e, muitas vezes, motivo de riso.

Esse era o poder que o amor saudável tinha na vida das pessoas.

Leia também a história de Leonel e Sara De Leon



Link: https://a.co/d/0whws9t

Sinopse: Tabus e limites não existiam quando se tratava de Leonel De Leon. Vivendo suas próprias regras, o mafioso controlava a cidade e decidia o futuro das pessoas estando em seu escritório. Ele se achava acima de todos, não havia ninguém que conseguisse o atingir.

A advogada Sara Benildes estava em um restaurante, comemorando o aniversário de namoro, quando conheceu o poderoso De Leon. Para ele, a moça petulante e de nariz empinado não era nada.

Eles se reencontrariam meses depois, em situações peculiares. O mafioso tomou para si um bebê abandonado, enquanto Sara perdeu o filho recém-nascido.

Para alguns, a segunda-chance. Para outros, uma realidade deturpada.

Enquanto Sara lidava com o luto amamentando o filho de um desconhecido, ela mergulhava no mundo obscuro de Leonel. Tudo indicava que ela se moldaria ao mafioso, mas era ele que abria o coração e se permitia ter um ponto fraco, uma família.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

Agradecimento

Manu De Leon estava nos meus planos, mas ainda não sabia o seu par, até uma doce coincidência. Publiquei o livro “Meu Chefe Intenso” e reconheci o Camargo do sobrenome de Giuliano. Como meu mafioso excêntrico não se redimiu, eu sabia que faria apenas quando sua filha contasse a história. Aconteceu!

Meu presente de Deus, minha família amada, Fabricio, Amanda e Daniel tornam minha rotina um momento único e especial. Amor e orgulho pela nossa trajetória.

Eu tenho as melhores parceiras de trabalho e posso provar! As Elementas e as autoras do DesafioMariSales, nossa partilha diária faz com que eu ame ainda mais minha profissão. Juntas vamos mais longe.

Sônia Carvalho, minha querida parceira de trabalho, obrigada por fazer parte do processo editorial desse livro.

Minhas leitoras também fazem parte da minha inspiração e motivação, seja lendo, curtindo um post na rede social ou de longe, enviando boas energias. Gratidão por cada incentivo e mensagem de carinho, tudo chega em meu coração. Quero, em especial, agradecer as leitoras que estão no grupo de WhatsApp, por ler e apoiar todos os lançamentos: Adriana Garcia, Alcione, Alecsandra, Aline Braga, Amélia Luize, Ana Paula Vidal, Andréia, Andrômeda (Mª Cristina), Ângela, Beatriz Soares, Bruna Correia, Camila Malvessi, Carina Timm, Carla Staub, Carol, Cella, Cíntia, Cristina Tiemi, Elisangela, Enaê Ezequiel, Éveny Alves, Fátima Aguiar, Fran Barbosa, Gardênia Feitosa, Giane Silveira, Gilcélia Martins, Ilza Mendes, Ivana Sandes, Jessyka Monyka, Juliana Lelis, Juliane, Lariza Moura, Leidiana, Lidiane Franciosi, Livia Guanabara, Luciana, Mariana Telles, Monique Moreira, Nedja Mendes, Patricia Dutra, Regina Fabbris, Roberta de Aguiar, Rosiane Ferreira, Sandra Fontana Aragão, Silvana Brito, Sirlene Rodrigues, Tatiane Nascimento, Thaty, Ticyanne Macêdo, Val Luza e Zaine.

Com Amor, Respeito e Gratidão.

Mari Sales.

Sobre a Autora

Mari Sales é autora de romances com mais de 50 e-books best-sellers e mais de 100 publicações, na Amazon. Uma cuiabana importada para Campo Grande-MS, trabalhou mais de 14 anos como Analista de Sistema, resgatando uma antiga paixão nos últimos anos de TI: os livros. Em junho de 2016, publicou o primeiro e-book intitulado "Completa: O Nascimento de uma Mãe" e trocou escrever linhas de código por histórias de romances clichês inusitados, em 2018. Conhecida pelos dedos ágeis e a disposição para incentivar as amigas, em 2019 criou o projeto DesafioMariSales, possui mais de 22 títulos em versão física pelo Grupo Editorial Portal, 5 títulos em audiolivro e continua pronta para novos desafios.

Site: http://www.autoraMariSales.com.br

Instagram: https://www.instagram.com/autoraMariSales/

Assine a minha Newsletter: http://bit.ly/37mPJGd

Mari Sales
ESCRITORA DE ROMANCES

Outras Obras



Visite o meu site na Amazon e tenha acesso a todos os meus eBooks disponíveis:
https://amzn.to/3vZtDqe